

SÓSTENES RENAN  
CARLA RICHTER  
ORGANIZADORES

# A CASA QUE ME ESPERA

RELATOS E MEMÓRIAS DE DOCENTES DO ENSINO BÁSICO,  
TÉCNICO E TECNOLÓGICO DISTRIBUÍDOS PELO BRASIL



Mentes Abertas



**Sóstenes Renan**  
**Carla Richter**  
(Organizadores)

# **A CASA QUE ME ESPERA**

**Relatos e memórias de docentes do Ensino Básico,  
Técnico e Tecnológico distribuídos pelo Brasil**



Mentes Abertas

Copyright © dos autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada, desde que levados em conta os direitos dos autores.

*Capa e diagramação*

Déborah Letícia Ferreira de Sousa

*Revisão*

Sóstenes Renan de Jesus Carvalho Santos

## **PARECER E REVISÃO POR PARES**

Os capítulos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação e revisados por pares

*Conselho Editorial*

Prof. Dr. Fábio Marques de Souza (UEPB, Brasil)

Prof. Dr. Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebaly (Aswan University, Egito)

Profa. Dra. Marta Lúcia Cabrera Kfoury-Kaneoya (UNESP, Brasil)

*Comitê Científico*

Prof. Dr. Aluizio Lendl Bezerra (UECE, Brasil)

Prof. Dr. Helder Neves de Albuquerque (PPGRN - UFCG, Brasil)

Prof. Dr. Lidemberg Rocha de Oliveira (CODESE-SEEC/RN, Brasil)

Profa. Dra. Robéria Nádia Araújo Nascimento (UEPB, Brasil)

---

Sóstenes Renan e Carla Richter (Organizadores)

**A casa que me espera:** Relatos e memórias de docentes do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico distribuídos pelo Brasil. São Paulo: Mentis Abertas, 2021.

224 p.

ISBN: 978-65-87069-84-5

1. Relatos. 2. Memória. 3. Docência. I. Título.

CDD 370.072

---

# SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS 9

PREFÁCIO 11

## PARTE I – (Des)limites

**Por ar, água e terra: uma jornada para ser inteira no Brasil** 19

Samira dos Santos Ramos

**Mudança do meu destino** 29

Sóstenes Renan de Jesus Carvalho Santos

**A vida: um constante recomeço** 41

Natan Gonçalves Fraga

**Um dia, um adeus** 47

Karinine Carla Albuquerque de Oliveira

**Por onde andei** 53

Jorge Alberto Lago Fonseca

## PARTE II – Em trânsito

**Três estados em mim** 67

Marcos Antônio da Silva

**Da terra dos bonecos gigantes à terra da** 73

**carne de sol do caminho das cruces**

Cristiane de Souza Castro

**Confissões de uma “alma-mãe-EBTT” cheia de saudade...** 77  
Talita de Souza Massena

**O sonho da volta para o aconchego** 83  
Maria Auxiliadora Bezerra de Araújo

### **PARTE III – Metamorfoses**

**Ser mulher, mãe e profissional: o desafio de conciliar a  
carreira e a maternidade entre idas e vindas** 91  
Danúbia Barros Cordeiro Cabral

**EBTT: estou tentando em Telêmaco Borba** 101  
Guilherme Sachs

**Uma realidade diferente daquela sonhada** 111  
Lisiane De Cesaro

**Quando voltar não é a melhor solução** 119  
Manoel Silva e Souza

***Mea culpa!*** 127  
Onilma Freire dos Santos

### **PARTE IV – Fronteiras**

**Longe também é casa** 137  
Carla Richter

**Um relato (quase telegráfico) da minha história no IFPR** 145  
Joyce Luciane Correia Muzi

**Narrativas de uma professora EBT: Adriana sendo Adriana** 151  
Adriana do Socorro Serra Paiva de Moura

**Jornada de Perseu** 157  
Camila de Nazaré Colares da Rocha

#### **PARTE V – Travessias**

**O caminho de volta para casa é a Dutra** 169  
Maiara Alvim de Almeida

**Floresta, navio e sertão: fragmentos de uma travessia** 173  
José Aldo Ribeiro da Silva

**Relato de um caipira: trilhando novos  
caminhos na floresta amazônica** 181  
Bruno Bufuman Alecrim

**A descoberta de uma nova trilha em Tucuruí:  
expectativas, sonhos e motivações** 189  
Carlos Henrique Andrade de Sousa

#### **PARTE VI – Um fecho acadêmico**

**Centro Federal Tecnológico X Colégio de Aplicação:  
experiências e narrativas de um professor de Espanhol** 203  
Antonio Ferreira da Silva Júnior

**Organizadores** 213

**Autoras e autores** 214

**Referências das epígrafes** 224





## AGRADECIMENTOS

A ideia que fez este livro nascer teve início no ano de 2018, em meados de junho. E como parece distante. De lá até aqui, alguns colegas declinaram do projeto e outros embarcaram nele. Uns conseguiram a tão desejada redistribuição; muitos ainda permanecem onde já moravam; e outros simplesmente resolveram que uma coisa e outra (mudar? não mudar?) já não fazia tanta diferença. As razões são de ordem pessoal e profissional, como sabemos, tão louco é o redemoinho do tempo e insustentável o nosso lugar dentro dele...

Bem no começo, alguns relatos foram escritos e enviados; todavia, logo depois a ideia e o livro aquietaram-se (por motivos dispersos), e assim ficaram quase esquecidos, mas nunca vencidos. Três anos se passaram e muita coisa sucedeu em nossas vidas, nesse período de “gestação”. Assim, revisitamos os textos, acrescentando ou suprimindo o que foi necessário. E aqui viemos para entregar ao público essas nossas memórias e histórias, idas e vindas, aventuras e desventuras de tantas jornadas e caminhadas por entre as estradas, as águas e os ares do Brasil.

Não fossem os(as) estimados(as) colegas, hoje amigas e amigos presentes nesta pequena obra, ela não teria sido possível. É um trabalho escrito a muitas mãos, atravessado por múltiplas vozes – sejam as nossas, autoras e autores, sejam aquelas que, de algum modo, encontraram eco e resposta nos nossos relatos. Sim, assumimos os riscos. Não é fácil falar de si, abrir-se em tão sincera escritura e, por fim, enunciar e dar a lume trajetórias, vivências, desejos e angústias pessoais (por vezes, íntimos) que talvez nem supúnhamos um dia ter a ousadia ou a pretensão de contar publicamente. Mas aqui estamos, querida leitora e caro leitor.

Víamos – expressamente – dos quatro cantos deste imenso país, das cinco macrorregiões que o compõem: o Norte, o Sudeste, o Centro-Oeste, o Nordeste e o Sul. Ceamos à mesa do encontro com a palavra que, nalguns momentos, visita as raias da literatura. Movidos “pelo sabor do gesto” (como na canção de Zélia Duncan), interessa-nos degustar o instante que tão logo passa – e que por isso merece atenção e requer alguma pressa em ser fruído. Eis o instante que se nos apresenta: rememorar, ler e ser lido(a).

Rendemos os nossos fraternos agradecimentos, nominalmente, aos(às)

coautores(as), colegas professoras e professores do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico brasileiro, todos da área de Letras: Adriana Moura, Antonio Ferreira Jr., Bruno Alecrim, Camila Rocha, Carlos Henrique Sousa, Cristiane Castro, Danúbia Cabral, Guilherme Sachs, Jorge Fonseca, José Aldo Ribeiro, Joyce Muzi, Karinine Oliveira, Lisiane De Cesaro, Maiara Almeida, Manoel Souza, Marcos Silva, Maria Auxiliadora, Natan Fraga, Onilma Freire, Samira Ramos e Talita Massena. À professora e poeta Aline Monteiro, que tão gentilmente aceitou o convite para escrever o prefácio que segue. E ao professor Dr. Fábio Marques de Souza, da Universidade Estadual da Paraíba, que incentivou o projeto. A vocês, o nosso muito obrigado e obrigada!

Gostaríamos de ressaltar o quanto foi prazeroso organizar esta coletânea: à medida que os relatos chegavam, a sensação de estarmos na direção adequada; a cada leitura realizada, uma emoção diferente. Desde sempre, tivemos ampla liberdade no processo de escrita. Por isso, embora as seções agrupem os textos que compartilham, na singularidade que os caracteriza, determinado aspecto em comum (ainda que mínimo), não combinamos ou demarcamos coisa alguma. Os subtítulos e as respectivas epígrafes oferecem algumas pistas dessa inusitada afinidade. As demais, a leitora e o leitor perceberão com facilidade. Mas nada se repete, nada é banal.

Por fim (e para começar), desejamos que o tempo da espera tenha valido a pena, e que esta colheita possa servir, senão como um objeto de relevância acadêmica, ao menos para a partilha – franca, reflexiva, confidente – de tudo o que tem nos constituído por essas andanças e alamedas: nos muitos lugares já percorridos e nas várias maneiras (e *desmaneiras*) de viver (e *reviver*) as experiências entre nós distribuídas.

**Sóstenes Renan**  
**Carla Richter**  
(Primavera de 2021)

## PREFÁCIO

Aline de Souza Monteiro  
(Professora do IFPB, *Campus Princesa Isabel*)

*o sonho é um querer de duas pernas  
uma põe-se a correr  
a outra senta e espera*

### **Ser docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico: o sonho**

Se houvesse a possibilidade de “vencer na vida” na carreira docente, estar em uma instituição federal de ensino seria certamente uma bela descrição disso. Para além das inúmeras oportunidades de projetos, intercâmbios, pesquisas e publicações, é um salário atrativo com um plano de carreira melhor do que as escolas municipais ou estaduais. Porém, vencer é um conceito limitado que não traduz as experiências profissionais de uma vida. Vencer é fim; depois que se vence, só se tem a vitória. Uma constante pronta e realizada. Vida é processo. Todo dia a gente tece um capítulo novo da nossa história, e ninguém sabe ao certo onde termina um e começa outro. Vida é feita, é preparo de erva echá, é ritual. Até os mais céticos e materialistas entendem que quando morremos nos tornamos alimento para bactérias e larvas. A vida é cíclica. A vitória é estática. São incompatíveis na raiz.

Uma das belezas dos Institutos Federais é sua capilaridade. Seus *campi* chegando em regiões desprovidas de universidades ou escolas técnicas públicas concretizam um dos muitos sonhos de tanta gente que não tem acesso à educação: o de estudar. Os IFs são mundos de sonhos e desejos, de possibilidades e realizações, de aprendizado e crescimento para estudantes e profissionais. Quantas coisas podemos proporcionar a quem amamos se tivermos condições melhores de trabalho? Ser professora aprovada em um concurso federal é aquela encruzilhada na qual damos uma guinada na vida, como sinalizam os sensíveis relatos de experiências deste livro. Sendo assim, a tão falada “estabilidade” chega, mas muitas vezes só no salário que entra mensalmente. A rotina de quem precisa viajar para outro estado ou outra cidade para trabalhar pode virar algo tão inusita-

do que *estabilidade* definitivamente não é uma palavra que pode defini-la.

## **Amor é presença: a (desped)ida**

Há alguns anos, muitos concursos federais deixaram de estampar nos editais as cidades onde o trabalho seria realizado, podendo o servidor convocado escolher dentre algumas opções apresentadas no ato da posse. Ouso dizer que pessoas que trabalham em sua cidade de origem, em alguns *campi*, nem existe. Em outros, é raridade. Docente EBTT, quando assina o termo de posse, assume um cargo e uma nova expertise: ser viajante, habilidade que traz consigo muitos vazios que gritam a ausência das pessoas que amamos.

A capilaridade que leva educação para áreas distantes das capitais e dos grandes centros nem sempre carrega consigo estradas de qualidade e/ou transportes próprios da instituição para estudantes e servidores. Muitos dos servidores precisam mudar-se ou fazer trajetos de centenas de quilômetros semanalmente. Como manter-se estável em uma rotinade horas na estrada, noites mal dormidas, exposição a riscos e solidão? O difícil acesso a algumas cidades pode tornar os translados para o trabalho uma grande penitência e nos fazer questionar a alegria desta conquista. Por que não podemos ter oportunidades tão boas perto de casa? Essa é uma pergunta que o capitalismo responde. Qual o preço de deixar quem amamos precisando de nosso cuidado e ir enquanto precisamos de seus cafunés? Partir é muito difícil. Algumas dores são impronunciáveis.

O amor é um espaço de compartilhamento. Mais do que um sentimento que carregamos sozinhos por aí, o amor existe porque há alguém a ser amado. Amor é relacional, é transitivo. É a presença das pessoas nas quais confiamos e com as quais podemos ser quem realmente somos. É sentimento de segurança e relaxamento. Quando temos que enfrentar situações inéditas e conhecer pessoas novas, é necessário um investimento alto de energia e bastante movimentação. Leva tempo até que tudo se torne familiar e a adaptação é cansativa. Ao mesmo tempo, o processo pode ser um mar de delícias e encontros que jamais teríamos se tivéssemos ficados em nossa cidade natal. Quanto nos transformamos com todas essas novidades? O quanto do nosso trabalho repensamos e reformulamos ao longo dessas estradas e paradas? Quem somos enquanto isso? Quem somos depois disso? Os relatos deste A

*casa que me espera* trazem pistas para responder a essas perguntas e estratégias para lidar com suas respostas.

## **Longe pode ser casa: o enfrentamento**

Seria desonesto de minha parte escrever este texto ao fim do ano de 2021 e não mencionar o que nossos olhos vêm testemunhando nos últimos anos: fome, morte, repressão, corrupção, divulgação de notícias falsas em larga escala. Assalto às instituições de educação e pesquisa científica, congelamento de salários, inflação, desemprego. Todo este contexto tendo uma pandemia como pano de fundo tem nos maltratado e esmagado nossas existências. Apesar de inúmeros avisos e alarmes dos cientistas para os possíveis problemas que nosso estilo de vida causaria, não havia como saber a data certa na qual a catástrofe global iria acontecer.

Na atuação docente, cotidianamente precisamos resistir a resquícios coloniais de abuso de poder, assédio e estruturas rígidas. Como lutar em três eixos (ensino, pesquisa e extensão) com estudantes que não têm acesso a saneamento básico e alimentação de qualidade? Como exigir deles atividades escolares quando trabalham sete dias por semana para alimentar-se e manter a família? Como querer que assistam a aulas virtuais se estão exaustos? Como mantê-los na escola? Decidir entre comer ou estudar não é uma escolha, é uma necessidade. É triste vê-los ter que equilibrar pratos vazios que a realidade os impõe, como se fossem palhaços em um circo macabro que expõe o ridículo de suas condições.

Mas, apesar de tudo, continuamos. Continuamos porque é com resistência que a vidase faz. Caminhamos em frente porque acreditamos que cada passo que damos, por menor que seja, nos tira do lugar e pode contribuir para movimentos outros. Seguimos porque ainda temos sonhos, o que significa que ainda estamos vivos. Lutar essas batalhas fora de casa e sem aquela(e)s a quem amamos por perto, é um desafio a mais. Mas é o sonho que nos move: o sonho de que nós; os estudantes e suas famílias tenhamos a oportunidade de viver com menos intempéries. E tão logo esses sonhos se realizem, entrelaçaremos novos, porque o sonho é a matéria-prima dos fios que tecem a vida. O sonho é a gravidez da realidade.



PARTE I  
*(Des)limites*





# **Nau**

*(Orides Fontela)*

Flutua  
baila  
aladamente baila  
sobre o fluxo.

Flutua  
fere  
o espelho  
puro  
– insinua-se, móvel,  
na água  
viva

Flutua: avança  
(bailado e  
luta)  
aladamente viva  
contra o fluxo.



## POR AR, ÁGUA E TERRA: UMA JORNADA PARA SER INTEIRA NO BRASIL

Samira dos Santos Ramos  
(Professora do IFMG, *Campus Bambuí*)

Nos processos de redistribuição, muita gente quer voltar para casa. Eu não. Crescida em Diadema, cidade satélite de São Paulo (SP), em que até o centro é periférico, permanecer não é uma escolha para mim. Apesar de amar cada ladeira da cidade em que nasci, não suportaria horas de trânsito para chegar ao trabalho e a falta de horizonte. Escolha feita, já havia trocado o grande centro pela calma litorânea de Itanhaém (SP), onde morava e trabalhava em área rural. Mas Confresa, no Mato Grosso, foi *hard*.



Escrevo este relato em mais uma viagem ao aeroporto, digitando no celular. Não posso deixar de dizer que morro de medo de voar. E nunca, nunca, nunca achei que minhas aspirações mais profundas se conjugariam com esta máquina de probabilidade perigosa que é o avião (há mais coisas entre uma decolagem e um pouso que supõe minha vã histeria). No entanto, a viagem que me deixará longe de meus filhos por trinta e oito horas é para levar Marina, a irmã deles, até Palmas (TO), onde ela embarca de volta a São Paulo após as férias. Trinta e oito horas para acompanhar minha enteada ao portão de embarque. É, porém, a última vez. Quando lerem este relato, já estarei em outra cidade, sem necessidade de doze horas de ônibus, incluindo rodar por três estados e um percurso de quarenta minutos de balsa cruzando o rio Araguaia para chegar ao aeroporto. E mais horas sem fim para pegar o próximo

ônibus e voltar para casa.

Quando saí de Itanhaém, explorar o interior do estado de Mato Grosso pareceu-me uma aventura que incluía a oportunidade de ingressar na Rede Federal de Ensino. Eu, com vinte e nove anos, mestrado recém-terminado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (FFLCH/USP), dois filhos pequenos e um marido companheiro, achava que conhecia um pouco o Brasil. Mas o que encontrei em Confresa me assustou bastante: esperei uma vidraça, encontrei um espelho.

Leitor impaciente, provavelmente professor, deseja poucos preâmbulos. No entanto, é necessário avisar que se é a possibilidade de uma mudança que o faz ler estes textos, antes de licenciá-lo a saltar a primeira parte e ingressar no relato que faz jus ao livro, proponho-lhe uma ideia: deslocar-se no espaço é também deslocar-se de si, do que foi. Relato-me para que possa daí enxergar dois mapas: o que percorri e o que se desenhou no que aprendi a chamar “eu”.

## **A meia rasgada**

Fui predestinada. Em minha infância, minha mãe, Fátima, limpava casas cantarolando MPB. Estudara na Paraíba em um colégio de boas freiras italianas que toleravam vez ou outra uma criança negra. Lembrava-me que seu avô tivera a casa invadida pela ditadura, em Campina Grande, por permitir que um professor continuasse a alfabetizar a turma em seu quintal. Meu pai, Benjamin, foi um pequeno empresário de variados interesses comerciais, uma boa cabeça para números e péssima para administração. Sua fábrica de cocadas caseiras surgiu e morreu nas cinzas muitas vezes, assim como o bar, o estacionamento e qualquer outro negócio a que se dispunha, ora arrasando a renda familiar ora proporcionando pequenos luxos e grandes festas. Ele, que estudara até o quinto ano, deu de me chamar de Estudante. Cada criança da família recebia um apelido ao nascer e o pai nunca usava outro termo para se referir a ela. Lembro o som de sua voz me chamando e o prazer de ouvir o novo apelido, mas não o que o fez deixar de usar o dado quando bebê, Milungueta, e passar a chamar-me de Estudante.

A mais nova de quatro meninas, quando nasci minhas irmãs de quatorze e doze anos já trabalhavam para completar a renda familiar e dar qualida-

de de vida às menores. Eu não precisei trabalhar. A pobreza extrema vivida por meus pais e minhas irmãs mais velhas não lambeu meus pés. Éramos pobres e só. Às vezes um pudim era cortado religiosamente em pedaços iguais ou tínhamos pizza, mesmo sem repetição de pedaços.

Se o apelido dado por meu pai não era o destino, tornei-o. No ano em que completei cinco anos, minha mãe se formou como auxiliar de enfermagem. Minhas irmãs tinham pagado o curso. A roupa mais bonita que tive quando criança foi para usar na formatura. Entre as explicações parciais, impacientes e desatenciosas que adultos dão para crianças faladeiras enquanto as arrumam para o desconhecido, entendi que estudar terminava em festa.

Vestiram-me caprichosamente de vermelho. Mas enquanto davam os últimos retoques na maquiagem das mais velhas, caí na areia de construção acumulada na porta de casa e rasguei no joelho a meia-calça preta.

A imagem define todo o meu percurso escolar: vestida para a festa com a



meia rasgada. Uma certa tendência *blasée* de não chegar à perfeição, alimentada por tragédias e escolhas.

Em setembro do meu último ano do Ensino Médio, meu pai faleceu. Deixei a escola por dois meses e só retornei quando os professores entraram em contato com uma tia. Sabiam da nossa tragédia familiar e queriam que eu fizesse trabalhos para não ser retida.

Prestei concursos de acesso às universidades públicas de São Paulo naquele ano, mas não fui aprovada. Senti que eu havia falhado como Estudante. Como primeira da família a tentar o vestibular, não sabia o que era ser aprovada na primeira fase da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) na primeira tentativa após um ano totalmente desastroso. Mas tive uma boa nota no ENEM e fui aprovada como bolsista no PROUNI. Contentei-me. As dimensões políticas, estruturais e acadêmicas de cursar uma faculdade pública ou particular não me eram desconhecidas, mas tampouco eram-me substanciais.

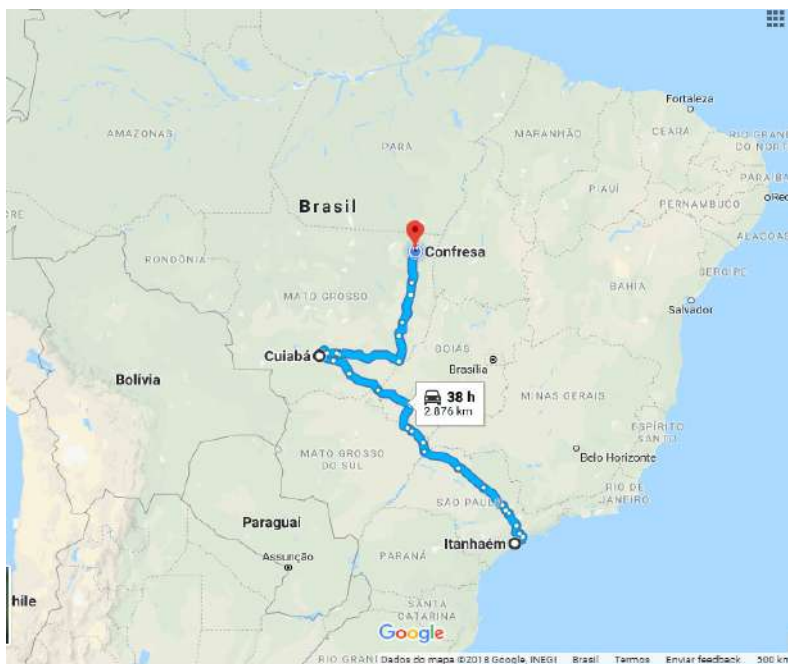
Aos dezoito anos eu ingressava no curso de Letras da Faculdade Diadema. Havia casado já e iniciado meu primeiro emprego formal. Estudei e trabalhei durante toda a licenciatura. Tive muita sorte nos quatro primeiros semestres, aprendendo com professoras maravilhosas, mas a compra da faculdade que cursei por uma empresa educacional que masca e cospe as pequenas instituições derrubou visivelmente a qualidade de profissionais e do curso no último ano. Resolvi que minha pós-graduação seria na Universidade de São Paulo. Consegui. Primeiro uma especialização. Depois o mestrado em Letras. Este cursei já vivendo em Itanhaém. Com dois vínculos empregatícios, um em uma escola do campo em Peruíbe e outro como contratada em projetos, mantinha as viagens semanais para o *Campus* Butantã e mais de uma vez dependi do auxílio financeiro da família para não faltar às disciplinas.

No ano final, resolvi fazer concursos fora do estado de São Paulo. Meu esposo e eu queríamos conhecer outros lugares. Eu queria ingressar na docência de nível superior. Não conhecia os Institutos Federais, nome persistente nos sites de concurso. Na época, tive que escolher entre Rio Grande do Norte e Mato Grosso. Usei a lógica. Não teria dinheiro para ir duas vezes no semestre ao Nordeste e Mato Grosso era mais perto, achava eu. Ainda que não tivesse terminado o mestrado, tinha uma especialização e nenhum artigo publicado ainda. A conta não era boa, mas eu nunca tinha passado por um concurso que exigisse aula para a banca, assim a experiência valeria. Duas vagas. Analisei as cidades e fiz inscrição para Confresa. Desde o primeiro momento, estava disposta a viver a aventura. Pensei em conhecer o mundo. Mas eu não me conhecia.

## Viagem ao meio do mundo

Fui classificada em quarto lugar no concurso de 2015 para a vaga de Professora EBTT – Língua Portuguesa/Literatura no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT). Já havia pesquisado o certame anterior e procurado o nome dos classificados no Diário Oficial da União e todos eles foram chamados. Fiquei tranquila, mas sabia que demoraria. Em junho de 2017, uma colega do grupo de Redistribuição (num aplicativo de mensagens instantâneas) que lecionava no IFMT mandou-me uma mensagem: “arrume as malas, saiu edital de remoção e então vão chamá-la logo”, ou algo perto disso. A convocação veio em quatro de agosto de 2017, pouco menos de dois anos da homologação do concurso. Deveria estar em Cuiabá para a posse em 18 de agosto. Nesta época meus filhos estavam com quatro e dois anos e o dinheiro não abundava. João, meu esposo, também é professor. Sabíamos que passaria o segundo semestre desempregado se ele ficasse em Confresa. Nossa casa em Itanhaém estava em construção. Resolvemos então que iríamos juntos para Confresa de carro, passando antes por Cuiabá para a posse, e ele retornaria na semana seguinte para São Paulo, onde permaneceria até findar o ano letivo. Um combinado lógico e emocionalmente caro.

Sáimos de São Paulo no dia 15 de agosto de 2017 com meus filhos e tudo o que cabia no carro. No porta-malas, itens de cozinha, livros, brinquedos e roupas, uma amostra grátis de um lar. Tudo estava enfiado em sacos plásticos para não perdermos espaço com malas. As sacolas estavam por toda parte e tínhamos que *desencaixar* as crianças ao retirá-las do Renault Clio preto ano 2002, rodeadas que estavam por roupas de cama e itens encaixados nos vãos das cadeirinhas e nos cantos do banco traseiro.



Fonte: *Google Maps*.

Rodamos aproximadamente 1600 quilômetros até Cuiabá em dois dias, pois havia perícia marcada para o dia dezessete à tarde. Chegamos ao meio-dia. O hotel só foi providenciado já na cidade. O Instituto oferece uma formação obrigatória de um dia e meio, assim só pudemos partir de Cuiabá na sexta-feira, novamente ao meio-dia. Da capital a Confresa foram mais 28 horas de viagem.

Era o sexto dia de estrada. Sabia que entre os 1160 quilômetros de viagem de Cuiabá a Confresa havia um percurso de cento e vinte quilômetros de estrada de terra. Quando a terra começou faltando ainda cento e oitenta quilômetros, quase tive um enfarto: os caminhões sumiam em meio a poeira que eles mesmos levantavam. Conforme nos distanciávamos ou aproximávamos, a poeira parecia criar uma dispersão fantasmagórica, que fazia aparecer e sumir os gigantescos caminhões de carga. Se a descrição parece hiperbólica, ousou dizer que ela nem mesmo se aproxima da mágica sinistra do sumiço dos caminhões. Primeiro senti o asfalto chegar, vi depois, quando baixou a poeira. Faltavam ainda 60 quilômetros para Confresa – descobri depois as lutas políticas e territoriais que fazem com que uma BR que liga o



Centro-Oeste ao Norte do país seja recortada por apenas um trecho de terra em Mato Grosso.

A sensação de alívio na chegada foi ampliada pela surpresa. Nenhuma foto, vídeo preparou-me para a cidade. Era mais urbanizada que esperava. Os sites de busca encontram apenas caos. Mas em Confresa também se vive.

Eu já tinha casa alugada. Fiz o acordo pela internet, sem conhecer a cidade e com a referência de meia dúzia de fotos. Chegamos às quatro da tarde. Compramos material de limpeza e procuramos um hotel.

No dia seguinte, alertados que os comércios fechavam ao meio-dia, fomos em busca de móveis para a casa. Porém, às oito descobrimos que já era nove. A região segue o fuso horário de Brasília, enquanto a capital, de onde viemos e onde ajustamos os relógios, apresenta uma hora a menos. A grana já estava escassa após quase três mil quilômetros rodados e fomos aos pregões, lojas de usados. Apenas uma abria aos domingos. Conseguimos um fogão com botijão de gás. Já havia combinado a compra de outras mobílias e eletrodomésticos do docente que eu iria substituir. Nesta segunda noite, com a casa limpa, o fogão e uma caixa de isopor comprada no mercado, dormimos na nova casa, em cima de todas as roupas e cobertas que havíamos levado.

Segunda-feira, às oito horas da manhã, levei meu marido à rodoviária. O voo dele saía de Palmas na madrugada de terça-feira. De lá, fui direto comprar colchões e cama para meus filhos. Ana estava com dois anos e Juan com quatro. Escola foi o segundo passo. À noite, dormimos já no quarto, depois de eu levar uma tarde inteira para montar as camas de madeira apenas com um canivete suíço, já que eu não podia sair de casa para comprar ferramentas pois esperava o restante dos móveis serem entregues.

Na manhã seguinte, tentei falar com meu marido. Meu celular não funcionou. Aguardei um pouco. Fiz almoço e levei as crianças para a escola. No caminho de volta, comprei um *chip*. A atendente, simpática, disse que eu não conseguiria cadastrar o número naquele momento, pois a cidade estava sem rede. Não entendi. Perguntei onde conseguiria acesso à internet na cidade. “Não há, senhora, estamos sem rede”. E se eu precisasse usar o cartão de débito? “Impossível, não tem rede”. Perguntei se ocorria sempre. Respondeu que às vezes. Saí desnorteada. Meu marido estava chegando em casa e eu não conseguia saber se correria tudo bem. Se ele tentasse falar comigo, também não conseguiria. Eu não tinha absolutamente ninguém conhecido em mais

de dois mil quilômetros de distância. Eu estava absolutamente sozinha. Parei o carro. Liguei o ar-condicionado. Fazia trinta e seis graus. Debrucei-me no volante e chorei. Chorei de soluçar, como uma criança. Foi o dia em que conheci a solidão.

Venho de uma família de mulheres fortes e decididas. Em casa, fomos ensinadas para a guerra. Do fundo do poço, a única saída é para cima, diziam-me. Cinco minutos depois, desliguei o ar-condicionado. A gasolina era muito cara, com o litro custando um real a mais do que em São Paulo. Abri a janela, e chorei mais um pouco.

Não sei se o calor ou a consciência do absurdo secou minhas lágrimas. Eu tinha feito uma escolha, não tinha? Precisava de um ventilador, de tv a cabo e mantimentos para o jantar. No dia seguinte iria me apresentar ao *campus* e começar a trabalhar.

Depois voltou a rede. O pânico passou, mas a sensação de que eu estava sozinha e de que a segurança e a felicidade de meus filhos dependiam da minha sanidade foi persistente. Mandeí uma mensagem para minha mãe, avisando que estava sujeita a ficar sem contato, mas que estava tudo bem. Fui cuidar da vida.

### **“Confresinha do Amor”: é mesmo**

Confresa tem o apelido de “Confresinha do Amor” por dizerem que a cidade é acolhedora. Eu confirmo. O difícil é viver consigo mesma. Profissionalmente, não há arrependimento. Para quem sai da rede pública de São Paulo, encontra ótimas turmas e salário diferenciado. A equipe era solidária e parceira – na maior parte dos casos. Ter acesso aos editais de extensão e pesquisa, organizar eventos acadêmicos e culturais, escrever editais, tudo era novo e delicioso. Enquanto isso, ia aprendendo a estar sozinha sem solidão.

Os meses vivendo somente com meus filhos me ensinaram muito. Admirei as centenas de mães solo que conhecia. Valorizei e senti falta mais do que nunca do meu povo. As reuniões barulhentas na casa de minha mãe, minhas irmãs e sobrinhos nos fins de semana em casa. O mar. Meu cachorro. O recorte de mata que via da janela ao acordar. O cheiro do meu marido. Às vezes, sentava na varanda e bebia cerveja. O álcool me deixava mais triste depois, mas rendia fotos felizes para mandar para casa. Eles ficavam tranquilos

por mim. Eu ficava tranquila porque estavam tranquilos por mim. Aqueles casos em que partilhar a dor faz com que ela aumente.

No entanto, aprendi que eu também sobrevivo. *Moço, agorinha eu dei conta desse trem todo.* Em algumas semanas eu já tinha amigos. Mas meus colegas foram companheiros, principalmente outros casais com filhos. Os meus filhos aprenderam a chamá-los de “tios”. Há pouco tempo, minha filha estava no portão quando chegou um casal de professores. Ela disse “mamãe, olha quem está aqui”. Eu perguntei quem era. Ela, sem recordar os nomes, titubeou “ah... são nossa família”.

Meu marido veio. Começou a trabalhar. Arrumamos uma nova casa, mais espaçosa. Passamos a sair mais. Seguiram-se churrascos e fins de semana em propriedades rurais. No trabalho, assumi a coordenação pedagógica. As coisas pareciam estar nos eixos. Mas entre março e abril de 2018 viajei três vezes. A cada três dias de evento, pelo menos mais quatro de estrada. Irritava-me profundamente saber que a estrada prolongava a ausência pelo dobro do tempo indispensável. Além das dores nas costas e noites mal dormidas nos ônibus. Em uma das viagens, por haver apenas dois horários de ônibus por dia, precisei ficar cinco dias fora para participar de dois dias de simpósio. Decidi que viajaria no máximo duas vezes por ano a trabalho enquanto estivesse em Confresa. Péssimo para uma pesquisadora e pretendente a doutora. Estive fora de diversos eventos acadêmicos importantes. Ficava frustrada, mas não desesperada.

De repente, edital de remoção. Não construir uma vida em um novo lugar nos leva à insanidade. Mas construir e desfazer-se de novo também nos toma o equilíbrio. Sair de Confresa rumo a Primavera do Leste, Mato Grosso, aproxima-nos quinhentos quilômetros da família e diminui em oito horas a viagem até o aeroporto. Para mim, uma pesquisadora e mãe, esta conta não pode ser ignorada.

Porém, novamente meu esposo ficará para finalizar um ano letivo. Mas perto desta vez: novecentos quilômetros. Novamente meus filhos mudarão de escola, de amigos e de babá. Novamente precisarei arrumar casa, móveis. Amigos com quem passei o Natal, que se constituíram família para meus filhos, talvez nunca mais veja. Tudo de novo. Pergunto-me se haverá novo fundo de poço ou se já consigo desviar sozinha do buraco. Pergunto-me se escalsei dessa vez com mão calejada ou com ferida aberta. Minha filha teve

febre quando o pai foi embora após uma visita. Vomitou quando eu estive fora. Hoje se recusou a acenar quando subi no ônibus. Meu filho pediu para eu não demorar desta vez. Mas eu vou.

Por isso, doendo em todos nós, vamos para Primavera do Leste. De lá, em dois anos, espero partir para mais perto da família ou para mais perto de um (temível) aeroporto, em qualquer lugar do Brasil. Não posso ser inteira sem isso.

## Um adendo

Este relato foi escrito em 2018. Reli agora, em 2021, e foi delicioso. Principalmente porque me encontro novamente entre caixas, em meu quarto, deitada sobre o computador em meu colchão de *camping*, enquanto monto novamente uma casa. Agora em Minas Gerais, Bambuí.

Outra hora conto as mil aventuras de dois anos em Primavera do Leste. Por enquanto, basta dizer que desta vez João veio comigo e compramos uma casa. Logo minha mãe virá morar conosco.

Perguntam-me se é nosso ponto final. Pergunto-me também. Penso muito em voltar para o Nordeste (de onde minha mãe e meu pai saíram há quase 40 anos) num êxodo reverso. Mas por enquanto, vou tentar ser feliz enquanto trabalho, e conhecer as tantas Minas nos fins de semana, pois as últimas reformas nos impedem de sonhar em conhecer o mundo após a aposentadoria.

E estou 900 quilômetros mais perto da família. E a 270 quilômetros do aeroporto.



## MUDANÇA DO MEU DESTINO

*Sóstenes Renan de Jesus Carvalho Santos*  
(Professor do IFCE, *Campus Tianguá*)

“Preste atenção e é um favor: estou convidando  
você para mudar-se para reino novo.”  
(Clarice Lispector, *Água viva*, p. 57)

Sou o primeiro dos dois únicos filhos de um casal de trabalhadores nordestinos: meu pai, mestre de obras; minha mãe, professora da rede municipal. Não tenho “parentes importantes”, como diria Belchior. Não estou certo de que prenderei a atenção da leitora e do leitor até o final deste relato cheio de personalidades. Mas sou um professor brasileiro por vocação: *vocare* (do latim) – sentir-se e saber-se *chamado*. E ir.

Vivi toda a infância em Terra Nova, uma cidadezinha do sertão pernambucano, localizada a 552 quilômetros do Recife e há muito conhecedora de dificuldades sociopolíticas e de secas cruéis. Sempre estudei em escola pública; conheci o trabalho muito cedo e sou filho do Sertão e de suas ânsias. Sim, porque o sertanejo, personagem da árida realidade, vive de anseios e esperanças. “O heroísmo tem nos sertões, para todo o sempre perdidas, tragédias espantosas. Não há revivê-las ou episodiá-las. Surgem de uma luta que ninguém descreve – insurreição da terra contra o homem. A princípio este reza, olhos postos na altura” (CUNHA, 2016 [1902], p. 132). Daí o desejo de que venha a chuva; a expectativa de que o amanhã pode ser melhor; a devoção a tantos mártires e santas. Na certa, uma hora o sofrimento diminui e a gente segue renovando os ciclos.

Nessa mesma região, aos 21 anos, concluí a graduação em Letras e uma especialização em ensino de língua portuguesa. Escolhi a licenciatura por influência de minha mãe e porque sempre gostei de ler: desde cedo convivi com livros e então eu soube que podiam ser meus companheiros. Além disso, o estudo da literatura sempre me pareceu mais atraente.

Em 2010, ingressei como professor efetivo da rede pública de ensino do estado do Ceará, na qual trabalhei por sete anos.

Mas... sempre quis ser docente do Instituto Federal – e neste ponto o meu relato se desenvolve. Por onde passei até chegar onde vivo hoje? Valeu a

pena? Que percalços enfrentei para realizar o que sempre me pareceu difícil? O que significa, neste momento, estar “mais perto de casa”?

Alguém que me lê poderia perguntar por que, uma vez já sendo professor efetivo de uma rede estadual, eu desejava migrar para algum dos “IFs”. A resposta intermedeia reflexões, e sobre elas ligeiramente discorro.

A criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia é relativamente recente – data de 29 de dezembro de 2008, por meio da Lei 11.892, que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Sancionada pelo então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, essa lei representou um avanço em práticas acadêmicas inclusivas num país fortemente marcado, ao longo da história, por um processo violento de exclusão e opressão contra as chamadas minorias políticas (que são maiorias populacionais), isto é, as pessoas menos favorecidas socialmente. Foi um marco porque veio para consolidar uma rede, gestada e construída como um projeto inovador no país; rede capaz de integrar, já no ensino médio, cursos técnicos, ampliando a oferta de cursos tecnológicos, de graduação e de pós-graduação, tendo a *ciência como princípio pedagógico* e o *trabalho como princípio educativo*.

Além disso, a carreira docente (em vários aspectos) nos Institutos Federais me pareceu mais atrativa, digna e estimulante, pelos relatos que eu escutava de outros colegas; e a real possibilidade de desenvolver projetos (ensino, pesquisa e extensão) com adolescentes e jovens, no pleno exercício de suas potencialidades, sempre me foi convidativa. Tendo em vista, portanto, essa expectativa, fui me alçando aos concursos.

Mas não foi fácil nem rápido.

Eu morava em Juazeiro do Norte, um município de muita importância para o Ceará, e por lá fiquei durante as tentativas que antecederam o êxito na empreitada. Até que, em 2017, imbuído ainda mais do sonho que me movia, comecei a estudar, por várias horas diárias, para mais dois concursos a que me dispus a prestar, agora para bem mais longe. E então, após as três concorridas etapas (prova escrita, prova de desempenho didático e prova de títulos), fui aprovado para docente no IFRO e no IFMS. Pela primeira vez, eu moraria fora do Nordeste.

A saída de Juazeiro foi dolorida, pois ali eu já havia feito alguns amigos muito especiais; há dois anos eu comprara uma casa e muitas vivências me

ligavam àquela cidade. Às vezes, me impressiona como o lugar onde moramos nos influencia. Em Juazeiro, a “terra da fé e o Padre Cícero”, um dos personagens históricos mais relevantes e polêmicos da nossa região, pude conhecer, no cotidiano de uma escola estadual, inúmeras dificuldades dos estudantes da periferia – a desigualdade que, em todas as formas, assola este nosso país. Nessa escola, a convivência diária com tantos jovens e adultos me ensinou que ser professor é um ofício que ultrapassa, em grande medida, as paredes de uma sala de aula.

É uma ação política direta sobre a comunidade em que vivemos; no fazer pedagógico-reflexivo, também o nosso afeto pelo mundo e pelo outro determina se seremos omissos ou se decidiremos pela fraternidade. Pois acredito que lecionar e educar são, em si mesmos, exercícios fraternos no caos aparente do mundo.

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de *estar sendo com* as liberdades e não *contra* elas (FREIRE, 2015, p. 95-96, grifos do autor).

Pelas palavras de Paulo Freire (que em muito me serve de bússola neste compromisso assumido por toda a vida), ao me lembrar de quanto tempo dediquei àquela escola, vejo que o sentimento de que nada foi em vão ainda mais se delinea. Entretanto, se o olhar do caminhheiro se deslumbra no topo da montanha, é certo que os efeitos da escalada também lhe ressumam pelo corpo – e por isso também tive dores naquele ambiente do qual me restam muitas lembranças.

E no “Resíduo” gravado em Drummond (2015, p. 142-143), tenho a certeza:

De tudo ficou um pouco  
Do meu medo. Do teu asco.  
Dos gritos gagos. Da rosa  
ficou um pouco.

Ficou um pouco de luz  
captada no chapéu.  
Nos olhos do rufião  
de ternura ficou um pouco  
(muito pouco).  
[...]

E de tudo fica um pouco.  
Oh abre os vidros de loção  
e abafa  
o insuportável mau cheiro da memória.

Às vezes, a memória tem meandros que preferimos esconder. Mas foi também em Juazeiro do Norte, cidade fundada por um padre político e por uma legião de sertanejas e sertanejos movidos pelo mais autêntico desejo de mudança e fé, que conheci ainda mais o fenômeno das romarias católicas, as quais, por si mesmas, são um acontecimento ímpar nos confins nordestinos. Foi nesse lugar que se ampliou em mim o amor ao povo batalhador e aguerrido, do qual faço parte. Desse modo, tenho por Juazeiro um apreço que não sei avaliar, mas que pode ser mensurado, de algum modo, por minhas lágrimas, quando, naquele março de 2017 eu fechava a porta atrás de mim, em minha casa – deixando-a trancada com meus livros, móveis e outros pertences. Com um vizinho, ficara a incumbência de abri-la de vez em quando, deixar entrar alguma luz e ar e observar se as coisas estavam em seu devido lugar. Quanto a mim, saí em direção a outro estado, no Norte brasileiro, a milésimos de quilômetros dali.

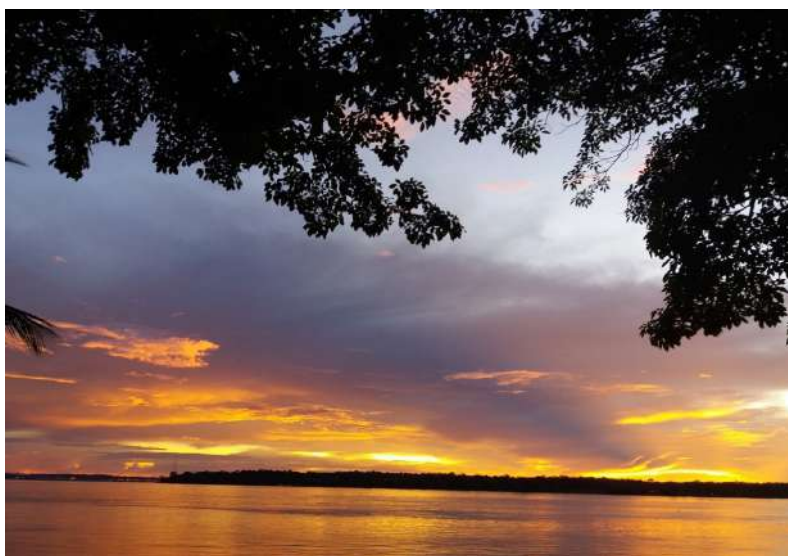
Tomei posse como professor do Instituto Federal de Rondônia, *Campus* Porto Velho Calama, no dia 31 de março de 2017. A temporada no IFRO foi, a um só tempo, provisória e inesquecível. Provisória por um motivo apenas: eu fora aprovado para o IFMS e, quando fosse convocado por este, precisaria, a depender da cidade, decidir em qual IF ficaria “em definitivo”. Por isso, os dias que antecederam o momento da segunda convocação foram ansiosos e expectantes. Fiquei hospedado numa quitinete, próxima ao ponto de ônibus, pois, como não estava de carro, restava-me o transporte coletivo, que tinha de estar em fácil acesso. Naquele espaço apertado, a roupa era lavada no banheiro, em baldes, e em seguida eu as colocava para secar pendurando-as



numa das duas únicas janelas ali existentes. Não costumava fazer comida e sempre gastava com alimentação fora de casa. Os gastos passaram a ser muitos. Dali também fui até Rio Branco, capital do Acre, e desse passeio a figura do gigante Chico Mendes continua comigo.

Por ser um estado tão distante de onde eu vivia, jamais imaginei que um dia moraria ali, mas, se a noção de tempo é sempre tão relativa, asseguro que, durante os quatro meses em que estive em Rondônia, as experiências me foram profundamente marcantes.

Cercada pelo rio Madeira, Porto Velho é uma cidade onde o clima é muito quente e úmido; não é grande nem muito populosa. Mas como esquecer a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e o seu entorno, belo e amazônico, com o vinco da história em sua dimensão, a velha maria-fumaça por testemunha? Daquela paisagem, daquele lugar, sei que o pôr do sol é dos mais imponentes, e a sua tonalidade multicolor por sobre o verde da densa floresta não haverão de me deixar mentir. Porto Velho, que trazes em teu nome lembrança de viagem, de partida e de chegada, de quem vai e de quem fica... diz-me como posso escrever sobre o que vivi naquele *Campus*. O tempo, esse espectro, já fez velhas as experiências?



Pôr do sol amazônico, às margens do rio Madeira, Porto Velho (RO).

Fonte: acervo do autor.

Ali, em toda a carreira, nunca me senti tão querido por estudantes como fui. Comigo, eles teceram simpatia e empatia que não suspeitava pudesse experimentar. Foi agradável trabalhar com elas e eles, que em várias situações de ensino e aprendizagem demonstraram muita inteligência. Se me pedirem para resumir a minha estada em Rondônia e os dias em que estive no IFRO, inevitavelmente apontarei esta frase: os estudantes foram a melhor e mais surpreendente parte da experiência. Eles renovaram em mim o significado de ser professor.

E por esses e outros motivos, foi doída aquela manhã de final de julho de 2017, quando, ao chegar para ministrar uma última aula, fui homenageado, desde os corredores, pela(o)s estudantes de minhas três turmas daquele turno, os quais, exibindo cartazes de agradecimento e afeto, me receberam na sala de aula com um café da manhã coletivo. Fizeram um grande círculo, no centro do qual estava o banquete; cantaram uma música e, enquanto eu lhes abraçava, comovido, agradecia a cada um(a).

Durante o momento, um aluno pediu a palavra e fez um discurso – e mais uma vez eu não contive a emoção. Agora, ao relembrar esse acontecimento, penso em abrir o vídeo com a fala daquele estudante rondoniense que tanto me emocionou. Hesito. Mas, num gesto de recordação e de respeito à singularidade daquele dia, revisito a gravação, feita por um dos alunos. A esses companheiros, minha gratidão à sua autêntica generosidade é eterna. Sei que nada fiz de extraordinário ali. Nada, além de meu ofício, realizei. Mas homenagem assim é impossível esquecer.



Despedida no IFRO, com estudantes do turno matutino (julho, 2017).

Fonte: acervo do autor.

Mais uma vez, e pouco tempo após a chegada, eis uma nova partida e sua dupla face: a saudade e a incerteza que só algumas rupturas trazem.

Este relato não pretende ser romântico. Ao escrevê-lo, tento me concentrar nos fatos que mais me marcaram. Mas é impossível furtar-me ao registro da emoção vivida em Porto Velho, da qual jamais me desvencilharei.

Nessas ocasiões, percebo que uma escola (no sentido de ambiente formal de ensino-aprendizagem) não é um mero espaço onde se trabalha mecanicamente. A escola é um *lugar* de encontros, de afetos e de experiências. À escola, este lugar onde decidi viver por toda uma vida, na condição de aluno e de professor, dedico o meu corpo, minha voz, meus sentidos e sentimentos diários.

Mas a aventura de viver é controversa – desde o mistério que ela mesma encerra até os desafios infindos que se nos apresentam ao longo do caminho, para alguns mais comprido e para outros tão breve... “A vida tão passageira, a arte tão longa”.

E foi assim, não menos movido pelo desejo do acerto na brevidade do tempo, que saí de Porto Velho e, de ônibus, após 30 horas de viagem, cheguei

a Campo Grande – para, no dia seguinte, tomar posse como docente no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS), minha nova escolha.

Vários foram os fatores que me motivaram nessa decisão: maior facilidade, em relação ao acesso, de viajar a Pernambuco e rever meus pais e familiares; a proximidade entre a cidade onde trabalharia e a capital do estado; o fato de ter conhecido, já no concurso, alguns colegas, que também me estimularam à escolha. Então, no dia 2 de agosto de 2017, por vacância, tomei posse e entrei em exercício no IFMS *Campus* Aquidauana.

A chegada foi cheia de incertezas, um misto de sensações: fiz a escolha certa? foi válido sair de uma capital, ainda que mais distante de onde eu vivia antes, e vir morar no comecinho do Pantanal sul-mato-grossense? Lugar pequeno, população pequena... Dúvidas me atravessavam, mas já não havia mais volta.

E assim, a quase 3 mil quilômetros de onde moram meus pais, fui me adaptando à nova vida. Viver distante do Nordeste, esta região tão impregnada em nós que daqui somos, às vezes nos faz sentir como no exílio. Todavia, durante os três anos vividos em Aquidauana, eu soube ainda mais fortemente que a casa de meus pais já não era a “minha casa”; e que precisaria me habituar a vê-los uma vez por ano – e por isso tive saudade.

Quando me pergunto, porém, o que significava naquele momento *voltar para casa*, pergunto-me também: que casa é a minha? Que lugar é o meu? Sei que tenho uma casa em Juazeiro do Norte, e se fosse para responder ao pé da letra, lá estaria essa resposta. Mas, quando revejo quanto é difícil esse retorno (ainda que eu tenha a certeza de que não é impossível), hesito se devo ou não alimentar vivamente a expectativa. Quanto a meus pais, hoje estou mais próximo deles, e sei também que, ao envelhecerem, precisarão mais de mim e vice-versa (no sentido afetivo). Entretanto, essas idas e vindas e andanças fizeram-me pensar sobre os sentidos de estar longe e estar perto desse *porto* a que damos o vago nome de família.

Estar longe da família – esta ciranda dos diferentes – na qual partilhemos afeto e desafeto, ânimo e desânimo, tem o seu quinhão de vantagem e desvantagem. Para que negar? Penso que com a maioria das pessoas também deve ser assim. Quando estamos distantes, sentimos que o outro faz falta; percebemos, de modo mais claro, a importância da sua presença. Claro, se houver amor. Família é a mais densa e complexa teia de relações na qual

somos lançados desde o primeiro dia no mundo: inevitáveis os conflitos, há momentos em que certa distância pode nos ajudar a contorná-los.

Para tanto, a alteridade nos convoca à ação frente ao outro – nosso espelho e contraface. Desse modo, na dança cotidiana de *estar-ser-fazer-conviver*, tive em Aquidauana oportunidades que me permitiram realizar um trabalho que, acredito, foi relevante para aquela comunidade da qual fui parte. Afinal, se não acredito no que faço, quem acreditará? Desenvolvi, junto aos estudantes, e em parceria com alguns colegas que se tornaram grandes amigos, aulas e projetos que nos permitiram consolidar habilidades leitoras e desconstruir preconceitos e visões que tanto podem nos aprisionar.

Tenho até hoje, por esses amigos e amigas, a mais sincera admiração – e a elas e eles confiei o melhor que pude em nossa convivência, naquelas distâncias que nos separavam de familiares amados. Com essas amigas e amigos, debatemos a necessidade de levar aos nossos educandos e educandas reflexões sobre gênero, raça, etnia e sexualidade. Questionamos os padrões sociais impostos pelo machismo, pelo patriarcado, pelo capitalismo, pelas chamadas “elites do atraso”, sempre cínicas e opressoras. Numa sociedade historicamente tão sofrida pela diminuição das mulheres, dos negros e negras, das pessoas LGBTQIA+, das pessoas com deficiência, dos pobres e desvalidos, travamos algumas lutas pelo diálogo, pelo respeito e pela conquista da dignidade a que temos direito.

Nossas armas foram a palavra e a prática, que tentamos transformar em práxis, isto é, a *ação-discurso*, uma coisa o sustentáculo da outra. Tivemos a literatura como um grande suporte, e dela fisgamos o desejo, a fantasia, a emoção, mas também a força para ser mais. A literatura, esta que conforma em nós a virtude da criticidade pela via da reinvenção do mundo – tão necessário impingir a ele significação poética, tornando-o mais palatável aos nossos sentidos e indagações.

Para não sucumbir, há também que fabular.

Quanto aos dias em que vivi naquele pedaço do Pantanal, na boa e tranquila Aquidauana, lugar também de gente muito simples, gostaria de ser poeta para, em versos e “linguagem carregada de significado até o máximo grau possível” (POUND, 2006, p. 32), fazer o meu cântico literário.

Mas o que se destacou naquela seara foram as pessoas mais ligadas a mim, que no início não passavam de desconhecidos, mas se transformaram



aos poucos em bons amigos e amigas. Por isso, em nossos encontros nunca faltavam larga comida e boa bebida. Vivíamos num lugar muito próximo de pontos turísticos famosos, conhecidos pela beleza e magnitude da natureza. Fizemos alguns passeios e muitos encontros aos fins de semana, revezados entre nossas casas, sempre movidos a uma boa conversa, aos desabaços ca-tárticos, a risos e muitas histórias... Um amigo intelectual, cuja casa abrigava talvez a maior biblioteca das redondezas, fez do cinema, improvisado lá mes-mo e por ele, o nosso *point* de cultura e diversão aconchegante. Estávamos juntos, cada um originário de um lugar diferente deste vasto país: Pernambu-co, Goiás, Brasília, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catari-na – e até da China, porque a diversidade sempre esteve entre nós.

No entanto, em fevereiro de 2020, vim-me embora, após uma calorosa e emocionante despedida, realizada na casa de um grande amigo.



Despedida em Aquidauana (MS), com amigas e amigos (fevereiro, 2020).

Fonte: acervo do autor.

Quando escrevi este relato em 2018, todas as vivências relacionadas a Aquidauana e ao IFMS foram narradas com os verbos no presente do in-dicativo. Agora em 2021, ao voltar a elas, tive que reescrevê-las e colocá-las

no tempo passado, pois em março de 2020 eu deixei aquela cidade em direção ao município de Tianguá, localizado na Serra da Ibiapaba (CE), para ser professor no Instituto Federal do Ceará (IFCE). Tinha conseguido a tão esperada (e inesperada ao mesmo tempo) redistribuição – e cá estou outra vez tentando me acertar com os recomeços.

Saí do aeroporto de Campo Grande na madrugada do dia 20 de fevereiro, após uma noite em claro e cheio de ansiedades e de saudades. Cheguei a Fortaleza no mesmo dia, por volta das 10 horas, e logo fui para o apartamento de uma amiga: ela estava em viagem, mas deixou as chaves para que eu ficasse hospedado em sua casa. Passei o feriado de Carnaval entre o aconchego do apartamento arrumado e a agitação da Beira-Mar fortalezense, de que tanto gosto. O meu retorno ao Ceará se dava assim entre muita reflexão e as ebulições carnavalescas – a cidade estava em festa. Fui ainda a dois shows: um da banda Baiana System e outro de Gilberto Gil, e neste último me emocioniei bastante. No dia 27 de fevereiro de 2020, deixei Fortaleza e parti de ônibus em direção a Tianguá, onde moro hoje.

A casa já tinha sido alugada por mim em janeiro de 2020 (quando visitei essa cidade de 75 mil habitantes pela primeira vez, durante dois dias). Agora, ao vir para ficar, no dia em que cheguei fui logo ao supermercado, comprei material de limpeza e deixei na nova casa. Na manhã seguinte, lavei-a. Precisava ganhar tempo. Não conhecia ninguém ainda. E me apresentaria ao *campus* na segunda-feira (02/03/2020). Passei alguns dias numa pousada, até que conseguisse montar a casa com o básico para se viver. Por duas semanas, fiquei sem carro, que estava a caminho numa carreta-cegonha, junto com meus livros e alguns pertences pessoais. Precisei me deslocar de táxi e moto-táxi. Nesse ínterim, tinha que dar conta de muitos afazeres, inclusive burocráticos e relacionados à moradia, além de planejar aulas e estudar conteúdos de disciplinas novas. A responsabilidade aumentara – ser professor na graduação em Letras.

Os demais pormenores deste capítulo outro dia eu conto. Em síntese, porém, recomecei em muitos aspectos da vida: reorganizei como pude minhas coisas; experimentei sentimentos conflituosos; fiz amizades com algumas pessoas muito queridas; sigo morando sozinho e dividindo o silêncio de várias horas comigo mesmo e os livros, neste modesto rincão cearense em que vivo. Leio muito; escrevo minha tese de doutorado e trabalho bastante,

num *home office* que já se estende há quase dois anos e muito mais do que imaginávamos.

Não foi fácil deixar para trás o já relativamente organizado e confortável cotidiano de afetos e trabalho que eu construía em Aquidauana, Mato Grosso do Sul. Não foi fácil encarar uma outra mudança – com todas as dificuldades (materiais e subjetivas) que isso implica. E mais difícil ainda foi chegar à nova morada e, cerca de quinze dias depois, uma pandemia avassaladora nos ameaçar e nos confinar – e encurtar as existências de milhões de pessoas mundo afora.

E talvez por isso tenho pensado ainda mais sobre os sentidos da vida – se é que eles existem. Em todo caso, a “Vida” é essa “líquida esteira onde me deito” – na visão da poeta Hilda Hilst –, pois é movimento incessante. Então, caso me perguntem se (apesar das renúncias) faria de novo o que fiz até agora, direi, do mais íntimo do ser: sim! E se algum dia mudarei novamente de *campus* ou IF; se continuarei nesta cidade por muito ou por pouco tempo; se desejarei rumar a outra paragem, por enquanto não sei. Mas de uma coisa já não há mais dúvida: o que tenho vivido me conduziu (e conduz) a mudanças para *reinos novos*.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Nova reunião**: 23 livros de poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Edição crítica e organização: Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ubu Editora/Edições Sesc São Paulo, 2016 [1902].
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 59. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- POUND, Ezra. **ABC da literatura**. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. Título original: *ABC of Reading*.



## A VIDA: UM CONSTANTE RECOMEÇO

Natan Gonçalves Fraga

(Professor do IFPR, *Campus Campo Largo*)



A minha história começa com o desejo de sair de casa. Queria sair da minha terra. Sou nascido em Mogi das Cruzes, cidade da região metropolitana de São Paulo. O meu mundo eram essas terras, e eu queria mais. Foi então que, impulsionado por uma relação amorosa ligeira, me mudei para Blumenau (SC). Em um mês consegui emprego e deixei São Paulo. A história de amor durou uma lua cheia, no entanto minha estada em terras catarinenses durou sete anos.

Estabeleci-me em Blumenau, porém não me adaptei. Os primeiros anos foram de tentativas de adaptação à minha nova realidade. Os namoros que tive me ajudaram a aceitar os choques culturais. As pessoas naquela cidade eram muito frias, fechadas com as de outras terras. Tinham um discurso conservador, permeado de racismo e rechaço às minorias. Não me adaptei, e os últimos anos em Blumenau foram duros e de solidão.

Um dos episódios mais dolorosos que passei ali foi em meu ambiente de trabalho. Em uma aula de espanhol, na terceira série do Ensino Médio de uma escola privada de estudantes da alta sociedade, propus uma atividade oral na qual os estudantes tinham que expressar a sua opinião sobre diversos temas, dentre eles o programa Bolsa Família. A aula foi tranquila e produtiva, tanto sobre a prática oral em espanhol quanto sobre a reflexão dos temas abordados. Entretanto, uns dias depois, dizia-se por uma rede social que eu teria pedido aos alunos, nesta aula de debate, que votassem na presidenciável da época, a presidenta Dilma Rousseff, porque eu defendia o programa Bolsa Família. A propagação dessa invenção foi tão forte que no dia seguinte o

prefeito da cidade, que era de um partido de direita e pai de uma aluna, foi à escola queixar-se de mim.

Esta situação me foi muito dolorida, pois era uma inverdade. Eu não tinha feito propaganda política em sala de aula e não tinha dado minha opinião sobre o programa social referido, apesar de ser a favor dessa política pública. Desde então, os professores que trabalhavam comigo não me respeitavam mais, faziam comentários e risos de crítica, e os estudantes me apelidaram de “petista maldito”.

Precisava daquele emprego. Já fazia alguns anos que buscava trabalho em São Paulo, mas as oportunidades não surgiam. Queria voltar. Na verdade, queria sair daquela terra provinciana, cheia de aspectos culturais que não me faziam bem.

Estava nas minhas aulas de mestrado (estava no primeiro ano de mestrado em Letras, na Universidade de Londrina), quando um companheiro de sala, que acompanhou este caso que vivi, me diz que o IFPR tinha aberto concurso. Era uma oportunidade, mas confesso que não vi muitas esperanças, pois o mestrado aliado ao trabalho me deixava com pouco tempo livre para me preparar para o concurso. Mesmo assim, resolvi tentar.

Na inscrição, escolhi a vaga de um *campus* da região metropolitana de Curitiba. Pensei na facilidade de morar ao lado da capital do estado. Porém, houve algum problema no *site* e não consegui concluí-la. Tinha que ir trabalhar e deixei para tentar novamente à noite, antes de dormir. Neste intervalo de tempo, lembrei-me que Curitiba era conhecida por ter as mesmas características de Blumenau. Assim, com medo de viver o que vivia em Blumenau, resolvi escolher a vaga do *campus* da cidade mais próxima a São Paulo. Essa cidade se chama Jaguariaíva. Pensei que se não me adaptasse a ela, poderia ir a Mogi das Cruzes aos finais de semana, apesar das 6 horas de distância.

Tomei posse em fevereiro de 2015. O alívio de ter saído de terras catarinenses e daquele colégio era imenso. A alegria de viver em Jaguariaíva se multiplicou ao ver que seu povo era receptivo e amável. Apesar de a cidade não ultrapassar a cifra de 35 mil habitantes, me sentia completo e realizado com aquela pequena cidade. Que bom que não dera certo a primeira tentativa de inscrição do concurso, senão eu não teria me inscrito para trabalhar nesta cidade que foi tão acolhedora comigo.

O *campus* era novo e a proposta pedagógica era progressista. Começar

uma nova fase de minha vida com o desafio de romper com as práticas do ensino tradicional me enchia de vigor. Foram dois anos em Jaguariaíva muito intensos. Jaguariaíva é a minha segunda casa, é a menina dos meus olhos. Foram dois anos que pareceram vinte.

Nestes dois anos, tivemos uma gestão bem complicada. No início, parecia muito democrática e interessada em oferecer à comunidade uma educação de qualidade e inovadora. No entanto, com o passar do tempo, a situação foi mudando e vimos uma gestão abusiva, ameaçadora e ditatorial. No *campus* éramos todos servidores novos, inexperientes com o serviço público. Inocentes. A dor e a união nos fortaleceram e conseguimos a exoneração, muito conflitiva, desta gestão que durou quase um ano e meio no poder. Apesar do trauma, colhemos bons frutos de todo esse caos, como a maturidade, o respeito à diversidade de opiniões, o trabalho produtivo em grupo. Até hoje, o *Campus* Jaguariaíva tem grande destaque devido a essa união de sua comunidade interna.

A proximidade de Jaguariaíva com Mogi das Cruzes trouxe a oportunidade de poder conviver mais com minha família, da qual sentia muita falta. Essa convivência mais frequente estreitou laços, não só com meus pais, mas também com minha história de vida, minha identidade, minha terra. Apesar de Jaguariaíva ter me recebido de braços abertos, o desejo de estar com meus familiares e amigos de longa data aumentava, e cada encontro era alimentado com o amor e com a dor. Assim, comecei a buscar oportunidades de uma possível mudança para um *campus* próximo a Mogi das Cruzes.

Certo dia, me ligam do *Campus* Campo Largo, cidade da região metropolitana de Curitiba. Era um convite para trabalhar ali. Tinham me indicado e o *campus* tinha o interesse em expandir o ensino do espanhol. Primeiramente neguei, pois o meu interesse era ir para São Paulo. Houve uma insistência e decidi pensar sobre a possibilidade. Analisei a oportunidade e cheguei à conclusão de que seria um caminho mais fácil para conseguir uma permuta para São Paulo. Jaguariaíva é uma cidade pequena no interior do estado e por isso não tão atrativa como Campo Largo, que está ao lado de Curitiba. Assim, aceitei o convite na esperança de num futuro próximo conseguir ir para perto de minha cidade natal.

Campo Largo, considerada a menor proporção, é muito parecida com Curitiba, tanto nos aspectos positivos, quanto nos negativos. Cidade bem

estruturada, organizada, com qualidade de vida. Pessoas frias, fechadas e conservadoras. O medo de reviver o que vivi em Blumenau era presente. Entretanto, eu já não era mais o rapaz da época de Blumenau, minha situação profissional também era outra, e com isso tive forças para não me entregar ao medo.

O primeiro mês foi duro. Os meus companheiros de trabalho se limitavam a cumprimentar-me. Os vizinhos me respondiam com um simples olhar. Tão diferente de Jaguariáiva, pois bastava eu olhar para um desconhecido que este já me sorria e dizia “olá”. Uma vez eu estava na minha sala de trabalho, perto da hora do almoço e começou a chover. Sem guarda-chuva e sem carro não conseguiria ir a lugar algum para almoçar. Neste momento, entrou um professor na sala e me perguntou se eu ficaria pelo *campus* e, em caso afirmativo, se poderia deixar seu *notebook* na sala dos professores. Disse-lhe que queria almoçar, mas que, devido à chuva, ficaria no *campus*, pois não tinha guarda-chuva. Ele me disse “certo, vou almoçar e já volto”, e saiu tranquilamente, sem se despedir, sem se preocupar com o fato de eu ficar sem almoço.

Já tinha passado um ano em Campo Largo e eu ainda não tinha amigos. Saí por diversas vezes sozinho e mesmo assim não conseguia estreitar amizades. Também não tinha conseguido nenhuma oportunidade de permuta para o IFSP. Nesse ínterim, descobri que no IFSP o espanhol é oferecido como disciplina optativa. Isso me desanima muito, pois, apesar de ser professor habilitado em português e espanhol, investi minha carreira, estudos e pesquisas na área de língua espanhola. Lecionar português não era o que eu queria e é a realidade dos professores de espanhol dos *campi* do IFSP.

A solidão e a desmotivação com a realidade do espanhol no IFSP tinham começado a refletir no meu físico. Dores estomacais, pele descascando, caspas. Os exames do estômago mostravam que minha saúde estava perfeita. Meu gastroenterologista, ao ver que meu estômago estava perfeitamente saudável, me receitou um antidepressivo. Aquilo foi um soco em minha barriga. Não aceitei me entregar à dependência de antidepressivos. Minha situação precisava mudar. Como queria estar perto dos meus pais e amigos!

Em um grupo de solteiros de uma rede social fiz um desabafo. Como este grupo tem mais de 90 mil membros de todo Brasil, recebi inúmeras respostas, dentre elas, de pessoas que estavam na mesma situação que eu, mo-

rando em Curitiba, vivendo a difícil adaptação à solidão. Reunimo-nos, nos unimos e hoje estes são os meus amigos. Minha saúde melhorou e os meus dias de solidão se acabaram.

Hoje, ainda desejo ir embora daqui. Apesar de estar melhor, a vida me ensinou que se pode estar no melhor lugar do mundo, mas sem as pessoas que se ama, este lugar é um verdadeiro purgatório. Quero estar perto das minhas pessoas, no entanto, não é o momento. A vida é a maior escola. É momento de aprender. As dores são ensinamentos para que os desejos sejam alcançados.

Meu nome é Natan Gonçalves Fraga. Professor de espanhol/português do IFPR – *Campus* Campo Largo. Natural de Mogi das Cruzes, São Paulo. Solteiro. Mais um, entre muitos professores do Instituto Federal que realizaram o sonho profissional de ser professor e pesquisador desta grande instituição de ensino, mas que, para tanto, pagaram e/ou pagam um preço alto em nome de um sonho realizado.



## UM DIA, UM ADEUS

Karinine Carla Albuquerque de Oliveira  
(Professora do IF Sertão PE, *Campus Petrolina*)

Na obra *Os Sertões*, Euclides da Cunha (2016 [1902], p. 115) nos afirma: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”. Estive pensando, dia desses, nessa alegação quando preparava um breve discurso para minha primeira turma do IF Sertão PE que se formou há pouco. E pensei bastante nesses meninos e meninas, muitos dos quais para chegarem ao *campus* tinham de atravessar o rio (São Francisco) ou virem de comunidades quilombolas, indígenas ou assentamentos por demais afastados da cidade; alguns ainda com fome, deixando seus filhos, passando o dia fora de casa para terem acesso a uma educação de qualidade e a uma perspectiva de vida mais digna. Assim, declaro que Euclides da Cunha foi assertivo. Com esses meninos, meus alunos e alunas, aprendi que resiliência não é só uma palavra da moda (dessas palavras motivacionais que vamos ouvindo no percurso da vida), e reconheço que o Instituto Federal conseguiu chegar a lugares inimagináveis. Com elas e eles, percebi o quanto a obra *Os Sertões* continua voltada à realidade que vivenciam. Não sou boa contadora de histórias, ainda mais quando me coloco como personagem principal. Sou sucinta na escrita, ainda que em minha cabeça haja sempre um turbilhão de coisas e informações. Sou estabanada, desastrada, animada, então, geralmente meus textos não condizem com o que as pessoas supõem a meu respeito. O que vai me proporcionar este relato é justamente possibilitar que conheçam um pouco de minhas angústias – por vezes fantasiadas de euforias.

Sou Karinine, docente de Língua Espanhola do Instituto Federal do Sertão Pernambucano desde dezembro de 2015. Antes de entrar no IF, passei por escolas particulares, estaduais e municipais. Embora me incomodem os sistemas nos quais funcionavam tais instituições, estava sempre perto de minha família, dormindo em casa, com os meus. Primeiro obstáculo para muitos de nós: família ou trabalho? Simples? Não. Nessas duas palavras e nessa escolha, uma série de implicações.

Como sou intensa e mais coração que razão, assim que fui convocada pelo IF, pedi, de pronto, exoneração. Isso de pensar sobre “qual dia vou pedir

exoneração em um para tomar posse em outro”, “como devo proceder para não perder tempos de serviço quando quiser me aposentar” não é comigo. Talvez *pensar muito* não seja algo de professor. Quando estamos em sala de aula, tomamos decisões rápidas. Quem bateu em quem? O que fazer? Tava filando? Como proceder? Mais uma chance ou não? E assim vamos acertando e errando. Aprendendo. Entrar no IF era verdadeiramente um sonho. Ser professora de um Instituto Federal traz um *status*, tem benefícios. Não importa local, não importam dias, horários, é um sonho e segue sendo para muitos. É importante deixar claro que nossa profissão deveria ser mais valorizada em todas as esferas e que estando em um IF, temos (ou tive) mais oportunidades de buscar melhorias para exercer minha profissão. Então, para localizar todos os queridos leitores, minha residência fixa, família, coração e alma são do Cabo de Santo Agostinho (PE), região metropolitana de Recife. Passei no concurso do IF Sertão PE, inicialmente para o *Campus* Santa Maria da Boa Vista, que está aproximadamente a 645 km de distância da minha cidade natal, Cabo de Santo Agostinho; e no *campus* Santa Maria da Boa Vista passei dois anos e sete meses. Hoje, estou no *Campus* Petrolina, a aproximadamente 750 km de distância do Cabo, um pouco mais longe, porém com uma estrutura, quanto à cidade, melhor e com aeroporto com voos a Recife todos os dias. Quando a gente entra para o IF, com todos os sonhos de ser “Federal”, parece que tudo vai ser mais fácil. Contudo, para chegar a Santa Maria da Boa Vista (SMBV), precisava sair do Cabo e viajar a Recife por 35 km, já que é da rodoviária da capital que sai o ônibus para SMBV. Pegava o ônibus às 21h e chegava a SMBV no outro dia pela manhã, tomava o banho e já me dirigia ao *campus*. Terminava a semana, voltava para o Cabo. Toda semana era assim. Cabo – SMBV, SMBV – Cabo. Duas noites dormidas no ônibus. Toda semana, toda semana, toda semana, toda semana, toda semana. Essa repetição é cansativa? Na vida real também. Voltando a Euclides da Cunha, há um trecho que diz assim:

E o sertão é um vale fértil. É um pomar vastíssimo, sem dono. Depois tudo isto se acaba. Voltam os dias torturantes; a atmosfera asfixiadora; o empedramento do solo; a nudez da flora; e nas ocasiões em que os estios se ligam sem a intermitência das chuvas – o espasmo assombrador da seca” (CUNHA, 2016 [1902], p. 60).



Entendem?

Tenho três filhos. Final de 2015, eles tinham 8 anos, 1 ano e 11 meses; e o mais novo tinha 1 ano recém completados, respectivamente. A primeira viagem foi bem difícil, chorei muito. Lembrava deles e chorava. O ar-condicionado gelava e o lençol servia mais para enxugar minhas lágrimas e esconder a dor dessa escolha que tinha acabado de fazer. A pior coisa era a sensação de culpa. “Como sair para trabalhar e passar quatro dias fora?”, “Será que as crianças vão lembrar de mim?”, “O que todo mundo vai pensar?”, “Será que eles vão gostar mais do pai?”, “Ou haverá outra pessoa que eles gostarão mais?”. Coisas de mãe. Agradeço à força que Neto, meu esposo, sempre me deu; e ao apoio que minha mãe, Aldenôra, me passava. Parece clichê... Mas, que seja. Sem esse apoio, talvez não tivesse conseguido ou tivesse sido bem mais difícil.

As semanas passavam e ainda não sabia definir se tinha ou não me arrependido da escolha. Encontrava os amigos, recebia palavras de conforto, e me lembravam do peso que a palavra “Federal” representa na sociedade. Em algumas semanas, conseguia dar conta de todas as minhas outras funções sociais: esposa, filha, cozinheira, mãe, etc. Em outras, o cansaço era tão grande que me resumia a ser mãe e ponto.

Mas há dias que ficam em nossa memória. Cheguei em casa, fui recepcionada como sempre: “êêê, mamãe chegou...”. No decorrer do dia, ouvi minha menina, nessa época já com dois anos, chamando a senhora que cuidava dela de “mainha”. Chamava-me de mamãe e a chamava de mainha. Parecia que tinha recebido uma facada no peito. “E agora?”, “Não sou mãe como deveria...”, “Ela gosta mais dela que de mim...”, “Por que escolhi trabalhar tão longe assim?”... Muitas perguntas sem respostas, muitas lágrimas embaixo do lençol, muitas dúvidas, muitos sofrimentos... Nesse ínterim, surgiu a oportunidade de cooperação técnica no IFPE, *Campus Recife*, mas não foi possível. Indeferido. “Será que ninguém me entende?”.

Tempo é bicho solto, é cachorro brabo, é vaca louca, corre e ninguém consegue pará-lo.

Passou um ano, passaram dois. Os altos e baixos seguiam. No *campus*, nas noites mal dormidas, na minha vida. Minha função social de esposa me rendeu algumas lágrimas. Superamos. Era minha função social de mãe que acabava comigo. Meu corpo não respondia mais a mim. Chegava em casa e

só pensava em dormir. Como é bom chegar em casa, dormir na sua cama. Nunca havia valorizado tanto isso como nesse tempo. A redistribuição parecia tão longe quanto a distância do Cabo a SMBV. Mais burocracias e impossibilidades chegavam por e-mail. O sorriso seguia por fora, mas a dor permanecia. Estava cada vez mais difícil.

As viagens de ônibus renderiam vários outros relatos. Como o Instituto onde trabalho fica no Sertão de Pernambuco, região de força cultural, resistência, de povo guerreiro e de vegetação e clima peculiares, é conhecida também por abarcar muitas plantações de maconha, razão das tantas notícias sobre tráfico de drogas. Portanto, é comum acordar de madrugada, no ônibus, com vários policiais (armados, encapuzados etc.) olhando para você; ou ter que descer do ônibus para ser revistada, ou acordar com o motorista chamando seu nome para abrir suas bolsas que estão no maleiro do ônibus, ou deixar os cães de investigação cheirar seus pertences várias vezes. Isso, à 1h ou às 2h, 3h da madrugada. Algumas vezes, numa só viagem. Eu era revistada três vezes por plantões de policiais diferentes em trechos distintos.

Em 2017, consegui uma remoção para o *Campus* Petrolina, que foi efetivada de fato em agosto de 2018. A cidade de Petrolina, embora seja mais distante, dispõe de uma estrutura diferenciada das outras cidades dessa região. É chamada de “Capital do Sertão” e é uma cidade mais turística. Assim sendo, possui um aeroporto com voos nacionais e internacionais, o que me fez optar por essa vaga. Qualquer emergência, estava a 1 hora de Recife, se fosse de avião.

Meu esposo não queria sair do Cabo de Santo Agostinho, era concursado de uma Prefeitura, o que dificultava uma permuta ou algo parecido. Isso também não contribuía para irmos morar perto do meu trabalho. Nesse tempo, meu filho mais velho, então com 10 anos, estava fazendo seleções para entrar em alguma escola de aplicação ou colégio militar. No início desse ano (2018), ele conseguiu passar no Colégio de Aplicação da Universidade de Pernambuco, na cidade de Petrolina.

Agora, não era mais só o meu trabalho, era também uma vontade de todos que meu filho estudasse onde ele tanto queria e se esforçou para tal. A travessia do mapa de Pernambuco com “mala e cuia” se deu na Quarta-Feira de Cinzas de 2018. Essa viagem de mudança renderia outro relato.

Moramos em Petrolina até meados de 2019. Nós cinco apenas. Um dia

de cada vez. Tivemos tantas outras dificuldades. Eu não precisei mais viajar, estava perto dos meus meninos. Passei no Mestrado, consegui afastamento. Voltamos ao Cabo. Sim, voltamos ao Cabo. Tem laços que não se rompem. Começou a pandemia de covid-19. Muitas mortes. Estava em casa, tive mortes em família, mas eu estava em casa. Terapia. Crises de ansiedade. Em casa. Terminei mestrado, entrei no doutorado, voltei para o IF, aulas remotas não sei até quando. Pensar na volta presencial é sentir todas aquelas angústias relatadas. Prefiro não pensar. Um dia de cada vez.

De qualquer forma, sou muito grata. E sei que essa vivência me fortaleceu. Porque ainda que não seja sertaneja, o Sertão tem esse poder de fortalecer quem precisa. Voltando a Euclides da Cunha e a essa sua obra que passou a fazer parte da minha vida: no Sertão, “Os vales secos fazem-se rios”. É real. Sou prova disso.

Agradeço ainda por ter tido a possibilidade de voltar para os meus toda semana. Sei que há professores nesse mundão de IFs que vão nos seus lares só duas vezes ao ano. Reconheço e agradeço.

Arrependo-me de ter assumido esse concurso?

Volto outro dia para dizer.

## REFERÊNCIA

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Edição crítica e organização: Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ubu Editora/Edições Sesc São Paulo, 2016 [1902].



## POR ONDE ANDEI

Jorge Alberto Lago Fonseca  
(Professor do IFFarroupilha, *Campus Panambi*)

Cuiabá (MT), 12 de setembro de 2018, 9h19min, 30°.

O dia amanhece com muita fumaça, logo a temperatura estará em 40°, com uma sensação térmica bem maior, a última chuva volumosa foi em maio, agora somente em novembro. Tempo de muita seca, calor e queimadas, belezas destruídas pelo fogo, encantos ofuscados pela fumaça. Cenário que desperta saudade, dor e angústia. Saudade da família, de uma mãe amorosa para os dias nem tão bons, de uma tia sisuda passando confiança, saudade dos amigos, do verde, da chuva, do frio, saudade!

Minhas inquietações pessoais e profissionais trouxeram-me para cá, no dia 13 de abril de 2016, era noite, fazia muito calor, ao descermos do carro já sentíamos o que nos aguardava, pois parecia que o calor era maior que o anunciado por todos. Alana, minha filha, com a Belinha no colo (sua cachorrinha *poodle*, companheira de longa data), Sandra (minha amiga desde os tempos de universidade) e eu corríamos os olhos curiosos e desafiados pelo novo espaço que começaríamos a conhecer.

Os primeiros desafios começaram no momento da decisão, aceitar a nomeação ou não, sair da zona de conforto, de uma vida aparentemente estável, com um emprego tranquilo, mas em uma função pouco desafiadora para um espírito inquieto, para uma alma insatisfeita, para uma personalidade sonhadora. O prazo já estava correndo, em 30 dias nossas vidas mudariam radicalmente, a estabilidade dava espaço à insegurança, ao desafio; a inquietação aflorava; o medo surgiu, estava vindo para terras desconhecidas, apenas via pela televisão as suas belezas contrastadas com tanto calor, mas isso parecia inimaginável. Foi então que Alana, com seu jeito pueril, mas ao mesmo tempo seguro e decidido, disse: “Vamos, pai! Faça contato com a Sandra, convidando-a para vir junto”. Ela responde: “Vamos!”. Eu já não tinha mais desculpas para não vir, para não encarar, para não me desafiar. Agora, resta-me correr contra o tempo, avisar à minha chefia, estou indo embora, preciso organizar a mudança, fazer exames de admissão, pesquisar sobre a cidade, 30 dias são curtos, passam rápido, minha responsabilidade não permite que eu deixe

tarefas a fazer, pois um dia eu posso voltar.

Aquele guri que nasceu em São Borja (RS) foi acostumado a viver em meio a desafios, com uma saúde frágil durante boa parte de sua infância, olhando a vida correr lá fora através do vitrô da porta, filho de família humilde, pai analfabeto e mãe com pouca escolaridade. Mas é aos 12 anos, talvez, que tenha sentido a sua maior dor, ver o seu pai caído nos fundos de casa com um revólver ao lado – vítima de suicídio. Tempos de muita dor iniciavam-se, agora nossa mãe era a única responsável por três filhos, por três crianças; mulher educada para seguir as decisões de alguém, com saúde muito delicada, de certa forma submissa ao marido. Vimos uma família desfazer-se, cada filho foi para um lado. A Lola (cunhada do primeiro casamento do meu pai) disse: “Eu vou ficar com o Edson!”, o Mano (meu irmão por parte de pai) disse: “Eu vou levar o Márcio comigo!”. Eu fiquei com a minha mãe, tanto eu quanto ela tínhamos uma saúde frágil, minha tia, irmã de minha mãe, levou-nos com ela. A dor de ver um pai morto, de deixar para trás a casa, a família, são sentimentos que me acompanham até hoje, perguntas recorrentes às vezes insistem, e se ele não tivesse morrido, como teria sido a nossa vida? Porém, essas dores tornaram-me mais fortes, agora eu sabia que não teria o direito de errar. Mesmo sem ser o filho mais velho, por muitos momentos assumi essa função, precisava tomar algumas decisões; minha mãe sempre soube nos amar, de um jeito simples, afetuoso, singelo, delicado; minha tia era a disciplinadora; carrego um pouco de cada uma delas comigo. Meu pai havia ficado na lembrança, aquele beijo que espinhava, o bigode espinhava, doces lembranças. Mas de todas elas, recordo-me sobretudo de uma em especial.

Certo dia, estava sentado no sofá da sala assistindo a “bichinhos” na televisão branco e preto, a nossa tia havia nos dado, pois a antiga havia queimado, nosso pai não tinha dinheiro para comprar outra, minha mãe adorava novelas, sua única diversão; então, escuto meus pais conversarem no quarto sobre o meu desempenho escolar, meu pai pedia a minha mãe para que nunca me dissesse que eles não teriam condições de bancar os meus estudos. Entre os meus irmãos, sempre tive destaque nos estudos, um pouco porque gostava, mas, sinceramente, sabia que minha saúde não permitiria que eu trabalhasse no pesado, assim como o meu pai trabalhava, ele era encanador, nos tempos de pouca tecnologia, precisava abrir buracos na rua a pá e a pico,

quebrar paredes com talhadeiras, fazer roscas nos canos de ferro, enfrentar o frio e o forte calor. Ele sempre nos dizia, estudem para vocês trabalharem à sombra.

Acho que esse *slogan* sempre me moveu, com a certeza de querer ser professor, minha tia era professora, daquelas sem formação, que dava aula em casa, com a vara de marmelo ao lado, para usar com aqueles que tinham dificuldade em decorar a tabuada ou “insistiam em não aprender a ler e a escrever”, umas boas varadas despertavam o indivíduo. Não precisei apanhar para aprender, entrei na escola sabendo ler e escrever, tinha uma caligrafia linda, isso me envaidecia, principalmente por ver o orgulho dela, de minha mãe e de meu pai, por isso ele havia proibido de me falarem que não poderiam bancar os meus estudos futuros. Como um encanador, analfabeto iria formar um filho professor? Isso era impossível. Na família dele, ninguém havia se aventurado de tal maneira, mas na família de minha tia, de minha mãe, essa profissão era uma realidade. Minha tia, com a quarta série apenas, intitulou-se professora, ensinou as letras e os números a várias crianças, criou os seus métodos, a sua forma de ensinar, a vara de marmelo e a permissão dos pais para usá-la. Era, quem sabes um dos seus principais recursos, pois aqueles que os pais não permitiam que lhes fossem dados algumas varadas, caso necessário, ela os recusava, nem todos precisavam da vara para aprender, o simples medo já auxiliava no processo de ensino-aprendizagem.

Sempre fui próximo de minha tia, mulher sisuda, solteira, sem filhos, personalidade forte, decidida, sempre disposta a auxiliar aos outros, fez de minha mãe sua filha, dos filhos de minha mãe, seus filhos, assumiu a responsabilidade de ser a nossa matriarca; por vezes, foi muito rígida, fez com que chorássemos muito; em outros momentos muito dócil, amparou-nos como podia, dando-nos casa, estudo e tudo o que precisássemos. Queria muito que eu fosse contador, pois admirava o seu contabilista, via futuro na profissão, mas em minha cidade havia duas opções de curso superior, Letras e Pedagogia. Fui para as Letras, financiado por ela, sabia que não tinha o direito de fracassar, pois ela estava investindo em mim, no meu futuro, ser professor sempre foi uma das minhas escolhas, não importava se fosse de português, literatura, matemática ou geografia, eu queria mesmo era ser professor. A cada ano que passava, a certeza só aumentava, inicialmente a ideia era concluir o ensino médio, procurar trabalho e fazer o Ensino Médio Normal (Magisté-

rio), pois era o máximo que eu poderia sonhar, até ela decidir pagar a minha formação. E, não é que aquele guri franzino, de saúde frágil, começaria a romper com o destino que lhe foi atribuído por aqueles cétricos? Pois estava estudando, não seria um “marginal drogado”, era isso que haviam nos dito. Pobre mulher com três filhos, qual seria o futuro senão a marginalidade? Ledo engado, deu ruim, hoje sou doutor, sinto muito se decepcionei alguns, mas dei orgulho a muitos, principalmente à minha mãe e à minha tia.

Aos 22 anos, torno-me professor de Língua Portuguesa e Literatura, concursado na rede estadual do Rio Grande do Sul, agora sou graduado, sou pai e sou esposo, não foi bem o que a minha tia sonhou, “inventar filho e mulher” nessa idade, mas foi o que o destino nos reservou, ela ficou insatisfeita, ferida, mas quando viu Alana, pegou-a no colo, deu o primeiro banho. Aquele olhar sisudo de desapontamento, talvez amargurada por não ter tido os seus próprios filhos, deu espaço àquela mulher dócil, amável e protetora, nunca vi tamanho amor dela por alguém, como o amor que ela demonstrou pela Alana, a nossa menina. Agora, éramos uma família, ela, eu, Alana e sua mãe. Eu era pai, esposo, filho, sobrinho, professor, mas eu tinha só 22 anos, isso me assustava, mas sabia que não poderia parar, tinha uma especialização para fazer em outra cidade, a mãe da Alana precisava voltar a estudar, ainda não havia terminado o ensino médio, eu queria alguém para caminhar ao meu lado, então isso era uma necessidade, ela precisava concluir o ensino médio, fazer uma graduação, porque eu já não queria mais somente a graduação, na minha escola tinham muitos professores que foram meus professores reclamando da vida, somente com a graduação. Seus salários eram baixos, mal dava para sobreviverem, muitos eram aposentados, voltaram a trabalhar para terem melhores condições de vida, eu não queria esse futuro, não queria ficar 30 anos reclamando da minha profissão na sala dos professores, eu optei por ser professor, eu quis ser professor.

Aos 24 anos, concluía a especialização, assumia a vice-direção do noturno de uma escola com aproximadamente dois mil alunos, com uma diversidade imensa, estudantes focados em meio a estudantes que bebiam muito e se drogavam, sem perspectivas; professores desanimados com o sistema em meio a professores motivados recém-chegados; professores aposentados em meio a professores em início de carreira; professores cansados em meio a professores com muita energia, alunos cansados de suas jornadas diárias em



meio a alunos com muita disposição. Foram 4 anos de muita aprendizagem; agora eu era pai, esposo, filho, sobrinho, professor, vice-diretor, aquela insatisfação bateu, queria mais, já não estava sendo desafiado, estava há 4 anos na mesmice e não aceitava de jeito nenhum, o sistema jamais iria me frear. Quero fazer mestrado. Como irei fazer mestrado? Moro no interior, sou professor da rede pública estadual. “O governo não dá nenhum incentivo, você quer fazer mestrado para quê? Não há diferença salarial nenhuma”. Quero fazer mestrado para não ficar 30 anos reclamando da minha profissão na sala dos professores, nos corredores e em sala de aula, se eu não posso mudar o sistema, quero mudar a mim, mas o sistema não irá me engolir. Trabalhava manhã, tarde e noite, em três escolas com realidades totalmente diferentes, uma rural, uma na periferia e uma no centro da cidade, enquanto isso a Alana crescia e eu não via, a tarefa de ser pai e esposo, filho e sobrinho tornava-se cada vez mais difícil, mas eu queria fazer mestrado. Então fui!

Aos 28 anos, sou pai, esposo, filho, sobrinho, professor, mestrando, candidato a diretor da mesma escola que eu fui vice, e já havia me aventurado a concorrer ao cargo de diretor da escola rural, sem sucesso, mas com muita aprendizagem. Foi o primeiro contato real que eu tive com a disputa desleal pelo poder e por interesses próprios a qualquer custo, mas isso não me assustou, a escola rural de 100 anos foi também uma escola para eu aprender a enfrentar novos desafios que estariam por vir. Ao concorrer a diretor em uma escola com mais de mil alunos, com mais de 100 professores e funcionários, acusaram-me de sonhador e isso motivou-me, pois percebi que sonhar valia a pena, pois aquele guri que nasceu no Bairro do Tiro, que não quis seguir o caminho que lhe haviam traçado, agora sonha em ser diretor de uma das maiores e mais tradicionais escolas da cidade; aquele estudante carente voltou para ser professor, vice-diretor e diretor, aqueles que um dia foram seus professores, agora são seus colegas e apoiavam-no nesse sonho, pois queriam uma escola diferente, não mais aquela que estava com a mesma direção há cinco anos. A escola também queria se aventurar a ter um jovem diretor, sonhador!

A vitória veio e o sonhador/idealizador/utópico, juntamente com muitos sonhadores, venceu, mas como nem tudo são flores em nossas vidas, como os desafios sempre se impuseram à minha vida, seriam três anos de muitas dificuldades, de muitas lutas, insatisfações, frustrações, pois um novo governo

também assume a gestão do estado, um governo extremamente neoliberal, focado em cortar gastos, reduzir pessoal, enturmar, autoritário, objetivando fazer mais com menos, com menos pessoal, com menos recursos financeiros, com mais alunos em sala, com sucateamento de escolas. O turno noturno, do qual sempre fui muito orgulhoso, pois foi ele que me alçou à direção da escola, estava sendo fechado autoritariamente, sem nenhuma justificativa plausível. O sonhador titubeia, sofre, chora, entristece-se, colegas são demitidos, remanejados, o diretor que sonhou ao lado de muitos, nada poderia fazer, estava engessado, o descontentamento de alguns gera uma insatisfação, não só pelo governo, mas também pela direção, pois agora eu era portador de muitas notícias negativas, eu tinha a função de amenizar tantas perdas, e aliado a isso, havia interesses obscuros de colegas, colegas da profissão que eu havia escolhido, colegas que torcem pelo quanto pior melhor, pois assim podem lançar-se aos seus interesses.

No final dos três anos, eu não queria mais, pois havia fracassado, meus sonhos para uma educação de qualidade, voltada a todos, sem distinção, não havia tido o sucesso ao qual eu esperava, mas muitos queriam que eu continuasse à frente, insistentemente convenceram-me a concorrer de novo, mas de tudo eu tinha uma certeza, não coloco em xeque os meus ideais, houve uma concorrência feroz, agressiva, mas eu insisto, não coloco a minha dignidade em xeque, para um guri pobre, filho de pai trabalhador, criado por duas mulheres, fortes, guerreiras, pai e esposo, sua dignidade ainda é o seu maior orgulho. Perco a eleição, mas jamais perderei a minha dignidade profissional, a minha capacidade de olhar no olho dos meus colegas, dos meus alunos e dos pais que confiaram em nossa escola.

Novamente, sou confrontado com a terrível disputa de interesses pessoais, com egos feridos, depois de dez importantes anos de minha vida profissional, sou brutalmente retirado da escola, a qual sempre me orgulhei de ter estudado e trabalho, e que também era a escola da Alana e que depois viria a ser a escola da mãe dela, mas para a direção que assumia, não havia mais lugar para aquele contestador do sistema, para aquele sonhador, agora ele começaria a representar um perigo, pois a sua gestão foi bem avaliada e reconhecida, com direito a Menção Honrosa pela Câmara de Vereadores. Deparo-me com uma imensa dor, com uma mágoa, pois aqueles que um dia se diziam aliados, agora apunhalavam-me, mas o sistema é assim, porém

eu não aceito esse sistema, ele tem nomes, tem pessoas, tem humanos, tem vidas, não aceito um sistema assim, ele não me serve.

A política da escola misturou-se com a política partidária, eu que me vali de todos os meios para tentar manter um mínimo de qualidade, agora era retirado da escola, não tive a quem recorrer, sentia-me novamente impotente, apenas via no olhar de alguns colegas a complacência, sentia-me sozinho, indo para duas escolas distintas, pois precisava aquietar-me, mas a insatisfação jamais permitiria que isso pudesse acontecer. Aqueles que esperavam e acreditavam no meu desânimo e na minha aparente quietude, deram-se mal, fui buscar o doutorado, alguma coisa precisava responder a essas inquietações.

Então, depois de um ano de desafios interiores, pois elas haviam mexido com o meu eu, com o meu lado profissional, agora estou na Coordenadoria Regional de Educação, defendendo um governo que ajudei a se eleger, defendendo princípios para educação que acredito, defendendo meus ideais, sou também doutorando em Educação, mas os desafios não pararam por aí, pois enquanto tudo isso acontecia, fazia concursos insistentemente para a Rede Federal que estava em expansão – aquietar-me nunca esteve em minhas prioridades, aceitar o sistema, jamais, pois um dia acusaram-me de um jovem sonhador, e continuo com a jovialidade e com a grande capacidade onírica.

Quando já nem acreditava mais, fui nomeado para ser Técnico em Assuntos Educacionais do Instituto Federal Farroupilha em Panambi (RS), distante quase 300 km de minha cidade, São Borja. Não poderia hesitar em assumir, pois o salário era muito melhor, talvez nunca atingiria na rede estadual do Rio Grande do Sul, escolhas são necessárias, deixar para trás uma rede em que muito acreditei, que muito defendi, como estudante, pai, professor, gestor, sindicalista, deixar de lado a minha cidade natal, deixar a minha família, mesmo que distante 300 km, foi muito difícil, agora o desafio de um trabalho desconhecido, ingresso em uma nova rede de ensino, longas viagens, entre São Borja – Panambi – Porto Alegre – São Leopoldo – Panambi – São Borja, uma rotina desafiadora. Nesse período, meu casamento chegara ao fim, são os frutos de nossas inquietações, por mais que queira alguém sempre ao seu lado, isso nem sempre é possível, sonhar juntos não é fácil, agora eu era “pai solteiro”, mas como dar conta?, eu tinha o doutorado para concluir, uma

cidade que ainda era nova, pois só ficava de segunda a sexta-feira, estava sozinho com uma filha adolescente, novos e importantes desafios acontecem, precisava concluir o doutorado, faltava pouco, precisava ser pai de uma filha adolescente, mas eu estava sozinho, eu sou humano, estava com medo, novamente eu não tinha o direito de errar, eu estava sozinho com uma filha adolescente, tinha o doutorado para concluir, tinha o meu trabalho, veio a depressão, mas eu não poderia balançar e, agora, foi uma maratona, medicamentos, lágrimas às escondidas, pois eu era pai de uma adolescente, não tinha como fracassar, psiquiatra, terapia, tese, trabalho, medo, lágrimas, insônia, solidão, mas eu tinha uma filha adolescente e não poderia fracassar, eu não poderia jamais seguir os passos do meu pai, confesso, muitas vezes no silêncio da madrugada era o único pensamento, eu pedia proteção ao meu pai, pai não quero repetir o seu erro, quero enfrentar, não quero fugir, sou pai de uma adolescente, tenho projetos, preciso concluí-los; Pai, dai-me forças! Psiquiatra, psicóloga, espiritismo, fé, confiança, amor. Ser pai reergueu-me! Alana precisa de mim, eu preciso de Alana, estamos juntos, ela estará sempre ao meu lado e eu ao lado dela, quando ela chorou eu dei o meu ombro, quando eu chorei ela me deu o seu ombro. Obrigado!

Aos poucos a inquietação foi tomando conta novamente, já estava vencendo a depressão, já havia concluído o doutorado, aquele desejo de voltar à sala de aula começava a tomar conta, aquela frustração por não ser mais reconhecido como professor começava a me incomodar, eu sempre quis ser professor, agora eu não era mais reconhecido, sempre me orgulhei de ser chamado de professor, agora ninguém mais me chamava, não poderia voltar à rede estadual, seria como voltar ao início. Nova maratona de concursos.

Instituto Federal Mato Grosso, aqui estou. Sempre em busca dos meus sonhos. Sair do Rio Grande do Sul, do sul, para Mato Grosso, centro-oeste, quase norte, tem sido um desafio diário. Conheci aqui um outro Brasil, outra realidade, pessoas muito afetuosas, clima muito quente, seco, pessoas muito sonhadoras, uma culinária espetacular, porém jamais comerei cabeça de pacu. Mas essa insatisfação que faz parte do meu eu, que às vezes me motiva, às vezes leva à procrastinação, faz de mim um questionador, nem sempre bem visto, principalmente, quando não se é aberto ao diálogo, característica que logo me levou a embates profissionais, diante de uma gestão autoritária. Quando concorri à gestão da escola rural, pensei ter conhecido a maldade

das pessoas, quando concorri a reeleição pensei que aquele era o nível máximo da maldade das pessoas. Mas quando aqui cheguei, dei-me conta de que aquelas maldades eram pequenas amostras. Ingenuamente, não. Não sou ingênuo a tal ponto, mas apenas queria entender tanta diferença dentro da mesma rede, dentro do mesmo Brasil. Ensinaaram-me a questionar, questionar é necessário, são os questionamentos que nos movem, ninguém precisa me convencer a nada, mas são dos conflitos que crescemos, pessoalmente e profissionalmente. Mas porque não sabemos lidar com os diferentes? Apenas quero ser professor, não quero ser o profeta de nenhuma verdade, mas quero questioná-las, assim como penso ser salutar questionar as minhas verdades, pois são os questionamentos que nos movem, os avanços surgiram graças aos insatisfeitos, aos inquietos, do contrário estaríamos ainda na pré-história. Vim para cá em busca de meu sonho, voltar à sala de aula, voltar a ser chamado de professor, pois é na sala de aula onde conseguimos transformar tantas realidades, modifiquei-me graças aos meus professores, à minha escola, à educação, mudei o caminho que haviam me predestinado.

Aqui, conheci outra realidade, tenho aprendido a cada dia, todos os dias têm sido desafiadores, Alana sempre ao meu lado, com seu jeito silencioso e observador, muitas vezes me chamando para a realidade. Ela chorou, eu acalmei-a; chorei, acalmou-me. Conheci muitas pessoas especiais, abri-me aos desafios, mas mesmo assim, foi preciso recorrer a medicamentos, terapia, espiritualidade, amizades e buscar novamente a estrada, pois concluí: o meu lugar é próximo a minha família, lá eu luto com mais entusiasmo, lá tenho amizades sólidas, lá tenho o colo, hoje frágil devido à idade, de minha mãe e de minha tia, eu preciso do amor delas, e elas precisam do meu, preciso da companhia delas e elas da minha. A Alana já está quase preparada para seguir sozinha, o amor que encontrei, também, não é de Cuiabá, nada me prende aqui, se encontrei amor, encontrei muita maldade personificado em uma voz mansa, aparentemente humilde, que esconde um coração duro, maldoso, capaz de qualquer coisa, quando sente-se ameaçado.

Amanhã fará dois anos e cinco meses que estou aqui, sou muito feliz pelos alunos que aqui encontrei, pelos amigos e amigas que aqui fiz, pelo amor que encontrei, por ter me encontrado, mas é hora de colocar tudo na bagagem e voltar para casa, deixar toda a maldade com a qual aqui me deparei, e ter certeza, sempre, o melhor caminho é o do bem, do diálogo, do

companheirismo, ninguém nos ameaça se andarmos por bons caminhos.

Prazer, sou o Prof. Dr. Jorge Alberto Lago Fonseca, gaúcho, são-borjense, nascido no Bairro do Tiro, filho de Nelson, de Soeli e Tereza, pai da Alana, irmão de Marcos (Mano), Helena (Mana), Edson (Eto) e Márcio (Nenê), também sou conhecido pelos meus familiares e amigos de infância como Careca ou, simplesmente, Cá.

Desculpe-me se pareci piegas, mas escrever sobre “eu” é a tarefa mais difícil que existe, sobretudo quando não estou ao lado dos meus principais companheiros, o chimarrão ou o vinho, o calor não permite, então o café tenta me acompanhar.

Agora, já são 12h53min, a temperatura já está em 38°, a fumaça continua ofuscando os encantos de Cuiabá, o sol arde pela janela, o ventilador sopra um ar quente, os olhos ardem, os lábios ressecados e a saudade dos meus “pagos” insiste em me perturbar.

PARTE II  
*Em trânsito*





**TIRA  
A ASA  
E VOA**

*(Arnaldo Antunes)*



## TRÊS ESTADOS EM MIM

Marcos Antônio da Silva  
(Professor do IFAL, *Campus Murici*)

O dia amanhece e não há galos tecendo a minha manhã. Somente o alarme do celular, meu companheiro inseparável, grita aos meus ouvidos, ainda sonolentos, que já são cinco e meia de uma nova terça-feira de mais uma semana. Com um rápido salto da cama, eu já ultrapasso a sala e muito acelerado chego à pequena cozinha do apartamento minúsculo, de cinquenta e seis metros quadrados, que me acolhe durante os finais de semana. Pão com presunto e queijo guardados na noite anterior preenchem a sanduicheira; frutas cortadas e guardadas na geladeira, também na noite passada, agora ocupam o espaço do liquidificador. Com o tempo, a gente começa a aprender a otimizar o tempo, porque saber usá-lo é preciso, viver não.

Barriga forrada, banho tomado, lixo jogado fora, tv desligada, janelas fechadas, plantas regadas e mochila nas costas. O ritual prossegue mecanicamente. Nada de malas. Já se foi o tempo de usá-las. Agora, uma mochila apenas com o básico, porque malas remetem à viagem, a férias, à diversão. Não é nada disso o que me espera, semanalmente, após percorrer trezentos e cinquenta quilômetros para ir e distância igual para voltar ao meu lugar que eu chamo de lar. Última conferida nas janelas e lâmpadas, porque a neurose já é amiga sempre presente. E rua me chama.

Seis e vinte e o ônibus parte. É o primeiro do meu dia. O trajeto até a rodoviária de João Pessoa é longo, dura quase uma hora. É praticamente uma mini-viagem. E o corpo todo é sono, resultado de uma noite mal dormida, como são todas as vésperas das viagens. Os passos me guiam ao guichê da Viação Progresso ou da Total. Ainda há passagem. Glória! Oito horas em ponto e o ônibus deixa a plataforma, quando eu, ainda muito fraco, sou vencido por Hipnos. O sono da noite anterior, em suaves prestações, é posto em dia. E assim, entrego-me totalmente à nova cama ambulante. Caso eu morra aqui dentro não saberei. Relaxo. Dez e vinte da manhã meu novo despertador, dessa vez humano, me acorda aos gritos: “Rodoviária! Rodoviária!”. Reconheço meu novo lugar. Devido às obras constantes na pista que não fica pronta nunca, e ao trânsito que reside eternamente em Recife, é impossível

fazer o trajeto João Pessoa – Recife em menos de duas horas, de ônibus. Não reclamo mais. O sono foi posto em dia. A leitura do livro, que fez todo o trajeto debaixo do braço, precisa esperar por outra oportunidade.

Desço do ônibus ainda tonto e caminho até o meu próximo destino, com as pernas ainda bambas. Sono quebrado, penso eu, deveria ser considerado o mal do século para a humanidade. Antes de chegar ao guichê da Real Alagoas, escuto os já conhecidos sons reconfortantes: “Maceió! Maceió!”. Embora sejam sons reconhecidos, são desconhecidos os motoristas e os companheiros de viagens que, pela ausência de um horário regular dos ônibus da Real Alagoas, aventuram-se nos “transportes alternativos”. É irregular, eu bem sei. Mas entre o não ter e ter o errado, eu me agarro ao errado, rezo e penso: “Hoje eu só quero que o dia termine bem!”. Às onze da manhã o meu transporte particular parte. Somos a caravana, o “Bloco do eu sozinho”, a enfrentar os perigos da estrada. É preciso ter ainda a paciência necessária para suportar estranhos que dormem e que fazem dos nossos ombros, já também cansados, seus travesseiros.

Mais quatro horas de viagem e, às quinze, em ponto, eu chego em Mes-sias, uma das tantas pequenas cidades que os olhos visitam nessa procissão às margens da BR 101. É uma alegria imensa quando consigo ver a placa com o nome “Messias”. Agora falta apenas pegar uma van e realizar mais um trajeto de uns 35 minutos curtindo umas músicas oferecidas pela rádio Gazeta-Alagoas, o vento batendo no rosto, mulheres carregando seus filhotes de cachorros em caixas de papelão, pessoas que saíram cedo de casa à procura de atendimento médico na capital, e logo chegarei a Murici, ao meu *campus*. Chego praticamente no exato momento de entrar em sala de aula. Sim, depois de todo esse percurso, antes de concluir a minha Odisséia particular de toda semana, eu entro em sala para ministrar as duas últimas aulas da terça-feira, que só terminam por volta das dezoito horas e vinte minutos. O dia se completa mais ou menos por aí. Eu já me sinto morto há um bom tempo, desde as primeiras horas da manhã.

Nesses trajetos, ao lado de desconhecidos e nômades iguais a mim, já troquei experiências com senhores idosos, transplantados alagoanos que fazem tratamentos diversos em Recife, travestis que residem em Portugal, mas que alugam flats à beira mar de Maceió para receber clientes, jogadores de futebol em fase de ascensão, outros professores e toda sorte de profissionais.

É a necessidade de cada um que justifica enfrentar horas de uma viagem cansativa para garantir o pão sagrado de cada dia. Certamente, São Cristovão está conosco todos os dias! Ou outro tipo de anjo, ou entidade que o valha, porque é preciso muita ajuda para encarar com serenidade dias de chuva ou de sol longe de casa. Houve um tempo, confesso, que eu chorava só quando pensava que precisava arrumar a mochila, separar camisas, calças e produtos de higiene pessoal básica. Hoje não cai mais qualquer lágrima sequer dos olhos. Meu corpo cansado é quem chora rios e mares de solidão e de saudade. Solidão por me encontrar sozinho, dias e noites, dentro de um quarto de uma pousada de beira de estrada; saudade da minha cama, do cheiro dos meus livros, do feijão da minha mãe, do cineminha com os amigos depois do expediente e até da água da minha casa, que tem um sabor diferente, bem diferente, da que me banha e me hidrata agora. Saudade é palavra inexplicável. Só sabe quem a sente. E por falar em água, há um detalhe que vale ser ressaltado: não muito raro, tenho infecções intestinais por me alimentar com comidas feitas só Deus sabe como e guardadas só Lampião sabe de que forma. O que me conforta, quando o cansaço bate, é que sei que um dia, só os anjos sabem quando, tudo isso passará.

Por outro lado, “Para não dizer que não falei das flores”, conforma-me, de uma forma estranha, todo o carinho e todo o calor humano que recebo, dos meus alunos e da equipe técnica, diariamente. Somos, de fato, todos tratados como se fôssemos da família. Na verdade, não apenas aqui em Murici, mas desde o primeiro dia em que coloquei meus pés em Alagoas eu só recebo carinho. Mas o que acontece é que todo esse carinho recebido me deixa muito mal, porque é um amor que eu não consigo retribuir de forma leal, íntegra, pois tudo que eu amo, de verdade, está longe de mim, e essa distância me arde muito, e quase sempre, porque sou um ser incompleto longe dos meus amores. Por enquanto, o que tenho é isso. E assim vou vivendo o velho dilema: “namoro com quem não amo e quem eu amo não me quer, ou está longe”. Os dias passam com o seu tempo e com a sua vontade.

Esse namoro “mal correspondido” começou em janeiro de 2017, exatamente no dia 25, quando tomei posse. De lá pra cá, alguma coisa melhorou. No início, eu estava lotado no *Campus* Santana do Ipanema, Sertão alagoano. Após quatro meses, surgiu, inesperadamente, um edital de remoção interna e, mais inesperadamente, eu consegui ser removido. Hoje estou na Zona da

Mata alagoana. Menos calor e menos 136 quilômetros que, contados duplamente, chegam a 272 quilômetros. Some-se a isso todo o gasto com alimentação, diárias em pousadas, transtornos alimentares, passagens terrestres. O salário vai ficando, praticamente, nas estradas esburacadas pelas quais preciso trafegar constantemente. Alguém poderá dizer: “Relaxe e dê graças a Deus por ter o seu trabalho, pois há pessoas em situações bem mais complicadas do que você”. E responderei: “Eu sei disso. E agradeço muito a Deus por poder ter sido recompensado por todo o meu esforço, durante todos os anos de estudos, de dedicação e de “gasto” com livros”.

É importante que se ressalte, aqui, que não reclamo do meu trabalho, mas do cansaço pelo qual preciso passar em função dele (o trabalho). Não tenho vocação para pessimismo. Não reclamo de carga horária ou das agendas de atividades. Nunca tive medo de trabalhar. O que me causa medo, ou até tristeza, é não poder ir a velórios de amigos, ex-professores e outras pessoas queridas, por estar longe; é não poder almoçar com minha mãe no dia do aniversário dela; é não poder estar perto do meu amor no dia dos namorados; é precisar brigar com todos e com tudo para agendar uma consulta médica no dia da minha “folga”; é mover pessoas para poder receber uma encomenda dos Correios no dia em que não estarei em casa, dentre outras coisas aparentemente simples, mas que fazem toda diferença na promoção de dias mais felizes de uma pessoa. Por exemplo, se eu trabalhasse perto de casa, eu poderia receber o técnico da internet na terça pela manhã, depois iria ao dentista, passaria na loja para trocar a camisa que ficou grande/pequena, almoçaria com o ex-orientador para resolver questões sobre a produção e apresentação de um texto em um evento e, em seguida, iria dar minhas aulas. Agora, como mobilizar todo o mundo e agendar tudo isso para que todos esses compromissos ocorram em uma segunda-feira? Sim, segunda-feira é o único dia útil que eu tenho para resolver tudo na minha vida. São coisas que se ajustam? Certamente. Mas também são questões que demandam desgaste físico e emocional gigantescos até que tudo se alinhe. E o consolo, eu acredito muito nisso, eu só encontro na arte, porque alguém já disse alguma vez que “Nobody said it was easy” e é muito provável, se os anjos forem justos comigo e com todos aqueles que sonham em voltar para casa, para o ninho, para o conforto dos braços e abraços amigos, que em breve a gente possa escrever outras narrativas, agora com tons mais coloridos e toques mais suaves, pois

nossos travesseiros serão nossos companheiros de toda noite e nosso canto será de “Estou de volta pro meu aconchego”.

Enquanto isso não ocorre, eu costumo brincar com minhas dores e com meus problemas, pois eu sou maior do que todos eles juntos. Às vezes, alguns colegas de trabalho me perguntam: “É muito cansativo, não é, professor?” Eu, então, paro, penso, rio com um sorriso de canto de boca, e respondo: “É sim. Muito! Mas eu sou privilegiado. Veja: quantas pessoas você conhece que tomam café da manhã na Paraíba, almoçam em Pernambuco e jantam em Alagoas, tudo isso em um único dia e semanalmente?”. E rimos muito de tudo depois. Em seguida, paro, penso e, sozinho, canto uns versinhos de uma música que diz assim: “E nossa história não estará pelo avesso assim, sem final feliz. Teremos coisas bonitas pra contar. E até lá, vamos viver, temos muito ainda por fazer [...] O mundo começa agora, apenas começamos”. E como me apego às músicas para todas as situações da vida, eu me lembro de outros versos que dizem que “Dias melhores virão”.

Eu tenho fé e quero muito poder voltar a dormir, todas as noites, na minha cama, no lar que eu possa chamar de meu. Hoje, eu tenho um único sonho: voltar para a minha casa.

*João Pessoa, 16 de julho de 2018, às 16 horas de uma segunda-feira, de um inverno com sol, enquanto arrumo novamente minha mochila.*





## DA TERRA DOS BONECOS GIGANTES À TERRA DA CARNE DE SOL DO CAMINHO DAS CRUZES

Cristiane de Souza Castro  
(Professora do IFPB, *Campus Picuí*)

“E se quiser saber pra onde eu vou  
Pra onde tenha sol, é pra lá que eu vou”

(Antonio Julio Barreto, *O sol*)

Antes de escrever este meu relato, eu me perguntei umas mil e quinhentas vezes: o que há de tão interessante em minha história para contar aqui? Assim, com essa pergunta em minha mente, passei dias, semanas, meses... até que resolvi, enfim, começar a escrever.

Iniciei minha vida profissional em 1997, em Olinda, como professora de língua portuguesa quando ainda estava em minha graduação. Desde então, dei aulas em bancas de estudos, em cursinhos pré-vestibular, cursinhos preparatórios para concursos públicos, escolas de idiomas, escolas de ensino médio e fundamental, na rede de ensino privado e na rede pública. Dureza!

Ensinei na rede estadual de Pernambuco, nas prefeituras das cidades de Nazaré da Mata, de Jaboatão dos Guararapes e de Recife, com toda aquela típica dificuldade de ter de dar aulas em até três escolas diferentes, nos três turnos, em pontos diferentes das cidades! Havia dias em que nem mesmo para almoçar tinha tempo. Coisas de nossa profissão...

Sempre soube o que queria para mim, sempre soube que a sala de aula seria meu lugar – e ensinar em um Instituto Federal era a meta. Claro que, por ser olindense, incluía em meus planos trabalhar no IFPE e no *Campus Olinda*! Estava já tudo bem planejado em minha mente. É... em minha mente! As coisas não foram bem assim... ainda não o são...

Enquanto ministrava minhas aulas em uma escola estadual em PE, fui convidada para participar de uma capacitação de uma semana para professores de língua espanhola e jamais passaria em minha cabeça que aquela oportunidade era, na verdade, mesmo sem imaginar, o primeiro passo para conquistar uma vaga em um IF.

Durante a referida capacitação, nossos contatos de *e-mail* foram solicitados e um grupo do *Yahoo* foi criado. A partir dele, entre tantos *e-mails* recebidos, vi um de um concurso para o IFPB que seria realizado em 2011. Pensei: está aí uma oportunidade, e por que não tentar? A Paraíba é logo ali, menos de duas horas de Olinda! E lá fui eu fazer minha prova escrita, levar meus documentos para a prova de títulos, realizar a prova didática e sonhar um pouco com a conquista da vaga! Imagina se eu passo, hein? Seria uma realização. Não. Seria “a” realização.

Nessa hora, acho que quase ninguém pensa que haverá um momento de tomar a decisão de sair de sua zona de conforto, de sair de sua cidade, ficar longe de sua família, de seus amigos, desbravar territórios desconhecidos. Ah! A gente pensa nisso se for aprovada. Para que sofrer por antecipação, não é mesmo? Cada coisa no seu tempo certo!

Após todas as etapas, fiquei em sexto lugar em um concurso que havia disponibilizado apenas três vagas. Pensei: é, passei, mas fora das vagas. Fica para a próxima, faço o próximo concurso de algum outro IF próximo a Pernambuco. Assim, entre aulas e mais aulas, o tempo foi passando e não me lembrava mais desse concurso... Até que, em certo dia, um amigo meu, também professor do IFPB, disse-me para me preparar, porque eu seria chamada. Pensei, cá comigo: que amigo mais otimista! Imagina, quase três anos depois, eu lá vou ser chamada para esse concurso!

Mas não é que esse meu amigo tinha razão? Eis que, certo dia, final do ano de 2013, recebo um telefonema que me fez dar um giro de 180 graus em minha vida: fui convocada e precisava escolher o *campus* para onde queria ir. Pensei: que bom! Sempre quis morar em João Pessoa e é para lá que eu vou!

Ledo engano! Procurei João Pessoa entre os *campi* disponíveis, mas não o vi. A agonia começava aí. As cidades onde havia *campi* disponíveis ficavam a quilômetros e mais quilômetros de Olinda e algumas, confesso, não sabia nem que existiam! Não tive o que fazer, a não ser “correr” para o *Google* e procurar mapas e informações sobre os lugares disponíveis para escolha. Foram dias de uma mistura de sentimentos e sensações... lembro como se fosse hoje...

Enfim, eu faria parte de um IF!!!! Mas não era bem como eu havia imaginado. Como quase tudo na vida, essa escolha não seria tão fácil assim... Entre pesquisas na internet e conversas com pessoas próximas sobre o que eu

deveria fazer, escolhi o *Campus* Picuí. Até então, sobre essa cidade, só havia conhecido um restaurante em Recife, que hoje nem existe mais, o Recanto do Picuí. Inclusive, já tinha ido lá algumas poucas vezes e comido a carne de sol, que só depois soube que era a referência da cidade, afinal, Picuí é a terra da carne de sol!

*Campus* escolhido, agora só me restava esperar a tal convocação, preparar-me para os exames admissionais e enfrentar minha nova realidade, os quase 300 km que me separariam de minha cidade natal. Claro que 300 km não é tão longe assim, diziam uns, mas é longe, sei bem disso.

Tinha consciência de que estava começando uma nova fase, um novo ciclo e que não seria fácil, como não o foi. Viagem longa, cansativa e angustiante. Não foi só de cidade que mudei, mas de dinâmica, de rotina, de realidade.

Exame admissional realizado, agora era a hora de ir levar meu termo de posse e assumir meu cargo no *campus* escolhido. E lá fui eu. Apesar das incertezas, decidi que assumir esse concurso era o melhor a fazer, afinal de contas, “não se abre mão de um concurso público federal”, todos me falavam. Isso já era fevereiro de 2014, mais precisamente, dia 18 de fevereiro.

Quase no final de uma tarde, cheguei à cidade, não sem antes me perder entre orientações “desorientadas” do GPS e informações imprecisas de algumas “boas almas” que encontrei pelo caminho que tentavam me ajudar a chegar a Picuí. Por onde ir para chegar a Picuí? Onde fica Picuí??? Fui indo, indo, indo até que, finalmente, cheguei! Saí em frente à Matriz de São Sebastião, principal igreja da cidade, que fica em frente a uma praça – sim, Picuí é uma cidadezinha do Seridó paraibano, interior da Paraíba, distante 223 km de João Pessoa, com menos de 19 mil habitantes, e não poderia deixar de haver uma igreja em uma praça! Fofa, a cidade.

Mais um pouco, mais algumas paradas para perguntar onde ficava o *campus* e, finalmente, lá estava eu, na sala da diretora-geral, entregando meu termo de posse! Andei pelas dependências do meu mais novo local de trabalho e não acreditava bem no que estava acontecendo. Não estava apenas encantada por assumir o cargo de professora em um IF, no IFPB; não estava apenas encantada com as belas e novas instalações de meu *campus* – nessa época, em 2014, o mais novo do IFPB – , mas estava bem apreensiva, pois sabia que muita coisa iria mudar dali para frente. E mudou.

As aulas começariam em março de 2014 e, até lá, precisaria encontrar

uma casa para alugar, precisaria trazer minhas coisas e meus cachorros. Sim, eles vieram comigo e fizeram de meus dias momentos mais confortáveis, apesar de toda ansiedade em torno dessa mudança de vida. Agora, estava dividida entre Olinda/Recife (onde morava e fazia meu mestrado, respectivamente) e Picuí (cidade onde se encontra meu atual local de trabalho). Nesse momento, começava minha saga entre PE/PB: viagens semanais extenuantes, idas e vindas intermináveis e o desejo sempre aceso de, ao menos, conseguir uma remoção para mais perto de casa. “Um dia, chega”, assim pensava...

Além de todo o cansaço desse ir e vir, de todo o desgaste emocional causado pela mudança de dinâmica de vida, outro fator se fez significativo nesse contexto. A cada viagem – como deve ser comum em cidades pequenas – um “mar de cruzeiros” aparecia à minha frente.

À beira da estrada, cruzeiros de todas as cores e tamanhos contornam grande parte da via que dá acesso a Picuí, simbolizando uma singela homenagem a algum parente ali tombado, vítima de algum acidente. Isso tornava as coisas mais densas do que já eram nesse início, afinal de contas, as mudanças pelas quais passamos nos causam algum tipo de fragilidade. E aquela atmosfera mórbida deixava minhas noites de domingo – quando chegava à cidade – ainda mais angustiantes. Mas o tempo foi passando...

Depois de pouco mais de um ano de minha posse no IFPB, com o mestrado finalizado, decidi ficar de vez por aqui, até quando me for possível uma volta à minha terra natal. Era a primeira vez que saía de Pernambuco para morar em outro estado e, mesmo sendo as terras picuienses distantes “apenas” cerca de 300 km da terra dos bonecos gigantes, não deixava de ser um novo desafio para mim.

Hoje, já com mais de sete anos de Instituto Federal, todos eles no mesmo *campus*, cá estou e, assim, seguimos nós: eu, meus cachorros, alguns gatos e minha esperança de, um dia, dar aulas no IFPE *Campus* Olinda, aproveitando meus finais de semana no Alto da Sé, comendo uma saborosa tapioca com carne de sol. Sim, comendo uma saborosa carne de sol, afinal de contas, poderei até sair de Picuí, mas Picuí jamais sairá de mim.

## CONFISSÕES DE UMA “ALMA-MÃE-EBTT” CHEIA DE SAUDADE...

Talita de Souza Massena

(Professora do IF Sertão PE, *Campus* Santa Maria da Boa Vista)

É uma deliciosa manhã chuvosa de sexta-feira, feriado de 7 de setembro. Estou no táxi de uma desconhecida simpática, grandalhona e comunicativa, que me pergunta depois de alguns minutos de viagem: “De onde você é, Talita?”. Sorrio pra ela e dou minha resposta mais usual: “Atualmente, moro em uma cidadezinha do sertão pernambucano, chamada Santa Maria da Boa Vista”. Ela, com seu sorriso bonachão, me olha pelo canto do olho enquanto presta atenção na rodovia molhada e movimentada, e retruca: “Que resposta engraçada... Você não é de lugar nenhum?”. Sorrimos juntas e, por um momento, olho aquele céu cinza, atento para o barulho dos pingos grossos caindo no para-brisa e penso em minha falta de raízes. Sim, sou aquele resultado de uma adolescência de mudanças “geográficas”, e de uma vida adulta que segue o mesmo ritmo. E tento explicar a ela como me vejo, de maneira resumida para não cansá-la ou para não ter que cortar a história pela necessidade de encerrar a corrida ao chegar ao aeroporto.

Mas a conversa iniciada no táxi acorda em mim a inquietação que esse assunto sempre me provoca: a minha falta de raízes. E vou me explicar.

Sou filha de mãe cearense e de pai paraibano, mas nasci na Bahia, estado em que morei por muitos anos de minha vida. Morei também no Maranhão, no Ceará e, agora, no Pernambuco. Eu e meus três irmãos éramos aquelas crianças que não tinham primos pertinho, que não tinham a experiência da tia preferida que paparicava, ou de correr pra vovó quando “o bicho pegava” por alguma traquinagem feita. Éramos os que só tinham esse contato familiar uma vez ao ano, nas férias de dezembro. Isso, por si só, já nos conferia o status de “diferentões”, pois o restante da nossa família, tanto por parte de papai, como por parte de mamãe, era do tipo que “tinha nascido e se criado” na mesma cidade e conhecia a genealogia de todos os colegas, vizinhos e agregados. Éramos os primos “de fora”.

A quantidade de mudanças de cidades não me permitia usufruir dos jargões “somos amigos desde pequenininhos” ou “estudamos juntos desde a pré-escola”, mas me premiava com a possibilidade de *começar de novo*. E

posso dizer: isso pode se tornar um vício!

Ora, *começar de novo* implica ter novas experiências, tentar fazer diferente o que não deu certo, tentar repetir o que foi bom pra ver se vai ser de novo, formular novas rotinas, conhecer novos caminhos na cidade, observar o jeito das pessoas (a gente se torna *expert* em observação!), confiar e se decepcionar, confiar e ser premiado com uma amizade verdadeira, descobrir novos amigos, gostar dos caras errados e dos certos também, descobrir a padaria do melhor pão, investigar qual mercadinho tem os melhores preços e qual tem os melhores produtos, fazer comparações entre várias realidades, entre tantas outras possibilidades que o *começar de novo* oferece.

Em contrapartida, deixa o vazio da falta de raízes. Deixa o cansaço do ter que provar o seu valor. Deixa a apreensão do “e se...”. Acreditem, as coisas podem ser um tantinho mais difíceis quando você é uma mulher, e mais ainda quando você é uma mulher pequenininha. Sim, tamanho é documento em tantas situações que a gente grande nem acredita. Tudo fica “gigantemente” difícil quando você é mulher, pequena e mãe sozinha.

O primeiro dia no emprego novo é sempre uma chuva de olhares atravessados e suspeitos que dizem, sem palavras, que *uma “menina” tão pequenininha nem parece ser a professora*. Exatamente, senti esse olhar várias vezes nos primeiros dias de cada escola em que trabalhei.

Pois bem, depois de uma jornada em colégio particular na cidade de Pilar (BA), de um concurso municipal na cidade de Caxias (MA), de um estadual na cidade de Filadélfia (BA), chego ao federal na cidade de Floresta (PE).

Era uma segunda-feira de 2009, feriado de Carnaval, e eu chegava a Floresta para conhecer a cidade e procurar uma casa para morar, uma escola para meus dois filhos pequenos e para conhecer o IF onde eu iria trabalhar. Era tudo novo: a cidade, a realidade de morar muito mais distante da minha família depois do meu divórcio, e a rotina de uma professora EBTT em um Instituto Federal, que eu nunca tive sequer ideia de como era. Confesso que eu estava amedrontada, mas aquele bichinho do “começar de novo” estava ali, serelepe, brincando astuto com as borboletas que festejavam em revoada no meu estômago.

Foram tempos de muito aprendizado. Não foi tarefa fácil refazer a rotina das crianças, que se assustaram com a diferença de escola, de clima, de sota-

que e de costumes; assumir turmas de Médio Integrado, de Subsequente e de Superior ao mesmo tempo, com tantas terminologias e burocracias variadas e sem um momento sequer de planejamento e orientação com a coordenadora ou com o setor pedagógico; absorver com atenção as narrativas turbulentas de uma cidade reconhecida por sua fama de violenta com uma eterna guerra entre famílias e mortes matadas toda semana; conciliar um horário de trabalho fragmentado (por ter assumido no mês de março e ninguém ter tido disposição de refazer o horário para condensar minhas aulas), com uma carga horária que me levava os cinco dias da semana ao IF; ouvir de uma colega de trabalho (cujo cargo de chefia lhe conferia, então, total segurança para tal) que eu teria que assumir uma turma à noite e que deixasse meus filhos com uma vizinha (mas são crianças, não hamsters, *pelamordedeus!*); fazer entrevistas com novas babás, tentando ver-lhes a alma, sempre com o coração apertado pelo medo de algo ruim acontecer com meus filhinhos. Ufa! E olhe que eu sempre tive apoio de minha família. De vez em quando, alguém aparecia por lá para ficar comigo por uns dias e me dar uma mãozinha. Totalmente sozinha, por todo o tempo, eu teria sucumbido, ou me desesperado e desenvolvido alguma doença psicológica.

Houve momentos em que eu achei que não conseguiria continuar. E o que mais doía era a saudade. Saudade dos meus. Saudade da atmosfera de alegria da casa de meus pais. Saudade do barulho agoniado de papai, com seu perfume forte e assovio vexado e o tom grave de sua voz conversando alto, não importasse a hora. Saudade do cheiro bom da comida de mamãe, sempre preocupada em nos oferecer uma coisinha gostosa. Saudade das músicas cultas e variadas de meu irmão tocando no quarto. Saudade do sorriso amoroso de minha irmã, sempre com uma tirada inteligente sobre qualquer assunto. Saudade do mundo adolescente do meu irmãozinho, metido a *nerd*. Saudade do clima bom da minha antiga cidade, Senhor do Bonfim. Saudade da alegria espontânea dos baianos, na feira, no parquinho, na fila do banco, no carrinho de churros... Meu Deus, como a saudade doía uma dor física!

Muitas vezes, eu olhava meus filhos dormindo na minha cama e pensava: será que eu estou fazendo a coisa certa? Chorava escondida quando a rotina me sufocava, quando as dificuldades me afligiam, mas fingia que estava tudo sob controle para não provocar pena em ninguém e para não preocupar minha família ou contagiar meus filhos.

Curiosamente, conseguia ser mais próxima e natural com meus alunos do que com meus colegas de trabalho e fiz amizades que ultrapassaram o universo da sala de aula e que vivem até hoje. Entre meus colegas, eu era a professora antissocial, a que não se misturava. O que eles não sabiam – porque não me perguntavam! – era que eu apenas procurava passar o maior tempo possível com meus filhos – minha família naquela terra estranha, e que minha programação pessoal era sempre voltada a eles e isso me deixava imensamente feliz e realizada. Ver um desenho, pintar uma tela, criar um jogo de tabuleiro, “desbravar” o Parque das Caraibeiras, nadar na piscina da AABB ou fazer um bolo de chocolate com cobertura: qualquer atividade com eles era como pôr remédio na ferida causada pela saudade dos meus.

O mais estranho era que eu não queria voltar. Parece que quando se adoece do ‘começar de novo’, fica-se imune ao ‘voltar’. Nunca gostei de voltar. Sempre achei que voltar indicava entregar os pontos. Era como se eu tivesse desistido de tentar, como se não tivesse conseguido encontrar o rumo. E eu tinha um rumo, só que a saudade machucava. Eu tinha metas, obrigações, sonhos. Mas às vezes a solidão vinha como algoz desdenhosa e cruel e me espancava com lembranças, embaçando minha resolução de conseguir, apesar dos pesares. E nesses momentos, a válvula de escape era o telefone e a voz de mamãe do outro lado, que me enchia os olhos de lágrimas e me obrigava a lutar contra aquele nó na garganta que impedia minha voz natural ao dizer que “eu estava bem, só que com saudade”...

Sete anos depois, uma oportunidade me foi enviada do céu e veio com um nome todo especial: remoção interna. Era a minha chance de ficar mais perto, de evitar que meus pais, já idosos, viajassem por estradas longínquas, desertas e perigosas para estarem comigo. Seriam duzentos quilômetros a menos. Eu não iria voltar e teria outra oportunidade de “começar de novo”. Meus filhos, agora adolescentes, aprovaram a ideia e gostaram de recomeçar também. Foi mais suave procurar a casa ideal e a escola mais adequada para cada um, porque agora eu já dividia as análises com eles. Eu já não era tão só. E eu olhava para essa nova situação e me sentia orgulhosa por eles serem desse jeitinho que são: família.

Nessa nova cidade, outros desafios se apresentaram e indicaram novas aprendizagens. Para mim, como mãe, como profissional e como filha. Para eles dois, como cidadãos, como filhos, como estudantes. Para nós três, como



peças na individualidade e na coletividade. Experiências como carteira de habilitação, viagens longas, projetos de extensão, o primeiro amor, mestrado, ingresso em orquestra musical, intolerância à lactose, *tatoo*, judô, cirurgia com anestesia geral, pingue-pongue e xadrez coloriram esse nosso “novo começo”, essa outra fase de minha família. Percebo que o molde vai variando, vai se modificando, mas a essência é a mesma.

Aqui, minha jornada de trabalho está mais intensa: estou fazendo um mestrado profissional sem afastamento (e por vezes, sem compreensão por parte da gestão) e sou coordenadora de curso no IF. Tenho cinco turmas de Médio Integrado, coordeno um projeto de pesquisa e um de extensão. Tenho um projeto *intercampi* em que trabalhamos com variação linguística e produção de textos e, de quebra, nos rendeu amizades com gente de várias partes do Brasil. E continuo mãe, agora de dois adolescentes. Mãe no picadeiro da era digital, que poda boa parte das conversas em família, e da inconstância de humor, que o mundo adolescente adotou como bandeira principal. Ufa! É difícil sim. Mas vou conseguir, outra vez. Como já consegui de outras vezes.

A gente se pergunta se eu quero ter raiz. Não, acho que não quero. Se eu quero voltar? Também não quero.

E a saudade? Ah, essa continua comigo. Acho que saudade é uma palavra que me define, porque estou sempre sentindo saudade. Não porque vivo presa no passado, mas porque gosto de coisas que vivi, de perfumes que senti, de pessoas que conheci, de lugares por onde andei, de sabores que provei, de músicas que cantei, de amores que amei. Sinto saudade de sorrisos, de sensações, de descobertas, de aprendizagens, da alegria de viagens, do sabor de conquistas. Saudades de tempos, de épocas, de fases. Saudades que só querem existir, não serem vividas de novo. Uma saudade diferente da que sinto dos meus pais e dos meus irmãos. Saudade de gente é uma saudade mais egoísta, mais possessiva. Essa dói. Principalmente porque tem pessoas que se vão para sempre. Mesmo que não morram. Se vão porque a vida obriga. Porque a vida as modifica. E a gente fica só na saudade. Eu sinto saudade retroativa e antecipada também. Já sinto saudade dos meus filhos, assim como são agora. Do mesmo jeito que sinto deles pequenos, caminhando comigo de mãos dadas e conversando sem parar.

Enquanto isso, vou fazendo planos, aproveitando momentos, valorizando detalhes e mastigando todas as saudades que trago no coração. Ah, e con-

tinuo doente de “começar de novo”, imaginando para que IF eu poderia ir para viver a fase das faculdades de filhos crescidos. Não sei como será daqui pra frente, mas estou consciente de que a vida é uma caixinha de surpresas, de que o agora é uma dádiva e de que os altos e baixos são necessários. Que família é um bem precioso e que a gente tem que dizer isso pra ela o tempo todo. Tudo isso são lugares comuns? Podem até ser, mas que são muito verdadeiros ninguém pode negar! Pode ser que eu nunca chegue à “vida perfeita”, mas quero sempre perceber que posso ter aquela porção de paz e felicidade que me renova o fôlego e que me faz sorrir.

P.S.: Um pouco de tempo depois de escrever o texto, algumas coisinhas mudaram. O tempo transformou um novo amor em um companheiro para a vida, o que resultou também numa mudança de cidade outra vez, mas sem mudar de *campus* de trabalho. Em meio a brisas de boas coisas, veio também uma sombra: perdi meu papai para um AVC devastador e foi a pior dor que pude sentir até agora. Depois desse acontecimento, trouxe a minha mãe para perto de mim; o que afagou meu coração. Meus filhos, agora rapazes, fazem a minha constante saudade aumentar: saudade de conversas, de momentos, de vozes chamando “mamãe!” para todas as coisas... O que me faz pensar se todas as mães são assim, como eu... Ah, terminei o mestrado e as viagens e amizades feitas entraram para meu rol pessoal de saudades. Tenho um monte de dificuldades agora, em várias áreas da vida, e ainda sinto dúvidas se vou conseguir resolver tudo ou se essa desorientação que sinto mais vezes que o desejado vai ser decisiva. Há uma frase que ouvi de minha mãe, quando era criança e que ainda hoje ecoa em meu coração: “cada momento vivido é único e jamais se repete em nossa vida”. Sendo ele bom ou não, o momento nunca se repete e sempre tem algo a ensinar. Confiante nessa frase, vou vivendo, tentando aprender, tentando melhorar, tentando ajudar, tentando acertar, mas sempre tentando perceber o que ficará gravado de cada fase, de cada dia, de cada dificuldade e de cada alegria.

## O SONHO DA VOLTA PARA O ACONCHEGO

Maria Auxiliadora Bezerra de Araújo  
(Professora do IFC, *Campus Sombrio*)

Sou servidora pública desde o dia 19 de outubro de 2015, quando passei para o concurso de professora de Libras do Instituto Federal Catarinense (IFC), *Campus Sombrio*. Morava no Rio de Janeiro com minha mãe, irmã e sobrinho. Éramos uma família de quatro pessoas e agora somos seis.

Ao mudar do Rio de Janeiro para Santa Catarina, no início foi desgastante e com o passar da jornada minhas idas e vindas ficaram caçadas, pois eu estava longe da família e longe da capital catarinense, onde moro. Porque para mim não seria vantagem me isolar ainda mais morando na cidade de Sombrio (SC), já que minha jornada de trabalho é de apenas 20h: trabalho um dia inteiro e volto no dia seguinte para casa, e difícil também é ficar longe da minha comunidade surda, que é mais numerosa na capital, por causa da referência da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), em termos de acessibilidade em língua de sinais para nós surdos, pois há diversos congressos, seminários e estudos em língua de sinais, inclusive o primeiro curso no Brasil de Letras-Libras surgiu na UFSC.

A minha saga de idas e vindas toda semana – Florianópolis/Sombrio e Sombrio/Florianópolis – é intensa. Porque sou surda oralizada consigo me comunicar fazendo o uso da leitura labial; e ainda assim, ao marcar passagens em três anos, fui entre cinco e seis vezes lesada pelos funcionários de uma empresa de ônibus: eu pedia uma data com determinado horário e eles botavam horário correto e dias errados, o que me prejudicava por eu pagar multas injustamente pelo erro de outrem. Enfrentei ônibus quebrados por algumas horas nas estradas, ônibus perdido, motorista sorridente, ônibus com goteira, isso mesmo, goteira, pois eu não tinha outra opção de empresa de ônibus que saísse de madrugada de Sombrio e essa era a única que eu podia pegar. Engraçado que de carona de Florianópolis para Sombrio são 2 horas e meia, enquanto no transporte coletivo a viagem dura 6 horas.

No início, eu não conhecia o aplicativo *Blablacar*, que hoje é meio que meu salva-vida, *meio* porque os motoristas não têm CNPJ para emitir notas fiscais, então acabo pagando do meu bolso sem o reembolso do governo pela

minha passagem, e por isso pago apenas a passagem de volta. Qualquer um optaria por viajar 2 horas e meia em vez de viajar por 6 horas num ônibus parador chegando mais tarde ao destino e gerando assim mais cansaço para exercer as atividades laborais. Foram longos dois anos de viagem por 6 horas dentro do ônibus e foi assim durante 9 meses de gestação, longas viagens com idas e vindas ao banheiro, com barrigão nas madrugadas por toda semana e ainda no frio e com goteira do ônibus. Na hora dá um aperreio; depois que passa a dor, tudo vira motivo para risos e para se contar uma saga que ainda continua.

Já tentei redistribuição para uns dez *campi*. Não citarei o nome da instituição, mas por causa de uma delas eu não dormi de madrugada esperando a vaga sair no Diário Oficial da União (DOU), porque a pessoa que estava na vaga era meu amigo e ele estava de redistribuição de volta para o Rio, daí imprimi a página do DOU, praticamente implorando à diretora do instituto por essa vaga. Isso foi recentemente, mas estou pedindo para ir a essa instituição desde fevereiro de 2018, pois o cargo está vago até a presente data. Já mandei três cartas protocoladas para a mesma instituição onde há a vaga para professor de Libras, todas as tentativas sem respostas. Igualmente também em outra instituição, só que para esta última eu enviava às cegas, não tinha noção de vaga, saía enviando para todos os lados as cartas com pedido de redistribuição.

Agora estou desistindo das duas instituições e estou tentando voltar para o Rio de Janeiro, meu aconchego familiar, onde eu arrisquei tudo na vida e de onde saí para tentar a vida como servidora pública, só que em estado de exílio. Nossa! Tentamos ser servidores públicos por anos, e quando a gente consegue é longe de casa. No começo, parece que vamos unir a família, só que não é bem assim, a realidade nos vem de forma fraquejada e ganhamos mais distância da família, mais tempo dentro de ônibus nessas idas e vindas para trabalhar. Nosso emocional é posto de lado quando estamos em sala de aula – todas as dificuldades e a distância da família parecem pausadas nessas horas. Depois, recomeçamos a saga do trabalho distante, para casa distante, uma peleja sem fim e com várias portas fechadas para a gente voltar para casa. A esperança é a luz que não vemos, mas que existe em algum lugar que nos caiba. Ou seja, uma vaga.

Não é apenas voltar para casa, mas sim voltar para nossa família, para

o que nos fortalece e nos dá chão para desempenharmos nossa atividade laboral de forma melhor, sem nos atrelarmos ao retornar nas estradas, ficando madrugadas sozinha numa rodoviária deserta em pleno frio de 5°, 6° ou 10°, sujeita ao risco iminente. Em novembro de 2017, ganhei minha primeira bebezinha, que é mais um motivo para eu querer lutar pela redistribuição para juntar a família novamente, para que a minha filha cresça com a presença da avó e do primo e dos inúmeros amigos que deixei no Rio de Janeiro.

É doloroso quando a redistribuição é visada mais por questões políticas do que familiares, quando a porta está aberta e não podemos entrar; daí nossa mente retrocede à memória de toda semana. A nossa saga, a nossa luta de vai e volta... e nem sempre estamos com a família, nem sempre nossos filhos crescem aos nossos olhos enquanto estamos mais longe de casa e ao mesmo tempo lutamos para sair dessa. A cada carta de pedido de redistribuição que enviamos é um não, um silêncio que nos castiga aterrorizando nossos sonhos, mas nunca fazendo-nos desistir dele. Foram e são três anos de BR-101, da qual sei o caminho de olhos fechados... meu corpo já vai sozinho, se deixar.

Esta é minha saga, meu destino até conseguir uma redistribuição de volta para o Rio de Janeiro.



PARTE III  
*Metamorfofes*





## **Aninha e suas pedras**

*(Cora Coralina)*

Não te deixes destruir...  
Ajuntando novas pedras  
e construindo novos poemas.

Recria tua vida, sempre, sempre.  
Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.

Faz de tua vida mesquinha  
um poema.  
E viverás no coração dos jovens  
e na memória das gerações que hão de vir.

Esta fonte é para uso de todos os sedentos.  
Toma a tua parte.  
Vem a estas páginas  
e não entres seu uso  
aos que têm sede.



## SER MULHER, MÃE E PROFISSIONAL: O DESAFIO DE CONCILIAR A CARREIRA E A MATERNIDADE ENTRE IDAS E VINDAS

Danúbia Barros Cordeiro Cabral  
(Professora do IFPB, *Campus* Santa Luzia)

Sou professora do Instituto Federal há sete anos. Antes de ser aprovada no concurso do IFRN, eu lecionava em uma faculdade particular na cidade de Campina Grande (PB), onde resido.

Na época, estava satisfeita e realizada com o meu local de trabalho, no qual atuava há seis anos. Tinha acabado de concluir o doutorado e estava intensificando as tentativas para engravidar, pois apesar de já ter, na época, nove anos de casada, vinha tentando a gestação há pelo menos três anos. Falar na questão da constituição da minha família é fundamental para relatar meu percurso profissional e minha trajetória de viagens no IF.

Assumi o concurso em abril de 2014 no *Campus* de Currais Novos (RN), a três horas de Campina Grande. E toda semana (de segunda-feira à quarta-feira) dividia carona com uma colega de trabalho. Uma semana íamos no meu carro; na outra, no carro dela. Além disso, chegando ao *campus* fui convidada para dividir um apartamento de três quartos com seis professoras (três ficavam de segunda à quarta; três de quarta à sexta).

O clima no *campus* era muito bom, a cidade bem aconchegante e os alunos excelentes. A partir de então, minha rotina era de viagens e idas aos médicos; entre eles, especialistas em reprodução humana. Havia em mim um desejo enorme de ser mãe. Mas todos diziam que, pelos exames, eu tinha as duas trompas elevadas e precisava fazer uma cirurgia por videolaparoscopia; enquanto outros médicos já sugeriam a fertilização.

Certo dia, em um momento de adoração e cura de um evento da igreja, estávamos meu esposo e eu ajoelhados, quando o dirigente espiritual chegou até nós, pediu que nos levantássemos e disse: “Vocês não têm filhos, não é?”, respondemos que não. Ele falou: “Deus fala que seu herdeiro está a caminho, mas será no tempo Dele”. Pouco tempo depois, uma amiga me ligou dizendo que estava no culto orando em silêncio, quando seu pastor coloca para o público: “Deus me fala que aqui há uma mulher que está em oração por outra

que tem o desejo de engravidar. Peça que ela venha conversar com a pastora”. Era minha amiga Rute que estava pedindo a Deus por mim. No dia seguinte, fui com ela à casa da pastora, e depois de conversarmos um pouco, ela ao colocar a mão na altura do meu útero, disse: “Seu filho está a caminho”. De minha parte, pensei na fala do frei, “... está a caminho, mas no tempo Dele...”, e segui acreditando nisso, me recusando a fazer qualquer intervenção, o que deixava algumas vezes meu esposo inconformado, apesar de respeitar minha opção.

Após quatro meses de atuação no IF, depois de tantos testes de farmácia e de alguns exames *Beta*, senti umas sensações diferentes e resolvi realizar mais um teste de farmácia. Era um dia de terça-feira, estava em Currais Novos. Logo ao acordar, enquanto minhas colegas dormiam, fui ao banheiro fazer o teste. E foi a primeira vez, e tão rapidamente, que descobri que aqueles testes conseguem pintar as duas listrinhas que apontam a positividade da gravidez. Fiquei paralisada, caí de joelhos no meio do banheiro chorando e agradecendo a Deus por aquele milagre.

Eu já tinha pensado em dar entrada em um processo de redistribuição do IFRN para o IFPB. Depois da gravidez, a vontade se fez mais presente e, então, dei entrada no processo no *Campus* de Campina Grande. Porém, nunca obtive resposta alguma desse processo. Enquanto isso, os meses de gestação foram passando e as viagens seguiam tranquilas.

Após o término das férias de janeiro, foi aberto um edital de remoção interna. Prontamente me inscrevi para a cidade de Parelhas (RN), a duas horas de Campina Grande. Com vinte dias saiu o resultado e fui contemplada, o significava duas horas de viagem a menos por semana. Até lá, as viagens seguiam cheias de aventuras para Currais Novos; carro que quebrava, pneu que furava, e a barriga crescendo. Chegando aos sete meses, a barriga já bem pesada, cada posto de gasolina no percurso de viagem era uma parada para esvaziar a bexiga e, por vezes, comprar guloseimas. Ao final desse mês de gestação, a médica me comunicou que achava prudente a partir do oitavo mês eu não prosseguir com as viagens, pois minha placenta estava amadurecida e haveria o risco de entrar em trabalho de parto a partir dali. Então, em fevereiro de 2015 começaram as despedidas, já que após a conclusão da licença maternidade eu iria atuar no novo *campus*.

E assim foram-se meus últimos dias em Currais Novos, entre aventuras

na estrada, aulas, aplicações de prova, apresentações de seminários, chás de bebês, choro e despedidas. Final de abril nasce Bêjamin, com saúde e de parto normal. Foram os seis meses mais intensos, felizes, cansativos e receosos da minha vida. A maternidade nos faz mudar e enxergar a vida de outra forma. Em mim, havia um misto de sensações confusas, apesar de estar com saudade de minha atuação profissional, dos alunos, até mesmo de ter um tempo para mim fora do ambiente de casa; nascia também um medo de estar longe da família, de deixar meu filho (qual seria a melhor opção: berçário, escolinha, casa da avó?), medo da estrada (e se acontecesse alguma coisa, como o bebê ficaria?); enfim, quando erámos apenas meu esposo e eu, a vida era diferente; depois da chegada de Ben, os sentimentos de culpa, de medo, de angústia começam a querer entrar em ação, apesar de toda alegria e realização com a maternidade.

Minha licença maternidade teve fim em 8 de dezembro de 2015, e, assim, iniciei meu percurso de viagens para o novo *Campus* de Parelhas (RN); agora, não somente como profissional, mas também como mãe. Como havia apenas duas semanas a mais para o encerramento das atividades letivas e o início do recesso de final de ano e posterior período de férias em janeiro, optei por não interromper a amamentação naquele momento, e levei o bebê e minha mãe comigo nessas duas semanas. Após o período das férias de janeiro, iniciei o ciclo de viagens, e se já era difícil ficar alguns dias longe de casa e esposo, deixar um filho, então, é muito dolorido. Com o tempo vamos nos adaptando à rotina. Foi, então, que dei entrada novamente em outro processo de redistribuição; também sem nenhum retorno.

Logo no início do semestre letivo vi que tinha outros professores da minha cidade e já me articulei para ir e voltar de carona com eles; dois deles, especialmente, se tornaram grandes amigos que trago até hoje. Quanto à estadia, a princípio fiquei em pousada, por pelo menos quatro meses. Depois fui criando afinidade com a professora de geografia e decidimos alugar um apartamento, em seguida uma professora de informática também quis se juntar a nós. Alugamos um apartamento excelente, de três quartos e três banheiros, localizado no centro. Assim, construímos uma família “fora de casa”, ali dividíamos tudo, despesas do apartamento, sentimentos, experiências, problemas.

Nesse período, meu filho ficava pela manhã e à tarde com minha sogra,

que dava aula de reforço em sua casa, enquanto meu esposo trabalhava. E, por muitas vezes, especialmente na fase de nascimento dos dentes do meu filho, precisei voltar às pressas porque ele estava com febre alta, diarreia, crise de garganta ou virose... Enfim, doenças típicas de criança, que pediam minha presença. Era complicado para minha sogra ficar com ele doente e atender aos seus alunos. Para meu esposo, por sua vez, como trabalhava com audiências já marcadas, era difícil pedir de última hora remarcação de datas. Restava a mim ter de voltar.

Esses retornos não programados são um capítulo à parte nesse novo contexto. Já passei por muitas situações de ter que voltar sem ter ônibus disponível na hora em que minha sogra ou meu esposo ligavam comunicando que Benjamin não estava bem. Assim, a opção era pegar um carro alternativo até o limite entre a Paraíba e o Rio Grande do Norte, e ficar esperando outro alternativo no meio da estrada, no meio do nada; rezando para nada de mau acontecer. Chegando em Campina, corria para ir buscá-lo e, dependendo do seu estado, levá-lo ao médico.

Em julho de 2017, comecei a sentir os mesmos sintomas da minha primeira gestação. Eu estava em Parelhas quando comprei um teste de farmácia, e, mais uma vez, Deus permitiu um novo milagre em minha vida... Beatriz estava a caminho, sem nenhuma intervenção cirúrgica ou fertilização. E esses nove meses de gravidez foram bem tranquilos e saudáveis, sem enjoos nem desejos. Vivenciados de forma mais madura e leve, entre dar conta de casa, de uma criança de 2 anos, marido, trabalho, viagens e um novo enxoval, agora para menina, porém, sem tanta burocracia e incrementos, típicos da dedicação ao primeiro filho.

Em setembro de 2017, fiquei sabendo que alguns *campi* em implantação do IFPB estavam precisando de professor de português e não havia lista de chamada de candidatos aprovados, nem previsão para um novo concurso. Como eu não tinha tido nenhum retorno dos dois primeiros processos de redistribuição a que havia dado entrada, decidi abrir mais um e encaminhar diretamente para o setor pessoal, ficando em contato com eles por telefone. Ao mesmo tempo, entrei em contato com alguns diretores de vários *campi* para sondar a necessidade de professores de português. E, assim, fiquei aguardando outra vez.

Beatriz nasceu no início de março, mas após as férias de janeiro, e só fui

ao *campus* por mais duas semanas; como eu tinha completado a 38ª semana de gestação, tive que dar entrada na licença maternidade. Não sabia, até então, que não voltaria mais para Parelhas, pois no início da minha licença maternidade, liguei novamente para o setor pessoal do IFPB, e eles me comunicaram que tinham interesse na minha redistribuição, e eu informei que meus gestores estavam de acordo com meu processo, uma vez que havia lista de espera de candidatos do último concurso.

Após essa conversa, eles deram entrada no meu processo de redistribuição junto ao MEC, me deixando extremamente feliz e esperançosa. A partir de então, passei a entrar em contato diretamente com o MEC para saber acerca do encaminhamento do processo. No dia 31 de maio de 2018, minha filha estava com dois meses e meio de nascida, saiu minha redistribuição para o IFPB. Eu senti uma alegria imensurável, vislumbra uma oportunidade de estar mais perto de casa e da minha família.

A vaga que gerou minha redistribuição era para suprir a necessidade de professor de português na cidade de Esperança (PB), localizada a 45 minutos de Campina Grande. Saber disso me deixou numa felicidade extrema, afinal, eu poderia dormir todas as noites em casa e estar mais presente na vida dos meus filhos. Entretanto, quando eu entrei em contato com o diretor de Esperança, o mesmo me alertou que essa vaga teria que ser lançada para edital de remoção interna, o que é um procedimento justo para os professores mais antigos do instituto. Sendo eu alocada para onde sobrasse a vaga após esse processo de remoção.

Diante desse novo contexto, comecei a sentir um misto de medo e arrependimento pela redistribuição, especialmente por estar com uma criança de 3 anos e uma bebê de 4 meses, além de meu esposo, que não tinha como me acompanhar em virtude do seu vínculo empregatício. Por outro lado, pensei que às vezes é preciso dar um passo para trás para avançar no caminho.

O resultado foi o pior que eu esperava: fui remanejada para Cajazeiras (PB), cidade que fica a quase seis horas de distância de Campina Grande, oito horas de ônibus. Não foi uma notícia fácil. Me sentia culpada por colocar minha família naquela situação. Durante a madrugada, enquanto todos dormiam, me ajoelhei aos pés da cama e conversei com Deus: *Senhor, sabes o que se passa nesse momento comigo, estou com duas crianças pequenas, a mais nova ainda em fase de amamentação, e fui remanejada para uma cidade onde*

*não tenho como levar minha família. Dá-me uma luz, meu Pai!*”. Então, abri a Bíblia, e a passagem que vi foi a seguinte:

Sai-te da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção. E abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra” (GÊNESIS 12:1-3).

Ao que respondi a Deus: “*Senhor, sabes que eu não quero ir, que não era o que eu esperava, mas eu confio no Teu propósito e em Tua palavra*”. Dali em diante, todos os dias eu recebia alguma mensagem dizendo que Deus estava segurando a minha mão, que ele ia colocar anjos no meu caminho para me ajudar etc. Por incrível que pareça, o *campus* de Cajazeiras foi um dos melhores lugares por onde passei. Lá eu conheci pessoas incríveis, generosas. A impressão que tive é que estava tudo preparado para me receber.

Uma das coordenadoras me convidou para dividir apartamento com ela, o qual ficava bem próximo ao *campus*. E o melhor presente que recebi naquela cidade foi a forma carinhosa com que fui recebida pela diretora-geral. Impressionante como tivemos empatia uma com a outra no momento em que fomos apresentadas. Lembro-me com carinho de quando ela me enviava mensagens perguntando se eu estava no *campus* e chamando para tomar café e conversar. Partilhamos muito sobre trabalho, família, espiritualidade. Aprendi muito com ela, em tão pouco tempo. Para mim, é um modelo de gestora a ser seguido. Ela tratava a todos de forma muito especial. Tinha um jeito leve e alegre de ver tudo.

Um mês antes de entrar em exercício, fui com meu esposo e filhos pela primeira vez ao *campus* de Cajazeiras me apresentar. Eles ficaram no hotel enquanto eu resolvia a parte burocrática junto à Gestão de Pessoas. A coordenadora com a qual iria dividir apartamento me apresentou ao *campus* e, no fim, me convidou para jantar com ela.

À noite, quando ela chegou ao lugar combinado, me viu amamentando Beatriz, e se demonstrou preocupada sobre como eu iria fazer para manter a amamentação da bebê, se iria trazê-la toda semana. Eu falei que, na realidade, aquela era uma questão que ainda não sabíamos como resolver. Tínhamos acabado de receber a notícia da pediatra dos meus filhos que a bebê



tinha alergia à proteína do leite e que seria importante para seu desenvolvimento e para evitar maiores reações alérgicas continuar amamentando, se possível, até os 2 anos; podendo esse tempo ser complementado com leite de soja. Na realidade, a médica havia solicitado uma bateria de exames devido a algumas reações que a bebê apresentara quando comecei o processo de desmame, quais sejam: manchas pelo corpo (dermatite atópica), crises alérgicas no trato respiratório e sangue nas fezes.

A partir daquela conversa, minha coordenadora se empenhou em verificar um *campus* em implantação mais próximo a Campina Grande, que tivesse a necessidade de professor de português. Enquanto isso, ela sugeriu que eu desse entrada no horário especial, apresentando toda documentação e exames da minha filha. E, assim, eu ficava apenas dois dias de aula na cidade.

Com 15 dias, após o início das aulas, a diretora-geral me informou que uma professora de Roraima estava vindo para o IFPB também por redistribuição para preencher uma vaga no *Campus* de Santa Luzia (PB), cidade a 2 horas de Campina Grande. Porém, havia uma urgência neste *campus*: as turmas estavam funcionando sem aulas de português, bem como sem coordenador de curso, uma vez que a maior parte do corpo docente era composto por professores substitutos, os quais não podiam assumir tal função. Em Cajazeiras, também havia necessidade de professor de português, mas como era um *campus* grande, já contava com cinco profissionais da área.

Assim, foi dada entrada em um processo de remoção *ex officio* para que eu pudesse vir suprir a ausência de aulas de português e da coordenação do curso. Essa realidade era um desafio para mim, pois nunca havia assumido nenhum cargo de gestão; mas, sem dúvidas, esse aprendizado valeria muito a pena, principalmente pela oportunidade de estar mais perto de casa.

Após as férias de janeiro, me despedi de Cajazeiras, onde passei apenas três meses. E Deus cumpriu Sua promessa, colocando anjos em meu caminho e me fazendo grande em fé.

Atualmente, estou lotada no IFPB de Santa Luzia desde fevereiro de 2019. Meu percurso é feito da seguinte forma: toda segunda, vou de carro alternativo e volto na quarta de ônibus. Fico numa pousada a duzentos metros do *campus*, o qual tem apenas dez turmas e uma média de trinta servidores (entre técnicos e docentes). Estou feliz em poder participar da fase inicial do *campus*; bem como de estar aprendendo novos desafios com a função de

coordenadora; por estar mais perto da família, ainda que fique três dias e duas noites longe.

Mesmo com esse contexto relativamente confortável, ainda em 2020, nos incomodava perceber o quanto nossos filhos, nessa época com 4 e 2 anos, sentiam minha ausência; a menor passava o dia me procurando em casa. Já o mais velho perguntava por que eu precisava viajar.

Ainda no início desse ano, mais precisamente em março, fomos surpreendidos pela pandemia da COVID-19, trazendo, por um lado, isolamento, medo, angústia, perdas de todas as ordens para tantos, adaptação a novas modalidades de ensino, às novas plataformas e sistemas educacionais; por outro lado, nos deu a oportunidade de vivenciar integralmente a rotina de nossos lares, o convívio com nossa família (pelo menos os “de casa”), de retomar práticas que, em tempos de modernidade, para muitos não havia mais espaço, como cultivar plantas, fazer trabalhos artesanais, cozinhar, costurar/bordar etc. Não se tratou de um momento fácil de ser vivenciado, especialmente pelas perdas de tantos, pela vulnerabilidade da saúde mental, por toda aflição; mas para muitos, assim como para mim, foi uma oportunidade de vivenciar uma história de conexão diária com meu esposo e meus filhos, de acompanhá-los em seu crescimento, em novas descobertas e aprendizados, nas trocas de dentes, no abandono das fraldas e chupetas, em cortar-lhes os cabelos, enfim, de tantas experiências maternas inimagináveis que a vida de profissionais que viajam acaba nos furtando de experimentar.

Nesse momento, me encontro já imaginando e me estruturando para retomar a rotina de viagens após quase dois anos trabalhando em *home office*, a saudade da sala de aula é latente e também de momentos a sós para o trabalho fluir, mas vem à tona a angústia de pensar em como o esposo e os filhos ficarão enquanto estou fora, como será essa readaptação, com quem as crianças ficarão, como será a alimentação, quem ajudará na realização das tarefinhas da escola, como serão os banhos e a hora de dormir...

Enfim, nunca terei como saber que marcas dessa realidade e dessas ausências ficarão neles; de minha parte, deixo sempre claro para meu esposo e meus filhos o quanto amo o que faço e que, até que eu consiga uma remoção para trabalhar na nossa cidade, as viagens são uma realidade inevitável, pois esta é a minha condição, e posso dizer que sou muito feliz com a profissão que escolhi.

Sigo na esperança de um dia ter o prazer de voltar a trabalhar na cidade onde resido. Até lá, agradeço a Deus tudo o que já conquistei e pelo que consigo fazer pela educação dos meus alunos e alunas, do meu estado, do meu país.



## EBTT: ESTOU TENTANDO EM TELÊMACO BORBA

Guilherme Sachs

(Professor do IFPR, *Campus* Telêmaco Borba)

Comecei minha carreira como docente em 2006. Até o ano de 2015, tive uma trajetória de lecionar em escolas particulares e como professor temporário na rede pública do Paraná, em alguns momentos. Nesse período de nove anos, sonhava em prestar um concurso público bem remunerado e “ser dono” de um cargo que não pudesse ser retirado de mim por posicionamento político, por minha orientação sexual ou simplesmente porque mudei a cor do cabelo.

Esse sonho era muito forte em mim, especialmente por sempre ser considerado uma pessoa de “posicionamentos fortes” (leia-se: não conseguir se calar diante das enormes injustiças sociais, raciais, de gênero etc., tão presentes em nossa sociedade elitista e altamente hierarquizada). Foi, então, que, em 2013, resolvi tentar ingressar como docente concursado na Rede Pública de Educação do Paraná.

Em meu estado, os concursos, costumeiramente, são de cargos de 20 horas semanais, podendo um mesmo docente ingressar em dois cargos, via concurso. O salário de entrada não correspondia aos meus anseios, mas o plano de carreira era atrativo, tendo sido implantado no governo de Roberto Requião, entre os anos de 2003 e 2010.

Realizei o concurso simultaneamente para dois cargos, um de docente de Língua Portuguesa e outro de Língua Espanhola. Acabei por ser o 1º aprovado em Língua Portuguesa e o 2º em Língua Espanhola. Com um processo lento de homologação e chamamento, assumi os dois cargos apenas no início de 2015. Consegui ser realocado para a cidade de Ribeirão Claro, próximo à minha cidade natal, Bandeirantes.

A alegria dos dois cargos era muito grande, apesar do baixo salário inicial. A expectativa do plano de carreira era animadora! Dizem que alegria de pobre dura pouco. Nunca passei fome ou grandes dificuldades na vida em relação ao financeiro, comparado com a situação por que passam, injustamente, a grande maioria de meus e minhas compatriotas, mas tenho a consciência de ser da classe trabalhadora e não a ilusão que se alastrou pelo

país, entre a classe média, de ser parte da elite econômica. Sei, portanto, meu lugar social e, na luta de classes, sou da classe operária! É, nesse sentido, que minha alegria durou pouco. Ataques à área da educação com ameaças ao plano de carreira do Paraná e congelamento dos salários, até mesmo para repor a inflação, vieram no mesmo ano em que tomei posse.

O cenário político, em nível estadual e federal, era cada vez mais desanimador. O entusiasmo de, enfim, ser servidor público foi suplantado por desesperança. Nunca fui uma pessoa otimista, sempre pensei que devo buscar o bem e fazer o correto por questão de consciência, não de recompensa, pois, no fundo, penso que quem pratica o mal nem sempre paga por isso, como pensam alguns que têm sua consciência acariciada por essa esperança. Para mim, o cenário que previa era de um futuro de arrocho salarial e um período amargo para a profissão docente. Hoje, em 2018, não estou seguro de que estava errado.

Com essa desesperança arranhando meu corpo, já nos últimos suspiros de 2016, em um momento de silêncio na sala docente de uma das escolas em que lecionava, vi um colega ler um edital no computador. Perguntei, despreziosamente, de que se tratava e ele me disse que se tratava das inscrições para docente do Instituto Federal do Paraná. Também me relatou que esse edital tinha sido cancelado no ano anterior e que aqueles eram os últimos dias de inscrição, com pagamento de boleto para até 06 de janeiro de 2017. Já estávamos no fim da noite e eu teria uma aula a ministrar naquele momento.

Dei aula com aquelas informações inflando minha mente. Será que ainda era de valia tentar uma mudança? No país dos golpes e retrocessos, faria diferença uma mudança para a esfera federal? Saí da escola por volta das 23 horas. Chegando em casa, fui conferir o edital: cinco vagas para professor de Português/Espanhol! Uma delas em Londrina! Cidade onde eu já havia morado por nove anos, tempo em que cursei a graduação e o mestrado. Londrina também é uma cidade próxima à minha cidade natal e é também onde meu filho pequeno vive. Todos os meses eu estava por lá. Era a vaga ideal para mim!

Fiz a inscrição, mas sem a segurança de um concurseiro. Imprimir o boleto que, repousado em um canto, permaneceu no ostracismo até o dia 04 de janeiro pela noite. Nesse dia, me recordei da proximidade do fim de prazo do pagamento. Naqueles dias de janeiro, me sentia mal e quase não saía da

cama. Pedi a meu companheiro que pagasse para mim no dia seguinte, na cidade de Cornélio, onde ele trabalharia em uma festa. Ele se comprometeu a fazer o possível, mas não garantiu que teria tempo.

Johni viajou e levou o boleto. Como previsto, não teve tempo de pagar e, após o almoço, pediu a meu cunhado para fazer esse favor. Todo o desespero do concurso começou nesse dia! Enquanto ele me relatava por mensagem que o boleto não estava pago ainda, minha ansiedade crescia. Enfim, porém, o boleto foi pago na tarde do dia 05 de janeiro.

Pensei que agora seria só realizar as provas e torcer para cair temas com os quais me familiarizo, pois, naqueles tempos, o ânimo para estudar temas específicos não era grande. Leituras de temas diversos, ao acaso, isso nunca deixo de fazer.

Os dias, como de costume, passaram muito rapidamente e, quando vi, já era véspera de 19 de fevereiro, dia da prova objetiva. Prestei e passei para a segunda fase. Será que a sorte estava ao meu lado?

A prova didática foi marcada para 07 de maio, quase três meses após a prova escrita. Mesmo com esse aparente longo período, para mim, parecia inaceitável preparar aula para todos os pontos do edital sem saber qual seria sorteado. Aguardei o sorteio e, ainda assim, honrando a injusta fama que brasileiros e brasileiras levam, deixei para preparar a aula na véspera, domingo. O agravante foi a distância de onde eu estava para o local de realização da prova, Curitiba, 400 km.

No domingo pela manhã, meu companheiro e eu começamos a arrumar tudo para a viagem. Ele cuidou de quase tudo. Ouvi de dentro de casa um barulho de algo grande caindo. Johni me gritou que era nossa gata que havia derrubado algo do porta-malas do carro, que ele deixara aberto. Não dei muita importância. Terminamos de arrumar tudo e partimos rumo à estrada, eram por volta das 10 horas da manhã.

Chegamos ao hotel, em Curitiba, próximo às 16 horas. Era hora de começar a preparar a aula que seria dada na manhã seguinte, às 07h30min, ou não haveria mais tempo. Passei o final da tarde e toda a noite na preparação. No começo da madrugada, resolvi imprimir os planos de aula e as propostas de atividades sobre o tema que iria explicar à banca após minha exposição.

Tentei imprimir algumas vezes, sem resultado, a impressora não funcionava. Meu companheiro dormindo já há algumas horas. Eu o acordei e lhe

comuniquei sobre a impressora. Sonolento, me contou que o barulho que eu ouvira havia sido a gata derrubando a impressora. Começamos uma briga! Ele culpando a gata por ter escalado o carro e eu lhe culpando por ter deixado o porta malas aberto. Para mim, parecia tudo perdido. A não entrega do plano de aula é grave para um concurso docente! Enquanto eu esbravejava sem descanso na língua, Johni entrou em contato com a recepção do hotel e conseguiu autorização para que tudo fosse impresso lá e de graça! Imprimi tudo.

Já eram três da madrugada e eu ainda não tinha treinado nem sequer uma vez a aula, apenas havia preparado. Meu companheiro voltou a dormir e eu fui a um quarto anexo ao nosso para treinar. Treinei uma vez, gravando no celular para ouvir. Ouvi e fui dormir por duas horas para ir “descansado”!

Levantei às seis horas para me arrumar. Fazia frio, mas a aula tinha que ser quente! Roupas são uma das minhas paixões, então queria ir bem vestido, com as roupas com as quais costumo trabalhar. Tinha pedido para meu companheiro levar um blazer que não usava desde o inverno anterior e uma calça preta de que gosto bastante. Tomei um banho demorado e fui me arrumar.

As tragédias mescladas com muita sorte do último minuto estavam apenas por começar. Terminado o banho, hora de vestir minhas “roupitchas” que tinha pedido para separar. A calça não entrava! Eu não tinha engordado. Começo a esbravejar e meu companheiro acaba por perceber que ele trouxera a sua calça igual à minha. Outra briga para atrasar e tirar o ânimo! Superado o baque da calça e já com outra que não era o plano A, mas também era bonita, fui vestir o blazer. Retirei-o da mala e percebi que ele estava com vários pontos de bolor na parte exterior. Um “pouco” folgado que sou no meu relacionamento com o Johni, coloquei a culpa nele: “Você não poderia ter conferido que o blazer estava nessa situação antes de colocar na mala? E agora? Não tenho outro! Está frio! Como vou fazer?”

Minha língua não parava de se mover, enquanto ele passava uma toalha úmida na peça. Tenho que admitir que ele é bom demais para mim! Vesti o blazer e reclamava que estava fedendo a bolor, ele jurava que não!

Agora mais nada poderia dar errado. Ou poderia? Cheguei ao local da prova didática e aguardei com ansiedade o momento de entrar. Quando pude entrar, às sete horas, um rapaz que estava trabalhando no processo pediu-me os documentos para a prova de títulos. Entreguei todas as fotocópias para



ele, que me perguntou sobre as fichas em que os candidatos devem declarar e somar sua pontuação. Tragédia! Não me lembrei disso, apenas me preocupei em fotocopiar tudo. Comecei a entrar em desespero. Não é possível conseguir uma das cinco primeiras colocações obtendo nota zero na prova de títulos, por melhor desempenho que se tenha nas outras etapas. O rapaz me informou que o prazo para entrega terminava ao fim da minha prova didática.

Pedi ao Johni que fosse rapidamente imprimir uma ficha para mim na *lan house* mais próxima, tendo dúvidas da facilidade de encontrar uma dessas nos dias de hoje! Ele foi, enquanto eu roía as unhas na espera. Chegou a tempo, antes que desse o horário de eu ministrar minha aula. Conversando com o rapaz do processo, fui surpreendido com a informação de que não deveria entregar apenas aquela ficha (anexo IV), mas sim três (anexos IV, V e VI), pois uma era para entrega de títulos e as outras duas para experiência profissional. Eram fichas separadas! Isso não poderia estar acontecendo! Johni correu novamente à *lan house*. Chegou quando faltavam pouquíssimos minutos para que eu entrasse e me ajudou a preencher tudo. Não sei como foi possível conseguir preencher tudo a tempo, com letra horrível evidentemente, e também não entendo como fui capaz de dar a aula com aquele nível de ansiedade e sem alguns recursos (optei por dispensar o uso de projetor e usei apenas a lousa e as fotocópias que levava), e tirar uma boa nota. Enfim, tudo estava feito e agora restava aguardar os resultados.

Ansiei muito pelo dia do resultado. Sendo aprovado, a ordem de escolha da cidade em que se iria trabalhar seria pela ordem de classificação. Cinco vagas, cinco cidades: Barracão, Londrina, Pitanga, Quedas do Iguaçu e Telêmaco Borba. Desejava Londrina, onde estaria perto dos meus familiares e dos familiares de meu companheiro. Quando o resultado saiu, minha classificação foi o segundo lugar. Fiquei feliz, sem dúvida, mas também apreensivo. Das cinco cidades, Londrina é a maior, com mais atrativos e a mais provável de ser escolhida pela primeira colocada. Pesquisei sobre ela e descobri que a cidade onde morava era mais perto de Londrina que de qualquer outra das demais opções. Nesse momento, eu já sabia que não iria para o lugar tão desejado.

Comecei a pensar na segunda opção. As segundas opções, a princípio, não trazem o sabor da conquista, mesmo quando o são. Barracão, Quedas do

Iguaçu e Pitanga ficavam todas a mais de três horas da minha região natal. Telêmaco Borba era a mais próxima e passou a ser minha hipótese mais considerada. Momento de pesquisar sobre a cidade!

Perguntei sobre Telêmaco no grupo de *WhatsApp* do concurso. Só ouvi coisas ruins das pessoas que participavam. Resolvi ir para o melhor informante, o *Google*. Me deparei com a seguinte manchete: “Homem é decapitado e teve a cabeça exposta sobre grade da entrada de Igreja”. O mais chocante é que há imagens desse crime hediondo. Não tenho a inocência de achar que em algum lugar do país não haja violência, então fui pesquisar mais a fundo. Não foi animadora a pesquisa, alguns índices apontavam a cidade como a região mais violenta do Paraná, com índices de homicídio por 100 mil habitantes de 40,96 em 2014, atingindo o posto número um do estado.

Sei de minha incapacidade para enfrentar longas viagens constantemente. Sou fraco para isso. Então, o inevitável iria acontecer. Primeira colocada em Londrina; e eu em Telêmaco Borba, para estar o mais próximo possível de minhas raízes.

Recursos contra o resultado provisório. Resultado final. Homologação do Resultado final. Publicação em Diário Oficial. Nomeação em Diário Oficial. Exames Médicos. Apto. Exoneração concurso estadual. Posse concurso federal. Exercício. Circuito fechado? Estaria minha trajetória encerrada?

Assumi a carreira EBTT (Ensino Básico, Técnico e Tecnológico). O *campus* me pareceu receptivo e me deu um pouco de alento, os aluguéis na cidade tiravam esse alento. As condições de trabalho renovavam o alento (o *campus* tem ótima infraestrutura), as notícias de assassinato me tiraram novamente. Manchetes recentes, depois que já era um morador da cidade: “Jovem é morto a tiros e tem cabeça decepada em Telêmaco Borba”, “Homem é morto dentro de supermercado de Telêmaco Borba”. Toda semana uma notícia dessas. A segunda notícia de cabeça decapitada aterrorizou-me, não é sempre que nos sentimos em momentos históricos aterrorizantes que antes só sabíamos pelos livros.

Essa violência, por si só, já me deixava nos nervos de conseguir uma remoção. Mas tive um novo empurrãozinho: uma reunião com alguns(mas) servidores(as), cercada de males entendidos, em que o *disse que disseram que dissemos, que diziam* me deu vontade de despairecer.

Passsei a buscar avidamente por grupos de remoção/redistribuição no

*Facebook*, para depois conseguir um convite para algum grupo no *WhatsApp*, afinal, hoje em dia, se não houver grupo em rede social, um movimento nem mesmo existe. Grupo do *Facebook* conquistado, convite para *WhatsApp* ganho, passei a participar de uma possível articulação de triangulação. Não deu certo, uma das pessoas envolvidas acabou desistindo.

Naquele momento, minha vontade de ir embora era muito grande, não sabia ainda a diferença exata de uma remoção para uma redistribuição. Me explicaram no grupo que redistribuição envolve estados diferentes. Pensei que, se a remoção não dera certo, talvez, devesse tentar uma redistribuição para o sul do Estado de São Paulo, afinal, minha região natal, norte do Paraná, é divisa com os paulistas. Precisava conhecer mais sobre o Instituto Federal de São Paulo e entrei no *site* para ver os *campi* existentes. Nenhum *campus* tão próximo do norte do Paraná e, além disso, as palavras de uma colega ressoavam: “Não existe redistribuição para São Paulo, é ilusão, a disputa é imensa”.

Em meio à desilusão das dificuldades por remoção e redistribuição, fui trabalhando e conquistas no trabalho foram se somando. A cidade continua violenta, não saímos muito e sempre tomamos muito cuidado. O medo de deixar a casa sozinha para visitar nossas famílias é grande. O que decidi? Por enquanto vou ficando e, enquanto fico, me edifico. Já não procuro mais remoção ou redistribuição, não que não possa voltar a pensar nisso no futuro. Johni, meu amado, continua me aguentando, me aturando, maravilhoso que só ele!

Quanto ao grupo de redistribuição da área de Letras no *WhatsApp*, não abandono jamais, nem mesmo se raízes profundas descerem de meus pés no solo de Telêmaco Borba. De toda essa história, esse grupo é uma das conquistas mais incríveis que aconteceu! O pretexto da remoção ou redistribuição une pessoas de todo o Brasil, com trocas de experiências e informações das quais não tenho como abrir mão. Posso não me remover nem ser redistribuído para nenhum lugar, mas vivo pedacinhos de todo o país e de vários Institutos Federais por meio desse grande grupo.







## UMA REALIDADE DIFERENTE DAQUELA SONHADA

Lisiane De Cesaro  
(Professora do IFC, *Campus Ibirama*)

Sou gaúcha de Passo Fundo, terra do Teixerinha, do Felipão (ex-técnico da Seleção Pentacampeã) e “Capital Nacional da Literatura”. Mas também sou filha de um casal com descendência italiana cuja cultura do trabalho é braçal e o valor da mulher converge para os afazeres domésticos. Meus pais são filhos de casais semianalfabetos, minha mãe não concluiu o ensino fundamental, meus avós maternos eram agricultores e os paternos eram operários (proletariado).

Desde pequena acostumei-me com as dificuldades e as privações da vida, minha primeira barra de chocolate de 200g veio às minhas mãos em dezembro de 1986 como um presente especial por eu ter passado de ano na escola com as notas acima de 9,0. Meu primeiro bolo de chocolate, só com 14 anos. O Nescau era muito caro e meus pais não podiam comprar essas coisas. Minha infância foi marcada pelo empenho dos meus pais em construir a nossa casa. Foram muitas férias empregadas na construção, muitas economias, muitas privações para realizar o sonho da casa própria. Sonho este que só se concretizou quando eu já era mãe da minha primeira filha.

Diante de tantas dificuldades, ingressar no ensino superior não era fácil. Cheguei a cursar Direito na Universidade de Passo Fundo, mas por não ter condições de pagar as mensalidades e de comprar os livros, abandonei o curso quando estava na minha primeira gestação, aos 23 anos. Só retornei aos estudos em 2007, ou seja, aos 30 anos. Assim, ingressei no curso de Letras Português/Inglês da Universidade de Passo Fundo em busca de uma vida nova e diferente daquela que eu vivia e trazendo junto no peito, na alma e no coração o desejo de transformar realidades.

Nesse período eu estava divorciada do meu primeiro casamento, com duas filhas pequenas, de 8 e 5 anos, e de volta à casa dos meus pais sem receber pensão alimentícia. Dá para imaginar a humilhação e privação nessa fase. Foi então que, em 2011, já graduada, um aluno depois de uma aula particular enviou-me o *link* de um edital para professor substituto no IFRS *Campus* Sertão. O valor da remuneração para professor substituto 40h com



graduação era 2.130,00 (wow, eu nunca tinha vislumbrado tanto dinheiro na minha conta). Isso era o dobro do valor que um professor do estado recebia pelas mesmas horas trabalhadas semanalmente. Senti-me eufórica só de pensar na possibilidade de receber essa quantia nos próximos 24 meses. Inscrevi-me e fui para a entrevista. Lá me deparei com mais 70 concorrentes, muitos já com doutorado concluído e eu mal tinha acabado o primeiro ano do Mestrado. Quando saí da entrevista, meu namorado (que hoje é meu esposo) perguntou-me como tinha sido, respondi que só um milagre para eu entrar, afinal 70 professores disputando uma vaga, e considerando que havia candidatos com mestrado e doutorado concluídos, eu era um lambari no meio dos tubarões. Lembro-me de dizer ao meu esposo: sabe qual a diferença entre eles e eu? Eu acredito em milagres. Quando saiu o resultado, comemorei! Fiquei em terceiro lugar! Eu mal podia acreditar. Enfim, no dia 05 de fevereiro de 2012, recebi a ligação da Gestão de Pessoas me chamando para assumir a vaga! Olha o meu milagre!

Então, em 2012, quando assumi o contrato de professora substituta e passei a conhecer a realidade e a estrutura dos IFs, tomei a decisão que mudaria não só a minha vida como a do meu esposo e filhas. Naquele ano, o IFRS e o IFC realizaram concurso para professor EBTT, prestei para o IFRS para o *Campus* Feliz, obtive um bom desempenho, mas não o suficiente para ser aprovada para a segunda fase. Em virtude de eu estar em fase de escrita e de entrega da minha dissertação do mestrado, decidi não prestar o concurso do IFC, na verdade eu não queria ficar longe da minha família, não me sentia pronta para grandes mudanças naquele momento e, também, porque eu estava grávida do meu terceiro filho. No entanto, eu que esperava ficar os dois anos como substituta, fui surpreendida por um e-mail do DDE (que significa?) agradecendo os meus serviços prestados e comunicando o fim do meu contrato de trabalho. Como assim? Eu estava grávida! Porém, eu estava determinada a passar no concurso e ser professora EBTT. Esse era o meu sonho.

Assim, no dia 26 de março de 2013 defendi a minha dissertação de mestrado e no dia 13 de abril nasceu meu filho. Em agosto de 2013, a Universidade Federal da Fronteira Sul realizou concurso para docentes de Língua Portuguesa. Prestei o concurso, obtive um bom desempenho, mas ainda não o suficiente para prosseguir na seleção. Não desisti, mas confesso que hesitei



em me inscrever para o concurso do IFC, pois naquele momento eu estava com a minha filha de 10 anos internada com pneumonia, meu filho de 5 meses também com pneumonia e a cereja do bolo: meu esposo em fase de recuperação de uma cirurgia para corrigir a ruptura do tendão de Aquiles, tudo isso somado à minha jornada de 20h numa escola particular. Só Jesus mesmo!

Na mesma hora em que minhas ex-colegas substitutas me ligaram avisando que o IFC estava com inscrições abertas para o concurso e que havia vagas para todas nós, eu disse não! Não tenho condições de prestar prova agora, estou sem tempo e sem condições de estudar, elas insistiram tanto que só paguei minha inscrição no último dia e no último horário da lotérica (31 de outubro de 2013). Lembro-me de escutá-las falando do edital, das leis e blá-blá-blá... Durante a viagem, eu repetia: eu não sei de nada, não li o edital, tampouco a lei 8.112, estou indo por pura insistência de vocês, porque sei que não me preparei para essa prova, mas como vocês não me deixaram ir às compras nas terras catarinenses, farei a prova. E, assim, no dia 17 de novembro de 2013 realizei a prova, e para minha surpresa saí da sala com uma única sensação: ou eu tinha me saído muito bem e errado no máximo oito questões das quarenta, ou tinha me saído muito mal e acertado no máximo oito.

Eita, eu! Sim, não foi possível o “eita, nós!”. As meninas, infelizmente, não alcançaram o número mínimo de acertos na prova de legislação e foram desclassificadas, e eu? Eu estava na segunda fase em terceiro lugar. Fiz a prova didática e a de títulos e fiquei aprovada em quinto lugar. Eu havia me inscrito para a vaga de professora de língua portuguesa/inglesa no *Campus* Luzerna, afinal este município está apenas a 225 km de distância da minha querida Passo Fundo e eu não ficaria longe da minha família. Embora as vagas ofertadas nos *campi* Camboriú, Brusque, São Francisco do Sul fossem muito atrativas, eu acreditava que um *campus* longe do litoral despertasse menos interesse, por isso escolhi a vaga para o *campus* de Luzerna, pois este era o único que exigia o título de mestre para a vaga, os demais apenas graduação em Letras Português/Inglês. Pensa que me enganei, pois havia 70 candidatos querendo o mesmo que eu.

## A posse, o exercício e a mudança

Bem, como eu não fiquei aprovada em primeiro lugar, mas em quinto, não fui logo nomeada. Minha nomeação (chamada para a vaga) ocorreu 23 dias após o meu aniversário, no mês de junho. Ou seja, no dia 26 de junho de 2014. Nossa! Aguenta, coração! Mas a vaga para eu assumir, caso aceitasse, era para o *Campus* Ibirama. Eu nem pensei, disse: aceito! Lembro-me de pensar: nunca ouvi o nome dessa cidade, nem faço ideia para que lado fica. Senhor! Ibirama fica a 415 km de Passo Fundo, são seis longas horas tanto de carro quanto de ônibus. E agora? Eu já disse sim! E gaúcho que é gaúcho não amarela, não volta atrás... Para isso tem a cama, o melhor lugar para deixar afogar as lágrimas. A gente chora, mas não volta atrás.



Foto da posse na Reitoria do IFC em Blumenau (SC).

Fonte: acervo da autora.

Então, no dia 01 de agosto de 2014, entrei em exercício no *Campus* Ibirama, e no dia 04 iniciei minha trajetória de professora EBTT no IFC, agora como concursada. Era para eu estar feliz, afinal havia concretizado o meu sonho. Porém, chorei a madrugada inteira do dia 05 de agosto de 2014.

Ibirama, cidade dos belos panoramas, a cidade que me escolheu, mas não me acolheu inicialmente. Meu esposo veio comigo e procuramos, em várias imobiliárias, casas ou apartamentos com três quartos para alugar, mas não havia imóveis com essas características disponíveis para locação. Por isso, durante três meses eu aluguei um quarto com banheiro em uma pensão e dividi a cozinha com outras meninas. Lembro-me da noite do dia 4 de agosto, que desgosto! Após deixar meu esposo na rodoviária de Rio do

Sul, para ele retornar para nosso lar em Marau (RS), voltei dirigindo para Ibirama. Fiz os 26 km com o coração apertado, e o choro engasgado. Assim como a chuva fina que molhava o para-brisa do carro, as minhas lágrimas começavam a lavar minha face lentamente.

Meu pai celestial, eu nunca havia imaginado, sequer sonhado ou remotamente passado pela minha cabeça que realizar um sonho pudesse doer tanto e me causasse tantas lágrimas. Eu estava sozinha, longe das minhas filhas e do meu bebê de apenas 1 ano e 4 meses. Longe do meu esposo, da minha mãe e do meu pai. Não havia ninguém que eu conhecesse, nenhuma referência fraterna, nada. Nossa, a solidão e a distância arderam e doeram, como duas estacas cravadas no peito. Assim, todo domingo à noite, eu pegava o ônibus na rodoviária em Passo Fundo rumo a Rio do Sul. Quando o ônibus não quebrava na estrada, eu chegava a Rio do Sul às 4h da manhã, atravessava a BR-470 a pé e sozinha até chegar ao estacionamento da Havan, onde pegava meu carro que ficara lá na quinta-feira à noite, e dirigia até Ibirama. Assim que eu chegava ao meu quartinho, chorava mais um pouco de saudade do meu bebê e das minhas filhas e do meu esposo. Sem eles eu me sentia desprotegida, sem chão...

Aos poucos, recebi ajuda de alguns colegas com a indicação de alguns imóveis para alugar. As viagens de ida e volta eram tão sofridas e desgastantes que eu já começava a aceitar a ideia de que teria de abrir mão dos confortos do meu lar e da minha terra natal. Então, depois de três longos, tristes e infundáveis meses, consegui alugar uma casa que atendia parcialmente às nossas necessidades. Como aqui em Ibirama o clima é bastante úmido, comecei a ter muitos problemas com mofo, até os vidros das janelas mofavam naquela casa. Senhor! Misericórdia! Por isso, durante o meu primeiro ano no *campus*, meu único objetivo era uma remoção ou redistribuição. Visitei vários *campi*, conversei com vários diretores e professores de outros *campi* na esperança de juntar minhas tralhas e voltar para minha querência amada, o meu Rio Grande do Sul. Até cair a minha ficha de que esse seria um processo longo e demorado. Foi então que decidi mudar o verbo *mudar* de lugar. Decidi mudar o meu sentimento em relação à terra estrangeira e passei a conhecer e a explorar o lugar. Foi então que eu e meu esposo começamos a visitar os municípios que integram a região do Alto Vale. Com a ajudinha da rede Globo, através do programa Globo Repórter, descobrimos que Pomerode era

próxima de Ibirama, e que era possível tomar um café da tarde na Torten Paradise e desfrutar de todas as iguarias da culinária alemã. Blumenau então! A terra da Oktober Fest! E a praia? Estava só a duas horas da nossa casa! Já não era mais tão ruim morar na terra estrangeira.

Ibirama é uma cidade de colonização alemã, com pouco mais de 17 mil habitantes e com um IDH alto, de 0,737. Quando mudei o meu olhar e o meu sentir sobre a terra nova e longe da parentela, mudei o meu querer. Eu e meus filhos descobrimos como é bom viver numa cidade pequena, com criminalidade baixíssima. Aqui, dá para dormir de janela e de porta abertas sem risco de invasão ou de assalto. Todo o transporte escolar é custeado pela Prefeitura Municipal, meu filho frequenta o CEI (Centro de Educação Infantil) e o ônibus escolar o deixa na porta da minha casa. A gasolina, aqui, é mais barata cerca de um real por litro em relação ao Rio Grande do Sul. E o melhor ainda está por vir. Eu descobri as fábricas tanto de roupas como de acessórios e de móveis e acabei mudando o meu sobrenome, agora sou *Lisiane Promoção no Feirão Outlet em Qualquer Estação!* Haja limite no cartão.

E como o *slogan* da cidade é “Ibirama, cidade dos belos panoramas”, é válido ressaltar que além das belas paisagens há, também, atividades radicais como a tirolesa (a maior tirolesa urbana do Brasil), o *rafting* e os campeonatos de *DownHill*. Sabe quem quer mudar agora? Meus irmãos agora sonham em vir morar aqui. Dizem que eu fui abençoada, e fui mesmo! Por isso, remoção ou redistribuição só para um IF ou *campus* que supere todas as comodidades, belezas e oportunidades que tenho aqui. Às vezes, a mudança precisa acontecer dentro de nós! Mas cabe a cada um(a) avaliar o que é melhor para si.



Igreja Evangélica IECLB – Vista da cidade no morro da igreja IECLB.

Fonte: acervo da autora.

Assim, após superadas todas as dificuldades na nova terra, a carreira EBTT tem sido desafiadora e gratificante, pois realizo meu desejo de mudar e transformar vidas com o conhecimento. Meu coração doeu e gemeu, mas agora vejo que valeu a pena! A carreira EBTT é como uma rosa, tem perfume, é bela, mas também tem espinhos que machucam, inflamam, causam dor... E encanta com o seu esplendor.



Eu e meu filho Lui, na época com dois anos, na tirolesa.

Fonte: acervo da autora.

## QUANDO VOLTAR NÃO É A MELHOR SOLUÇÃO

Manoel Silva e Souza

(Professor do IFMT, *Campus Várzea Grande*)

### **Início de tudo**

No dia 5 de janeiro de 2013, saí da cidade de Várzea Grande (MT) em direção a Xapuri (AC), numa viagem “sem volta”, pois o objetivo era tomar posse como docente no concurso público do Instituto Federal do Acre (IFAC). Eu tinha um ano e nove meses de casado, deixei a esposa chorando e fui chorando porque sabia que parte da família da qual acabara de me despedir na rodoviária eu não reveria tão logo.

Fiz uma viagem de duas noites e um dia dentro de um ônibus; para chegar ao estado do Acre é preciso atravessar o rio Madeira de balsa por uns 20 minutos. Ao chegar à cidade de Rio Branco e caminhar para a reitoria, a fim de tomar posse, tive um dos momentos mais sublimes de minha vida, na minha mente passou um filme: nasci e me criei em bairro pobre, à beira do rio Cuiabá; fui vendedor, na rua, de suquinhos, panelas e picolés; fui limpador de quintal; servente de pedreiro; vendedor de remédios naturais; e ao caminhar à reitoria, me lembrei de que todos os meus amigos tinham entrado para a criminalidade, e os que não morreram estão até hoje presos. Ao rememorar tudo isso, eu agradecia a Deus e lembrava as humilhações por que passei, e sentia ecoar a letra de um hino gospel: “a minha vitória hoje tem sabor de mel... Quem te viu passar na prova e não te ajudou, quando ver você na benção vai se arrepender”.

Eu chorava porque somente Deus e eu sabíamos o que já tinha passado. Tomei posse no dia 8 de janeiro de 2013, e no dia 10 de janeiro de 2013 fui em direção à cidade de Xapuri, município a 186 km de Rio Branco. Ao chegar, não entrei em exercício de imediato, pois todos os servidores antigos estavam em férias e os novatos deveriam ministrar cursos de verão para a comunidade. Preferi esperar e conhecer primeiro a cidade. Os xapurienses são um povo acolhedor. Os donos de um mercado, Jonas e Ana Célia, sem me conhecer pegaram minhas coisas e as levaram para sua casa, até eu conseguir um lugar onde morar. O dono de uma loja de móveis abriu crédito para mim



e eu fui me ajeitando. Estava muito feliz, liguei para meus familiares e amigos do Mato Grosso e disse que em Xapuri eu reconstruiria minha vida.

A cidade é pequena e tem aproximadamente 15 mil habitantes, contando com os da área rural. O clima daquela pacata cidade não se compara ao de Cuiabá ou de qualquer urbe de Mato Grosso. A casa onde fui morar era muito próxima de uma floresta, onde chove muito, e então adeus àquele calorão cuiabano. Liguei para minha esposa e disse que ali seríamos felizes com a nossa família. Achei curioso que lá todos os homens, mulheres, crianças e jovens usavam guarda-chuva, pois quando não era pela chuva era pelo sol. Eu mesmo aderi a esse hábito e para onde ia levava esse objeto. E então fiz uma promessa: não sairia de Xapuri jamais.

Eu fui professor substituto do Instituto Federal do Mato Grosso (IFMT), *Campus* Bela Vista, na cidade de Cuiabá, e ao entrar nesse *campus* disse comigo: “isso aqui é outro mundo, os alunos são diferentes dos da rede estadual e municipal; o salário é melhor; nunca mais volto para a rede estadual; vou estudar e ser aprovado num concurso federal”. Esse *campus* onde trabalhei na capital é antigo, pois o IFMT Cuiabá era o velho ETF, que nas décadas anteriores era escola de artesãos. Nesse *campus* nunca vi perseguição a professor, seja efetivo ou substituto. Eu era muito bem tratado por parte da gestão e tinha liberdade de marcar minhas próprias aulas.

## **O mal súbito na família**

Ainda em 2013, três meses após minha chegada em novas terras, eu estava igual à utopia do livro de Thomas More. Eram meados do mês de março de 2013 quando minha esposa veio me visitar no Acre, e me disse que meu pai estava sentindo fortes dores no peito, mas que era ácido úrico. Até que num dia de domingo recebi a notícia de que ele estava com mais de uma semana passando mal, e que fora levado ao pronto-socorro de Cuiabá, pois havia enfartado e sido reanimado. Fizemos exames e as veias do seu coração estavam todas entupidas; se fizessem a cirurgia, ele poderia morrer; e se não fizessem, morreria do mesmo jeito. A cirurgia custava 96 mil reais e nós não tínhamos esse dinheiro e nem banco para emprestar; eu era recém-empossado, como o banco emprestaria todo esse dinheiro?

Em desespero, procurei um colega do IFAC. No Acre, os voos são caros



e difíceis. Teve um amigo, professor de física, cuja sua mãe faleceu em MG e nem o governador do estado conseguiu arrumar um voo para ele. Enteraram a mãe sem ele vê-la. Era domingo e o colega ligou para seus contatos e não conseguiu nada, então fui liberado. Fui até a igreja e pedi oração ao pastor, estava muito desesperado, e viajei para Cuiabá. Esperavam minha autorização para operarem meu pai. Na verdade, era mais o medo de meu pai morrer e eu não vê-lo.

Para quem crê, Deus existe, e para quem não crê, ele existe do mesmo modo. Deus não depende de mim para existir. Antes de ir embora para o Acre, eu disse: “Deus, se o Senhor me abençoar que eu seja aprovado em todas as fases do concurso, darei uma oferta para ajudar na construção de uma igreja”. O concurso era concorrido, com doutores e mestres, esse era o meu temor; já havia feito outros concursos e não tinha sido aprovado. Deus me ouviu, passei em todas as fases em primeiro lugar e somente com o título de especialista. Minha irmã me disse que eu era louco em dar aquele dinheiro à igreja. Mas eu falei que Deus já me dera o que eu queria e que seria permanente, minha aprovação. Pois bem, nós não tínhamos condições de pagar aquela cirurgia, meu pai enfartando direto e meus irmãos desesperados.

Foi quando na porta do hospital apareceu um cardiologista e olhou para o meu pai e o reconheceu: “o senhor não é o tio que vendia maçã do amor e balinha de coco na escola?”. Meu pai disse: “sim”. Ele procurou saber o que se passava e ao tomar todo conhecimento, afirmou: “eu vou operar o tio, ele vendia doces para mim na porta da escola quando eu era pequeno”. Por isso eu disse que Deus é fiel, independente se acreditarem ou não. Ele não precisa de “a” ou “b” para existir. Dr. Danilo, um menino que comprava docinhos de meu pai (eu também vendia doces na porta da escola), fez tudo sem cobrar um centavo da família. Eu estava dentro do ônibus, ainda no estado de Rondônia, quando me ligaram pedindo autorização para operar meu pai. Respondi afirmativamente, e quando cheguei em Cuiabá, ele havia sido operado, estava na UTI e passava bem. Deus não deve nada para ninguém.

Mas a cirurgia não fora completa, fizeram somente três veias, outras quatro ficaram por fazer, e em setembro de 2013 o problema bateu à porta novamente, mas dessa vez ninguém me avisou, porque em Xapuri não tinha sinal. Lá é um caso sério, tem dias em que tudo fica sem sinal, nada vezes nada funciona. Já cheguei a ficar por uma semana isolado, sem comunicação.

E durante esses dias em que meu pai estava doente, eu senti uma angústia, algo ruim estava acontecendo. Meus irmãos o levaram para fazer um ecocardiograma, e na mesa de exame, meu pai faleceu. Os médicos lá dentro tentaram reanimá-lo. Nesse instante, minha irmã, preocupada porque o pai demorava a sair da sala, ligou para uma irmã de oração, e antes que minha irmã falasse, ela disse: “Deus revela que seu pai morreu, mas ele vai devolver a vida dele”.

Nesse momento, passaram correndo com meu pai na maca e o levaram para a UTI. O que aconteceu? Ele enfartou na mesa do exame que estava sendo feito num hospital classe A de Cuiabá. Então, quando o médico conseguiu reanimar meu pai, claro que foi Deus que devolveu a vida a ele. O médico fez a cirurgia em mais duas veias e ninguém pagou nada. A conta foi enviada à secretaria estadual de saúde, no valor de 96 mil reais. No outro dia, esse mesmo médico, com outra equipe, foi entrevistar meu pai, dizendo que ele havia entrado em óbito e que eles gostariam de saber o que meu pai sentiu, se viu alguma coisa além da vida. Sendo assim, não fiz a viagem, pois ele já havia sido operado e já estava se recuperando. Nessa mesma noite, minha avó, mãe de meu pai, morreu, e já era tarde quando recebi a notícia. Os voos para o Acre são duas vezes por dia. Velaram o corpo de minha avó com meu pai na UTI, sem ele saber.

Eu fui correndo novamente, mas o ônibus faz o percurso em 40 horas, de Xapuri à capital Rio Branco tem ônibus duas vezes por dia, de manhã vai e à tarde volta, e leva 4 horas para chegar na capital. Nem querendo se consegue alcançar voo de avião. A igreja que eu ajudara me ajudou com passagens para ir ver a família, mas quando cheguei em Cuiabá já tinham enterrado minha avó. Passei o ano de 2013 longe da esposa novamente, ela estava terminando a graduação em Cuiabá. Era o ano de 2014 e retornei para o Acre após as férias, sozinho. Minha esposa ficou. Era o mês de abril e o irmão de meu pai, que cuidava dele, sentiu uma dor no peito e foi até uma policlínica. Lá mesmo faleceu. Uma semana depois, outro irmão de meu pai faleceu; em menos de 6 meses, três mortes na família; numa semana, morreram dois irmãos. Agora, a minha paz e meu sossego, aquele sonho de construir uma vida em Xapuri tinham sumido. Eu só pensava em meu pai, e como se não bastasse o pai de minha esposa veio a falecer no Rio Grande do Sul. Estávamos em Cuiabá, mas não pudemos ir por falta de voos.

Em julho de 2014, iniciava a copa do mundo no Brasil. Nessa época, recebi uma ligação que meu pai estava mal, e somente 4% do seu coração funcionava. Minha esposa chegou de manhã, de Cuiabá para Xapuri. À tarde, o desespero bateu à porta e tive que deixá-la sozinha e sair às pressas. Ao chegar em Cuiabá, era dia de jogo, e meu pai estava internado, enquanto meus irmãos corriam para conseguir fazer a cirurgia. O hospital público não queria fazer. Fomos ao particular e internamos meu pai com o aval do SUS, mas ainda sem a cirurgia. Meu irmão é advogado e entrou com um mandado de segurança. Os médicos disseram: “veja os mandados de segurança que temos. Não somos obrigados a cumprir mandado de segurança. Se vocês tiverem dinheiro, operamos. Se não, nada feito”.

Naquele instante, me deu um ódio tão grande de copa do mundo. Enquanto muitos estão gritando “gol”, outros gritam por socorro nos hospitais; enquanto uns dizem “uhuuu” por um gol perdido, outros gritam “ai ai ai” à beira da morte. Meu irmão retornou ao juiz e disse o que os médicos alegaram. O juiz, muito bom, disse a ele que o estado tinha gastado todo dinheiro com essa copa e que as contas estavam vazias, e mostrou a única conta que tinha dinheiro, a da secretaria de comunicação, que fazia as propagandas. Ele acessou aquela conta e transferiu o dinheiro para o hospital, e fizeram a cirurgia de meu pai. Eu entrei numa igreja, que estava vazia, e disse: “Deus, não deixa o Brasil ganhar, afinal, quando se ganha uma copa, o que os brasileiros ganham?”. Graças a Deus, todas as veias do coração de meu pai agora foram tratadas com procedimento cirúrgico. Nisso, já voltei para o Acre com um processo de redistribuição aberto no IFMT. Já não aguentava mais toda aquela correria.

## **A grande enchente**

Ao retornar das férias em 2015, o meu processo de redistribuição já estava correndo em sigilo, não comentei com ninguém no *campus* para não atrapalharem. Dos servidores antigos eu era o único que estava lá. Voltei sem vontade. Sabe aquela coisa ruim que você sente quando está voltando para um lugar? Não sei explicar muito bem, eu voltava para o Acre como se estivesse amarrado e alguém me puxando, mas tinha que voltar. Retornei em fevereiro de 2015 e minha esposa retornaria em março, mas não deu certo.

O rio Madeira encheu.

Dias chuvosos se seguiram e o Acre ficou isolado. As estradas de Rondônia também ficaram debaixo d'água. A FAB começou a levar mantimentos para abastecer os supermercados. Era triste ver os mercados. Foi preciso liberar entradas de carretas vindas do Peru trazendo combustível e mantimentos. 80% da cidade de Xapuri ficou debaixo d'água. Não se podia ficar em casa. Eu ficava na rua o tempo todo. Consegui uma canoa e fiz um "tour" pela cidade de Xapuri. Era caótica a situação.

Tem gente que sobrevive da miséria e da desgraça dos outros. Os aviões aumentaram os preços das passagens e não tinha como minha esposa voltar para o Acre. Mesmo quando as águas baixaram, não tinham estradas e ela só retornou em maio. Era um dia de domingo. Quando chegou a notícia de que meu avô, pai de meu pai, havia falecido, chorei e não pude sequer sair do lugar.

Já era outubro de 2015, e numa bela segunda-feira recebo uma ligação perguntando se eu era marido de Marilda. Respondi que sim. Disseram-me: "ela acabou de ser atropelada por um carro". Então, meu mundo desabou novamente. Já tive que sair correndo para pegar ônibus, houve estrago na moto e minha esposa quebrou o pulso, mas graças a Deus estava bem. Voltamos para o Acre. Ela estava gestante e não sabia. No final de novembro de 2015, recebemos a notícia da gravidez. Chegaram as férias em 2016 e nada de a redistribuição sair.

Quando retornei das férias, meu processo foi para o MEC, e assim fiquei no aguardo.

Finalmente, em junho de 2016, o MEC publicou minha redistribuição e eu finalmente deixei o Acre, levando mais uma ilusão.

### **Quando voltar para casa não é a melhor solução**

Vim para o IFMT, pensei que continuaria perto de casa e não estou. Ainda me acho a 1.600 km (ida e volta) da casa de meus pais e familiares. Graças a Deus estou junto a minha esposa com meu filhinho e no momento já estamos gestantes esperando outro. Cheguei ao IFMT cheio de esperanças, mas não sou feliz onde estou. Sabem o que é estar preso dentro de um tambor? É assim que me sinto.

No entanto, meus pais estão bem! E eu não vivo mais de aluguel. Consegui comprar uma casa. Antes, éramos dois, depois três. E agora seremos quatro. Em janeiro de 2019, nasceu meu outro filho. E assim vou seguindo, com luta e fé em cada dia vivido.



## **MEA CULPA!**

Onilma Freire dos Santos  
(Professora do Colégio Militar do Recife)

Parecia um sonho... Quase tudo o que desejamos nesta vida começa como um sonho. Todavia, como dizia um personagem de um filme qualquer, “cuidado com o que você deseja, pois você pode conseguir”. Depois de alguns anos trabalhando para o Estado da Paraíba e o Município de João Pessoa, cansada da falta de estrutura, dos baixos salários e do número exorbitante de aulas, decidi prestar concurso para uma instituição federal. Há um fato que não se pode negligenciar: eu já estava decidida a abandonar a educação. Não fosse pela insistência de um amigo, o qual também se aventurou por essas terras mato-grossenses em que me encontro, não estaria aqui narrando este relato.

Tudo teve início em 2015, quando me inscrevi para um concurso de uma única vaga. Não vou negar, não acreditei que conseguiria, mas quem vai entender os planos do destino? Passei! Em primeiro lugar para o IFMT, mais precisamente para trabalhar no município de Sorriso. “Uma cidade com esse nome não pode me trazer nada além de sorte e alegria”, pensei alto... Ledo engano! Não posso dizer que tudo foi ruim, não foi. Conheci gente maravilhosa, costumes diferentes, sabores exóticos, mas também conheci sentimentos terríveis, como solidão, amargura, impotência, desprezo. É, Sorriso, foi difícil sorrir por aqui... tem sido difícil, mas sou nordestina, é preciso mais para me derrubar.

Vamos aos fatos! Meu nome é Onilma e eu moro em uma cidade que fica a quilômetros de distância do aconchego do meu lar. Sim, leitor(a), eu sei, eu tomei a decisão de estar aqui, não fui obrigada, mas precisava ser assim? Se somos tantos e estamos todos espalhados pelo Brasil, por que tornam tão difícil a nossa partida? Estou nesta cidade há 2 anos e 6 meses e cada dia que passa é como um fardo que cai em minhas costas. Estou longe de todos e tudo que eu amo e, o que torna tudo pior, não consigo me adaptar.

A chegada não foi das melhores... Na viagem de 6 horas da capital à cidade de Sorriso, encontrei um estranho que me perguntou se eu estava preparada para o preconceito racial que sofreria aqui. “Como assim? Minha

pele é branca”, indaguei. Ao que ele respondeu: “Com esses cabelos, você é negra em Sorriso”. Não me preocupou o fato de ser vista como negra, até gostei, mas sim a situação. O que aquele homem pretendia? Bem, se era me amedrontar, não deu certo. Vesti de imediato minha armadura e soltei em tom educado: “Sorriso vai ter de engolir! Não vim a essa cidade pedir nada a ninguém, vim trabalhar porque fui a primeira entre muitos em um concurso”. Contudo, o coração apertava... sim! Eu estava preparada? Não sei, mas aqui cheguei.

No Instituto, o qual costumo chamar de “A Grande Torre de Babel”, tudo em paz... Tudo mais ou menos em paz... Ao que parece, não havia preconceito, não explícito, pelo menos. Acredito que para algumas pessoas, incomodava mais o fato de eu ser nordestina que ser negra. Muitos brancos, muitos loiros, muitos sobrenomes estrangeiros. Paciência! Sou Freire... Freire dos Santos.

Aqui fiz alguns amigos, não muitos. Tive que armar a barricada na chegada, desse modo, não deu para fazer muitos amigos. Porém, fiz os melhores! Enquanto tudo acontecia muito rápido, sentia um vazio imenso. Deixar seus filhos, sua mãe, seus amigos, seus livros, sua casa e seu sotaque em outro lugar não é fácil. Na verdade, meu sotaque me acompanha até hoje, mas aqui é uníssono e sempre seguido de risos e comentários típicos de quem nunca leu Bagno, de quem nada entende de variação linguística. Perdoa-lhes, pai, eles não sabem o que dizem!

Assim que cheguei, instalei-me em uma quitinete simples, sem móveis e tive que dormir no chão por uma semana, tendo a mala como travesseiro. O dinheiro era curto e o custo de vida aqui na cidade repartida ao meio é altíssimo! Sim, amigo/a leitor/a, a cidade é dividida ao meio... Em breve chegarei nesse ponto, deixe-me antes falar da minha primeira morada. Ah! A quitinete, onde assisti às escolas de samba do Rio de Janeiro pelo celular... Cheguei no Carnaval, nada mais irônico a vida poderia me preparar, logo eu, vinda de Pernambuco, tive que passar os 4 dias de Momo com os insetos. Aqui tem muitos insetos, pois o bairro é pouco loteado e repleto de capim. É nele que fica o IFMT, em frente à minha quitinete alugada.

Vim só, mas meu namorado veio em seguida... e voltou... e veio... e voltou (paremos por aqui, não temos laudas para falar de um amor que esbarrou na falta de emprego e no preconceito que se refletiu em diversas entrevistas



que não resistiam ao sotaque do meu namorado paraibano). Enfim, continuei só. A quitinete vazia era o meu reduto. Um reduto de uma arrependida que, por força de questões financeiras, não podia voltar atrás. “O salário é muito bom! Tenho que ajudar os meus”, pensava sozinha, comendo minha quitinha fria na minha quitinete alugada. Passou o Carnaval, chegou o primeiro dia de aula. Alunos maravilhosos cuja inocência não deixava que me vissem como uma retirante. Não todos, é claro, mas a imensa maioria.

Entre os colegas de trabalho, um ou outro mato-grossense, todos os recém-chegados no mesmo barco. Todos loucos de saudade, todos sentindo o peso da distância, mas poucos negros e/ou nordestinos. Parecia que para eles era mais fácil. Outro engano! Não era fácil para ninguém. Não era fácil para a colega paulistana, linda e loira; não era fácil para o mineiro quieto, não era fácil para o goiano sociólogo, tampouco para mim. Não era fácil para ninguém. Minhas filhas tão longe, minha mãe não aguentaria uma viagem tão difícil... Não há voo direto, tive que encontrar alguém para falar. A questão era: do lado de cá ou do lado de lá?

Sim! Falemos da linha social que divide a cidade de Sorriso... É, amigo leitor, essa cidade é dividida em duas, literalmente: de um lado, gaúchos, paranaenses, catarinenses cheios de orgulho não sei de quê, compõem o lado “bom”, o lado “seguro”, o lado “civilizado” da cidade. É assim que se entende o lado de cá aqui em Sorriso. Do lado de lá, maranhenses, muitos maranhenses, muitos maranhenses e alguns gaúchos sem sorte, alguns paranaenses sem sorte, alguns catarinenses sem sorte que dividem o lado “ruim” da cidade, o lado “inseguro”, o lado pouco “civilizado”, é assim que a maioria das pessoas vem construindo a identidade dessa cidade de 32 anos. E eu, uma pernambucana que está do lado de cá a me perguntar: O que estou fazendo aqui?

Os costumes são estranhos aqui. É Mato Grosso, mas há centros de cultura e tradição gaúcha, ouve-se música gaúcha, come-se comida sem coentro, peixes só de água doce, toma-se chimarrão o dia inteiro, mesmo a cidade sendo quente e seca como nem sei o quê! Também bebem tererê, que é gelado, mas quem gosta dessa bebida são os jovens. Os adultos preferem fingir que estão no clima frio do Sul. Eu acho engraçado, mas não ousa sorrir... até respeito, só não compartilho. Prefiro o suco de laranja com choripan que vendem na feira das quintas-feiras. As lojas Americanas e o cinema são mi-

nha segunda casa... O *shopping*, que mais parece uma galeria, também é uma fuga.

O trabalho foi o que realmente ocupou meu tempo, disfarçou a angústia de estar onde não se quer estar. Sigo sempre fazendo um “mea culpa”, afinal, eu vim porque quis. No entanto, nada disso diminui a tristeza de estar onde não cabemos. As pessoas não se cumprimentam na rua. “Bom dia”, “Boa tarde” e “Boa noite” é coisa de gente muito íntima por aqui. Não é uma questão de educação. As pessoas não se tocam por aqui, não apertam as mãos, não trocam beijinhos à maneira paulista ou carioca, nem 3, nem 2, é sempre 0. O lugar é quente, mas as pessoas são frias. Às vezes, bate um desespero, uma vontade de pedir exoneração, de jogar tudo para o alto e entrar no primeiro avião com 3 conexões até Recife! Paro, respiro, penso melhor e digo “está tudo bem, estar aqui não é o mais importante... o mais importante é voltar para casa”.

Comecei, assim, a minha saga para voltar para casa, precisava fazer algo por mim. Criei grupos na internet, nos aplicativos de mensagens, procurei pessoas que viviam, como eu vivo, um êxodo profissional. Parafraseando o poeta, pessoas que estavam em um abismo que elas mesmas cavaram, como eu. Encontrei! Encontrei muitos, permitam-me as metáforas, “refugiados no próprio país”, muitos “imigrantes na própria nação”. Pareço exagerada? Não sou, leigo leitor, o Mato Grosso é um Brasil dentro do Brasil, Sorriso é um Rio Grande do Sul dentro do Mato Grosso e assim por diante. Criamos um grupo cujo título é “Redistribuição”.

Redistribuição é um processo administrativo, burocrático, regido pela lei 8.112 que nos permite trocar a instituição em que estamos lotados por outra, de mesma autarquia e em cargos de mesma natureza. Muitas palavras adentraram meu vocabulário daquele momento em diante: código de vaga, permuta, triangulação, entre outras. Tentamos, juntos, conseguir a façanha de voltar para casa. Quando eu encontrei o código de vaga, meu instituto não podia me liberar, quando encontrei uma permuta, o outro funcionário desistiu... e assim permaneci, até o dia de hoje, sempre em vias de ir para Alagoas, Paraíba, Pernambuco, sem nunca sair do lugar. Eram apenas centelhas de esperança que acendiam e apagavam, fazendo com que eu me sentisse ainda mais frustrada, derrotada, sozinha. Depois de um tempo, parei de compartilhar essas falsas esperanças com meus filhos, com minha mãe, com os outros

parentes, com os amigos, pois eles não mereciam sofrer junto comigo.

Enquanto nada se resolvia, vamos sair? Vamos tentar fazer amigos? Fui... Na cidade, ouvi de um bêbado um belíssimo “volte para o seu estado, nordestina”; no instituto, ouvi de um estrangeiro “volte para o seu estado, nordestina”. Desisti, era melhor ficar sozinha... Isolei-me novamente. Mas nem tudo é tragédia! Meu filho veio... veio para perto de mim. Está estudando, gostando da cidade... Mesmo diante do codinome “Pernambuco”, que a mim incomoda bastante, visto que seu nome é Vinícius, ele se sente bem. É bom ser inocente, a gente sofre menos.

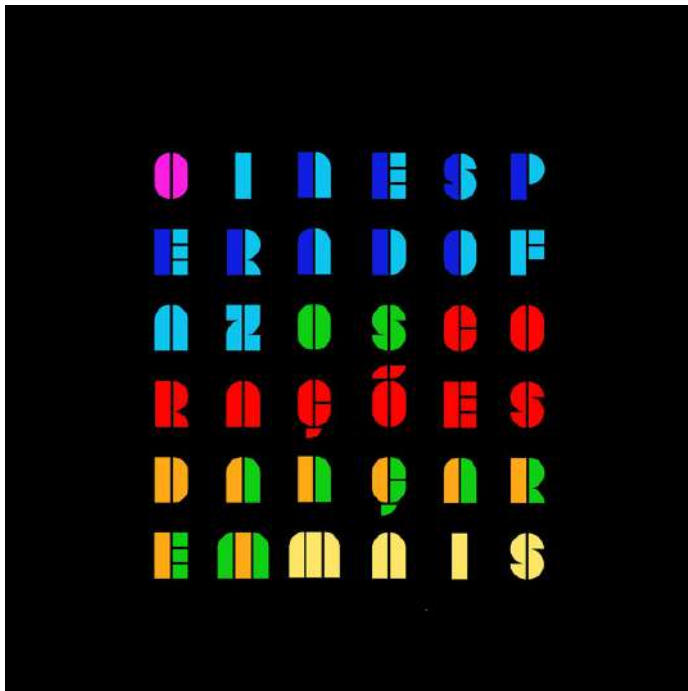
Já não me sinto tão só, um pedaço de mim está aqui, já tenho promessa de redistribuição para 2019, já fiz amigos, poucos, mas fiz. As coisas estão se organizando, viajo duas vezes por ano ao meu estado, abasteço minhas esperanças e volto para viver esta cidade. Ainda é duro comer por aqui, ainda é difícil ouvir música sertaneja em toda esquina, ainda é estranho sangrar pelo nariz por causa do clima seco, ainda é difícil acostumar com a ausência de praia, mas ainda continua sendo mais difícil viver longe da minha querida mãe, das minhas filhas, dos meus amigos, dos meus livros. Outrossim, é difícil não ouvir o som da minha gente, cantando em meus ouvidos com aquele sotaque acolhedor, de gente simples, que dá bom dia, que se abraça, que se toca, que sabe sentir. Eu sou o Nordeste e quero viver meu Pernambuco.

Vou continuar aqui por uns tempos, sem sorrir em Sorriso, mas não vou desistir de poder ver o mar à hora em que eu quiser, de comer peixe de água salgada, de contemplar as cores nas ruas, de ouvir um frevo gritando em meus ouvidos nas ruas de Olinda. Não vou desistir de sentir o cheiro da minha mãe, de ver o sorriso das minhas filhas à hora em que eu bem entender, de dividir as calçadas com meus amigos e vizinhos, de visitar a minha Universidade sempre que der vontade, de ir ao estádio torcer pelo meu time, de comer meu cuscuz e minha macaxeira no mercado público da Boa Vista... Por mais difícil que seja, não vou desistir de voltar ao meu lugar e de, enfim, cantar: “Voltei, Recife, foi a saudade que me trouxe pelos braços...”



PARTE IV  
*Fronteiras*





*(Augusto de Campos)*





## LONGE TAMBÉM É CASA

Carla Richter

(Professora do IFPE, *Campus* Palmares)

“Nada começa de repente, nem se sustenta no vazio. Nada vinga de somente infértil em solo improdutivo, nem floresce sem determinação e cuidados. Nada evolui senão de raízes potencialmente fortes, nem se desenvolve sem desbravar seus próprios caminhos. Nada conquista espaço sem exercitar um vir-a-ser diário e se responsabilizar pelo próprio percurso, sobrevivendo a obstáculos, preconceitos e mitos, fortificando-se nos desencontros. Nada escreve e reescreve a própria história sem resgatar memórias, sem construir e reconstruir, continuamente a própria identidade”.

(Maximina Freire, 2009, p. 11)

Fui criada pelos meus avós. Não éramos pobres, nunca me faltou nada, mas estávamos longe de ser ricos. Minha mãe era mãe solo, teve três filhas do primeiro casamento e depois de separada já há alguns anos, engravidou de mim e do meu irmão, Gustavo. Éramos gêmeos, mas meu irmão nasceu com alguns problemas de saúde e morreu com apenas 59 dias. 59 dias, leitor(a), não 60. Mas ainda estamos juntos.

Quando engravidou de mim e do meu irmão, minha mãe estava desempregada. Nosso pai biológico nunca nos assumiu. E eu entraria para a enorme lista de brasileiros e brasileiras sem o nome do pai biológico na Certidão de Nascimento. Minha mãe, aos 30 anos, se viu só, desempregada e grávida. Ela só não sabia que ao invés de um, eram dois, mas segundo me contou, sentia que aquela gestação era “diferente”. Ela só descobriu que éramos gêmeos quando nascemos.

Minha mãe escondeu a gravidez da minha avó por 7 meses. Quando esta última descobriu, foi um corre-corre porque não tínhamos nada de enxoval: uma estava grávida e desempregada; a outra, sem dinheiro. Então, minha avó vendeu um terreno que tinha para ajudar nas despesas, e minha tia/madrinha separou algumas coisas da minha prima para nos doar. Tínhamos um só berço e dormíamos meu irmão e eu juntinhos, cada um de um lado do berço nos poucos dias em que ele ficou em casa (uma vez que praticamente não saiu do hospital depois que nasceu). Enquanto minha mãe estava no

hospital, eu fiquei na casa dos meus avós, de onde saí para casar aos 26 anos com Beto, meu primeiro namorado e amor da minha vida.

Cresci sem pai biológico, mas com um pai de coração amoroso e dedicado que me adotou desde o dia em que nasci: meu avô. Mas não o pai da minha mãe, e sim o seu padrasto. A minha família era meu avô, minha avó e eu. Éramos felizes e eu cresci saudável e com a certeza de que era muito amada pelos meus avós. Nunca conheci meu pai nem nunca senti falta dele. Meu avô me bastava e tanto ele quanto a minha avó me enchiam de mimos. Minha mãe não morava conosco e nos víamos aos finais de semana. Eu nunca quis sair da casa dos meus avós e, para mim, eles são os meus pais porque era com eles que eu contava para tudo. Sempre que alguém perguntava se eu era neta da minha vó, ela dizia: Neta não; filha. Meu avô dizia em alto e bom som que ninguém vinha antes de mim. Nossos laços de amor, acredito eu, já vinham de outras vidas. E reencontramo-nos.

Cresci, e por volta dos 11 anos, num restaurante com a minha mãe, pela primeira vez ouvi alguém falando inglês perto de mim. Foi amor à primeira vista, ou melhor, “ouvida”! Fiquei prestando atenção às pessoas conversando e foi como se os sons daquela língua que, naquele momento, *ainda me era estrangeira*, dançassem no meu ouvido. Cheguei em casa pensando nisso e disse a mim mesma que iria aprender a falar inglês.

Sempre gostei de estudar e sempre fui boa aluna. Comecei a estudar inglês aos 12 anos. Minha avó pagou o curso por um semestre. Depois, não conseguiu mais. O curso era caríssimo, os livros eram importados e ela, como sempre, assim como o meu avô, não media esforços para me ver feliz, então fazia “das tripas coração” para comprá-los.

Quando a minha avó me falou que não poderia mais pagar o curso de inglês eu fiquei arrasada. E quando eu achava que, por circunstâncias da vida, aquele era o final de um sonho, na realidade era o início. Ela falou com o dono da escola e eu ganhei uma bolsa de estudos para continuar estudando. Nunca mais parei. E ali, naquele momento, eu soube que a língua inglesa faria parte da minha vida para sempre.

Comecei a dar aulas de inglês ainda muito jovem no mesmo curso onde estudei e não me lembro de nem por um segundo sequer cogitar fazer outra coisa. Sabia de todas as dificuldades da profissão, mas jamais faria outro curso que não fosse Letras. Soube que seria professora de línguas ainda menina.

Queria ser professora de inglês e era absolutamente apaixonada por línguas. Todas elas, especialmente o inglês. Gostava dos sons, do ritmo melódico, do padrão acentual da língua... e tudo no universo multicultural me encantava.

Fui aprovada no curso de Letras na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) na primeira entrada. Quando eu comuniquei à minha mãe que iria fazer Letras, ela disse: “Tem certeza? Vai morrer de fome”. “Absoluta. Não se preocupe, respondi. Eu sei exatamente o que quero”.

Meu avô havia morrido há um ano e, embora triste e saudosa, eu pensava que não podia esmorecer. Ele sempre teve orgulho de mim, e jamais poderia decepcioná-lo. Tampouco decepcionar a minha avó. Cresci ouvindo-os dizerem da importância dos estudos, de ter uma profissão e de ser independente financeiramente – e essa era a minha meta. Eu também queria provar que poderia vencer na vida cursando Letras. Não seria rica, é bem verdade, mas eu nunca quis ser rica. Queria viver com dignidade e sempre soube aonde queria chegar. Queria fazer mestrado, doutorado e passar num concurso federal. Não necessariamente nessa ordem. Também tinha o sonho de viajar para o exterior para estudar. Nunca havia saído do Brasil. Via meus colegas do inglês indo passar as férias no exterior e tinha tanta vontade de ir também! Mas a realidade deles era muito diferente da minha. No entanto, quando eu pensava nisso, ouvia uma voz sussurrando ao meu ouvido: “Você vai também e, quando for, será por meio de uma bolsa de estudos”. Não sei explicar, mas tinha essa certeza dentro de mim.

Mas eu era assim: Sonhava e traçava planos para atingir os meus objetivos. Profissionalmente, tinha metas claríssimas e iria lutar para chegar aonde queria. Por isso, sempre levei minha profissão muito a sério. A universidade virou o meu mundo. E eu, que já gostava de línguas, versos e poesia, me encontrei ali, nos corredores do Centro de Artes e Comunicação... e a Universidade me deu tudo na vida, os melhores professores, orientadores e amigos.

Algumas pessoas são feitas de certezas, verdades absolutas e significados cristalizados. Eu sou feita de sonhos e desejos. Desejos no sentido spinoziano que, como uma mola propulsora, me impulsionam a reescrever a minha própria história e a transformar realidades possíveis (LIBERALI, DAMIANOVIC & MATEUS, 2012) num constante processo de vir a ser. O relato que lhes farei a seguir é parte de um dos sonhos da minha vida e convido você, leitor(a), a fazer parte dele.

Eu tomei posse num Instituto Federal do Nordeste do Brasil no início de 2015. Mas essa história começa em meados de 2014, quando prestei concurso para docentes do IF. Eu já havia feito outros dois concursos para professora substituta, passei nos dois em primeiro lugar, mas com quase quarenta anos, casada e mãe de dois filhos, a minha responsabilidade era enorme. Precisava ganhar mais e queria muito passar em um concurso para ser servidora pública efetiva de alguma instituição federal. Eu sempre fui determinada e não desistiria tão fácil. Pensei comigo: “Uma hora eu passo. Minha hora vai chegar”. E chegou. Um pouco antes da defesa da minha dissertação de mestrado. Ganhei um presentão dos céus, pensei!

Fui aprovada. Que alegria! Quando recebi o e-mail do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), quase não acreditei! Foi uma festa em casa! Meu marido e eu choramos abraçados de alegria, mas a vaga era em outro estado, mais especificamente, numa cidade do interior, localizada a 360 km de Recife e com aproximadamente 40 mil habitantes. Como iria fazer para dar aula tão longe de casa? Pensei. Bom, o importante é passar no concurso, depois penso no resto. Por ora, vou me dar ao luxo de ficar feliz por poder realizar esse sonho, disse para mim mesma.

Ter uma pessoa companheira ao seu lado faz toda a diferença nessas horas, e Beto sempre foi um companheiro, vibrava com as minhas conquistas e sempre me “botava para cima”. Minha mãe costumava dizer: “Quem não gosta de Beto não gosta de mais ninguém”; e é verdade. Meu marido é uma pessoa muito especial. Doce, tímido e de fala mansa, Beto é a certeza de calma em tempos de tempestade. Ele vem de uma realidade muito diferente da minha. Seu pai era um militar de alta patente. Aos 13 anos, seus pais foram morar em Paris e Beto passou a conviver com diplomatas, embaixadores, gente “importante” que frequentava a sua casa. Beto viajou o mundo. Diferente de mim que quando o conheci nunca tinha ido nem a Porto de Galinhas.

Mas Beto é uma alma simples. Simples e rara. Nunca se deslumbrou com nada e é avesso a qualquer tipo de ostentação. Ele nunca me contou dessas “chiquezas”. Eu fui descobrindo assim, por acaso, vendo uma foto ali, outra acolá. E se tivesse contado, provavelmente não estaríamos juntos porque eu não suporto gente metida. Eu me apaixonei por ele exatamente por essas qualidades. As nossas famílias também eram completamente opostas. A dele

era tradicional. A minha tinha uma árvore genealógica cheia de galinhos quebrados, mas Beto nunca se importou com isso. Foi e é o meu porto seguro. Era colo nos (muitos) momentos difíceis e riso frouxo nos (muitos) momentos felizes. Sempre me encorajou, sempre embarcou comigo em todos os meus projetos.

Começamos a namorar muito jovens e tudo que temos, construímos juntos. “Juntos” é palavra de ordem aqui em casa e, quando a situação apertada, Beto nos lembra que temos uns aos outros e que essa é a nossa maior riqueza. Ele, com seu jeitinho tranquilo, é a nossa fortaleza e foi principalmente nele que encontrei forças para enfrentar a estrada pela primeira vez. Ele já trabalhava em casa e cuidaria das crianças enquanto eu estivesse fora. Nada de novo porque aqui em casa a gente sempre dividiu tudo. A diferença é que agora eu dormiria fora toda semana.

Chego para me apresentar à instituição com a mala cheia de esperança (e saudade de casa) em uma tarde quente, ensolarada – e a primeira coisa que notei foi a organização e a beleza do *campus*, muito bem cuidado. Limpíssimo, de jardins floridos, com muito verde e uma baráúna frondosa. Um *campus* moderno, bem equipado, com laboratórios, quadra poliesportiva, refeitório, armários individuais para alunos e professores, tudo novinho. Um luxo!

Tive a melhor das recepções e fui calorosamente recebida por uma equipe multidisciplinar altamente qualificada, prestativa e gentil. Meus alunos também me receberam com muito carinho. A cidade era simples, acolhedora e tinha o céu azul mais bonito que já vira.

Fui para a pousada. A viagem era longa, durava em média 6 horas e não tinha transporte direto. Eu tinha que pegar um ônibus para uma cidadezinha do interior de Pernambuco e depois pegar um transporte alternativo até o meu destino. Uma verdadeira saga! Chegando lá, dormi até o início da noite. O corpo ainda não estava acostumado com o trajeto e dava claros sinais de cansaço. Lembro-me de acordar e olhar pela janela pensando: Se alguma coisa me acontecer aqui, estarei sozinha. Tive medo, mas não tinha opção, precisava trabalhar. Eu ainda não sabia, mas eu nunca estaria sozinha naquele lugar que, de certa forma, também se tornaria minha casa algum tempo depois.

No dia seguinte, fui dar aula. E desde o primeiro momento me identifi-

quei com os alunos. Eles eram educadíssimos, respeitosos e muito, muito carinhosos. Eu também fazia questão de lhes dizer o quanto eram importantes para mim. Sempre me senti muito amada pelos meus “meninos”. Com mais de 20 anos de sala de aula, eu sabia exatamente o tipo de professora que eu queria ser. Para mim, não existe ensino-aprendizagem sem escuta, partilha ou pertença. Tratei e trato os alunos com o maior cuidado e respeito porque penso que eles merecem o melhor sempre. A minha sala é lugar de gente feliz. A gente conversa olho no olho, ri, chora, se emociona... sala de aula é vida! De difícil já basta a vida que “passa por cima da gente feito um trator”! Eu conhecia a realidade dos meus alunos e mesmo que eles não se lembrassem do *Present Simple*, *Past Simple*... Queria que se lembrassem de mim com carinho.

Lá no novo *campus*, senti-me abraçada por eles desde o primeiro dia. Em sala, eu lhes ensinava inglês e aprendia com eles sobre a vida simples no interior, sem luxo, mas cheia de um afeto genuíno que chegava até mim de diversas formas: “A senhora gosta de bode, professora? Minha mãe fez e eu trouxe para você”, ou “Professora, esse bolo é para você! Eu que fiz!”. Adorava caminhar pela cidade e ouvir um “Professoooooora”... Ô palavra doce, essa! Doce e linda! A minha profissão sempre me trouxe as melhores coisas da vida.

Mas não é fácil estar longe de casa e da família... Não foram poucas as vezes em que viajei chorando... Na verdade, um dia antes da viagem eu já começava a ficar triste e chorosa. Sentia saudade do meu marido e dos meus filhos, Maria Luísa e João Pedro. Tinha medo de que acontecesse alguma coisa com eles e eu não pudesse voltar logo. Às vezes, o meu filho se agarrava a mim, pedindo: “Fica, mãe”. Mas o dever sempre falava mais alto e eu lhe explicava que precisava trabalhar, que professor não pode viver faltando e que mesmo com todas as dificuldades, eu me sentia realizada na minha profissão e gostava do que fazia. Minha filha, na sua inocência de criança, chegou até a escrever uma carta ao diretor-geral do *campus* pedindo para eu vir para Pernambuco!

Quando a minha avó adoeceu e ficou internada na UTI, eu me desesperei. Como eu iria trabalhar, sabendo que ela estava entre a vida e a morte? Liguei para o *campus*; expliquei a situação; e meus colegas prontamente me substituíram por todo o período em que minha avó ficou no hospital. Eu

ia visitá-la na UTI todos os dias, três vezes por dia. Muitas vezes ela estava sedada, mas eu conversava com ela e lhe agradecia com a voz embargada e o choro preso na garganta pelos mais de 90 anos juntas. 92 anos. E foi pouco. Eu queria mais. Mas ainda nos encontraríamos nos sonhos. É assim até hoje. Minha avó e meu avô estão sempre comigo. A volta ao campus foi ainda mais difícil depois disso.

Chorava, lembrava que era concursada federal e enxugava as lágrimas. E repetia mentalmente que devia agradecer por aquela oportunidade. Tudo na vida tem um porquê. Um dia você vai voltar para casa. Todo mundo volta, dizia para mim mesma baixinho durante o percurso da viagem. Eu ia e voltava sonhando com uma redistribuição. Aí, chegava ao *campus*, era tão bem recebida pelos colegas servidores e pelos alunos que, por alguns momentos, me esquecia das dificuldades de trabalhar em outro estado. Vivia assim num eterno paradoxo... Feliz por estar num *campus* com ótimos colegas e alunos amorosos, mas triste por estar longe de casa.

Eu costumo dizer que a universidade me deu os melhores amigos, mas a minha profissão também me deu presentes valorosíssimos e recordações que guardarei para sempre no meu coração. Foi no IFPB onde ganhei a minha primeira bolsa de estudos para fazer um curso para professores de língua inglesa no exterior. Uma experiência única, riquíssima e inesquecível! Por 2 meses eu estudei e dei aulas de inglês para estrangeiros na *Northern Virginia Community College* (NOVA), numa cidadezinha charmosa da Virgínia chamada Alexandria.

Foi também por meio da indicação de um aluno que ganhei o título de Cidadã Monteirense pelos serviços educacionais prestados à cidade. Meu *campus* também me presenteou com uma amiga-irmã. Ana é uma amiga daquelas que se quer carregar para a vida toda. Uma joia preciosa, como todo amigo verdadeiro deve ser. Coração grande e generosa como ela só, em poucos meses Ana abriria as portas da sua casa para me receber semanalmente. Era um alento! A gente passava horas a fio conversando sobre a vida, os filhos, a saudade de casa, da família e, é claro, sobre a nossa profissão. Ana era apaixonada pela docência e não media esforços para fazer as “crianças” (como ela chamava nossos alunos) felizes. Era uma professora queridíssima pelos alunos e uma superprofissional. Inevitavelmente, conversávamos sobre o meu desejo de voltar para casa. “Calma, Carlota. Em breve você volta para

a sua família”, Ana dizia para me consolar. Mas o tempo passava e nada.

Quando completei 5 anos no *campus*, agradei o tempo como professora efetiva da Rede Federal, como fazia a cada ano, e pedi ao universo (mais uma vez) para voltar para casa. Os anos na estrada têm seu preço. Eu estava esgotada física (com muitas dores nas costas), mental e emocionalmente. Havia passado no doutorado em Linguística na UFPE (Voinha sempre quis ter uma filha “doutora”, como ela dizia; e vai ter já já), mas estava imaginando como seria difícil conciliar as viagens com os estudos.

Até que no final do ano mais difícil da minha vida, em meio à pandemia, recebo a notícia de que havia sido oficialmente redistribuída para Pernambuco. Iria voltar para casa! De vez! Mas voltaria diferente. Com o meu *campus* querido, eternizado em mim, e com o coração cheio de gratidão, esperança e, principalmente, saudade. Em Monteiro (PB), cidade do meu primeiro *campus*, tem um ditado popular que diz: “Quem bebe da água de Monteiro não esquece jamais”. A mais pura verdade. E se *casa* é onde o coração está, ali também foi a minha casa, pois meus alunos e alunas também são meus amores. Fazem tudo valer a pena e por eles e elas eu faria tudo outra vez. E tenho certeza: em algum lugar, meus avós estão orgulhosos de mim.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, M. In: **A Abordagem Instrumental no Brasil**: um projeto, seus percursos e seus desdobramentos. CELANI, M.; FREIRE, M.; RAMOS, R. (Orgs.) Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: EDUC, 2009. Coleção As Faces da Linguística Aplicada, v. 10 (p. 11).

LIBERALI, F.; MATEUS, E.; DAMIANOVIC, M. (Orgs.) **A Teoria da Atividade sócio-histórico-cultural na escola**: recriando realidades sociais. São Paulo: Pontes Editores, 2016.



## UM RELATO (QUASE TELEGRÁFICO) DA MINHA HISTÓRIA NO IFPR

Joyce Luciane Correia Muzi  
(Professora do IFPR, *Campus* Curitiba)

### **Preâmbulo**

Sempre acreditei na educação. Desde que me conheço por gente acreditei que estudar era o caminho para ser “alguém na vida”. Mas o incentivo do meu pai muitas vezes não foi suficiente para calar os desincentivos que cruzavam meu caminho. “Você estuda em escola pública, não vai conseguir!”. “Você tem que trabalhar, como vai estudar?”. “Como vai pagar teus estudos, a Federal é muito difícil!”.

Fora isso, a realidade – que pesava mais do que qualquer discurso pronto que nos bombardeava. A Vila era nosso lugar, e será que um dia eu poderia sair dela?

### **Vila Porto Seguro – Paranaguá**

Cheguei no domingo, a prova era na segunda. A gente tinha planejado se hospedar num motel à beira da PR-407. Não tinha hotel por ali, só lá no centro e eu não podia correr o risco de perder o horário. Era minha primeira vez em Paranaguá e foi naquela Vila que descobri que amaria tanto aquele lugar como minha própria casa.

Decidimos explorar o arredor do *campus*. Vai que alguém sabia de alguma pousada, sei lá. Batemos numa casa de esquina, no muro estava pintado algo dando a entender que era um comércio. Uma mulher nos atendeu. Duas crianças pequeninas apareceram logo atrás. “Não, não tem nada por aqui mesmo, muito difícil. Mas, olhe, se você não se incomodar eu alugo o quartinho do meu filho”. “Imagine, você nem me conhece!”. “Ah, mas se vai ser professora na Federal pode ficar aqui em casa, sim”.

Naquele momento eu senti no fundo do coração que aquela construção no meio da Mata Atlântica representava sonhos para as pessoas que moravam ali.

## **Praia de Leste – Pontal do Paraná**

Quando eu poderia imaginar que realizaria tantos sonhos? Os meus e os de todas aquelas e aqueles que vieram antes de mim. Estava ali: oficialmente professora de uma Federal, e não tinha nem mestrado! O sonho de trabalhar numa instituição pública, o sonho de morar na praia realizados. Sim, porque apesar de amar demais Paranaguá e, principalmente, o povo parnanguara, o calor não me fazia bem. O plano até que meu companheiro pudesse se juntar a mim era alugar um apartamento onde ficaria durante a semana e subiria a serra no final da semana. Tudo planejado. E tudo deu muito certo.

Às vezes o ônibus que levava a gente para Praia vinha com a lotação máxima do centro e não parava. No mínimo mais uma hora de espera. 14 quilômetros de distância, o jeito era esperar. O problema era quando escurecia. Éramos algumas professoras que fazíamos isso, mas dificilmente nossos horários batiam. Então o negócio era esperar sozinha ali na beira da BR.

## ***Campus Paranaguá***

Sempre vi como vantagem trabalhar em *campus* pequeno. Todo mundo se conhecia, todo mundo tomava café, almoçava, lanchava, tudo junto. Não existia hierarquia, no meu ponto de vista e na maioria das pessoas, principalmente dos/as estudantes.

Ah, os/as estudantes. Bem dizem que a gente só aprende a ser professora na prática, na hora do “vamo ver!”. Já tinha tido experiências anteriores na educação pública e privada, mas nada se compara ao que eu vivi e aprendi em Paranaguá.

Me lembro de cada almoço na cantina, que custou a chegar. Me lembro de cada estudante sentado na escada que me dava oi e já emendava se estava tudo bem: “como vai a família?”. Me lembro de cada vez em que me infiltrei nas rodinhas pra fofocar e dar muita risada. De cada ser que cruzou o meu caminho ali naquela Vila que virou minha casa por dois anos.

## Susto

Final de semana em que subi a Serra. Só no domingo voltaria pro apartamento. As idas e vindas costumavam ser tranquilas, mas eu não gostava de dirigir. Naquele belo domingo, então, meu companheiro resolveu me levar, assim mataria um pouco a saudade do mar. Havíamos alugado um apartamento em um condomínio bem pequeno em Praia de Leste, um dos primeiros balneários da cidade de Pontal do Paraná, pra facilitar o acesso a Paranaguá. Não era muito afastado do mar, o que me possibilitava, quando eu conseguia uma carona ou pegar o ônibus mais cedo, ir caminhar à tarde na beira da praia.

Para quem não conhece o litoral paranaense (deveria!), fora de temporada os balneários costumam ficar muito tranquilos. Alguns são mais povoados do que outros. Praia de Leste, em específico, é bem movimentado mesmo fora da temporada, por isso o escolhemos; eu estaria minimamente amparada (e ao lado da rodoviária).

Ao chegarmos no apartamento naquele domingo, meu companheiro, sempre muito mais observador do que eu, reparou na falta da máquina de lavar que ficava na área. Acabei pegando emprestada essa máquina que era da minha mãe para não precisar lavar a roupa à mão. E agora ela sumiu!

O susto foi enorme: ouvíamos falar dos furtos às casas de veraneio, o que não era o nosso caso. E era um bloco de apartamentos, como ninguém viu? O medo acabou me tomando e decidi por não mais ficar ali sozinha durante a semana. Isso significava fazer o que muitos e muitas colegas faziam: subir e descer a Serra nos dias de atividades no *campus*.

## Agravante

A distância no primeiro momento não era um problema, mas isso foi mudando. Ir e vir três ou quatro vezes na semana parecia algo tranquilo, quantos faziam. Realmente, os que faziam isso, em sua maioria, eram homens. “Como eles aguentavam?”. Até hoje não sei. Só sei que em dois semestres letivos indo e vindo tive um saldo negativo.

Desde pequena eu enjoa em viagens. Nunca viajamos muito, mas largas distâncias para mim sempre foram um suplício. Na verdade, não só pra mim,

mas pra toda a família. Para alguns era frescura. Minha mãe até tentou fazer umas simpatias pra ver se aliviava meus sintomas, mas nada dava certo. Já adulta descobri que existiam remédios que eu poderia tomar. Vidros e mais vidros de Plasil foram meus companheiros nas viagens a Paranaguá. Meus colegas até sabiam: eu tinha que viajar preferencialmente na frente porque atrás os sintomas pioravam, mesmo medicada. Quando não conseguia e tinha que ocupar um lugar no banco traseiro, sofria demais. Se era volta para casa, menos pior: chegava mal, mas poderia relaxar. Mas quando era na ida, geralmente já tinha que entrar em sala de aula. Não fosse a compreensão das turmas, eu não teria conseguido.

Resultado do excesso de medicação mais a tensão de horas enfrentando a rodovia e todas as suas intempéries: uma gastrite. Recomendação: parar de ingerir o remédio e evitar situações de estresse. Um primeiro período de afastamento para tratamento não foi suficiente. Resultado: mais medicação e uma gastrite ainda pior.

## **Mudança de planos**

O diretor do *Campus* Curitiba estava disposto a liberar meu companheiro para que este viesse se juntar a mim. Ele era técnico, e Paranaguá precisava muito de toda ajuda. *Campus* novo é como coração de mãe, não é? Na verdade, não. “Paranaguá” não aceitou e ficamos servindo em *campi* diferentes: eu na Praia – e o sonho de viver ali era dele também – e ele em Curitiba. Financeiramente a gente dava um jeito, mas a distância foi pesando. A mãe dele acabava de ser diagnosticada com Alzheimer. Hoje, concluo: “Nossa, que bom que ainda estou em Curitiba!”, e eu fui aprovada – mais que um sonho – no doutorado em Maringá, a 525 quilômetros de Paranaguá. Demorei a aceitar que voltar para a capital seria o melhor naquele momento.

## **Dificuldades**

Uma das partes mais difíceis foi dar tchau para aquelas pessoas que estiveram comigo por tanto tempo. Mas outros fatores tampouco foram fáceis: a ansiedade para as coisas darem certo; a lentidão dos processos burocráticos que dependem de diversas áreas e pessoas; o medo de não ser

bem recebida e ao mesmo tempo de ser esquecida; a tristeza por ter que interromper um projeto de pesquisa que eu sonhei em realizar; a saudade dos afetos, dos cheiros, das comidas, dos pores de sol...

Dizem que o lar é onde mora o coração... nesse caso eu tenho vários, e como me sinto abençoada por isso!

## **Despedida**

“Profeamiga, sei que é por um bom motivo que você vai nos deixar, mas preciso dizer que vai fazer muita falta”.

“Esse é o muito obrigado de um aluno que sempre falou muito e escreveu pouco. Quem q com muita paciência, puxava minha orelha nas redações sem nexo e na melhora da minha ortografia, auxiliava-me e mostrou que eu era capaz bastava me esforçar. Tenho sim muito a agradecer, pois não era só uma professora era também uma amiga e conselheira que entendia as dificuldades e auxiliava para que elas fossem sanadas”.

“Vai fazer falta, chica. E não esqueça de nós”.

Como esquecer aquilo que me constitui como professora, como ser humano que acredita que a gente pode fazer diferente? Tenho comigo que nada é por acaso. Minha passagem breve por Paranaguá deixou marcas indescritíveis. A maior e mais inexplicável: saudade.

## **Presente**

Eu realmente acredito que as coisas acontecem por uma razão. E por falar em lar, voltar a trabalhar em Curitiba me trouxe a tranquilidade de saber que em menos de vinte minutos eu estaria na minha casa. E me trouxe muito mais: novos afetos e novas possibilidades de aprender. O *Campus* Curitiba, tão gigante que até hoje não conheço todos/as servidores/as, me acolheu e me fez sentir que a história continua. Eu já não estava na Vila Porto Seguro e no começo foi impossível evitar as comparações. E apesar de todas as diferenças possíveis, encontrei um ponto em comum: o mesmo desejo de aprender movia os/as estudantes. Eu também tinha muito trabalho a fazer ali.

## Epílogo: “tecendo a manhã”

Olhar para trás me faz perceber que já não sou mais a mesma e tenho a certeza de que seguirei me reinventando. Me reconheço como mulher feminista, não branca, nascida e criada na periferia de Curitiba, filha de Solange Camargo e Luiz Carlos Correia, neta de Olavina Camargo. Mãe do Daniel. Irmã, tia, madrinha, prima, cunhada, amiga. Professora, extensionista, pesquisadora, amante da Arte e da Cultura, apaixonada pelos livros e por todas as formas de aprender. A primeira graduada da família, e espero não ser a única.

Eu saí da Vila e ganhei um mundo de possibilidades, mas foi lá ainda criança que, no contato com outras pessoas e circulando por diferentes contextos, passei a acreditar que as diferenças são o de melhor que existe neste mundo. Por isso, não sem dor, mas com muita convicção, escolhi trabalhar com e para as pessoas, onde quer que elas estejam e precisem. Escolhi seguir no meu projeto de me juntar, como nos sugere João Cabral de Melo Neto, a outros galos todos os dias para tecermos juntos e juntas as nossas manhãs.

A palavra que me move é um verbo: *compartilhar* – bitransitivo como eu e minha vida.

**NARRATIVAS DE UMA PROFESSORA EBTT:  
ADRIANA SENDO ADRIANA**

Adriana do Socorro Serra Paiva de Moura  
(Professora do IFPA, *Campus* Tucuruí)

“Quando nasci, um anjo torto  
Desses que vivem na sombra  
Disse: Vai, Carlos! Ser *gauche* na vida.”  
(Carlos Drummond de Andrade, *Poema de sete faces*)

Sonho, sonhos, sonhar, sonhare, sonhamos, sonharmos.

As palavras, às vezes, parecem desconectas ou desconexas, tudo ao critério do respeitável leitor.

Toda história começa com um sonho. Sonho de fazer a diferença, ser diferente e de provocar diferenças. Foi assim que me tornei uma professora errante. Errante porque nunca fui a melhor, a mais estilosa, muito pelo contrário, sou aquela que aprende em cada aula mais do que ensina, que tenta olhar a beleza interior dos alunos, perceber quando ocorre algo de errado.

Nesse errado, sonhei. Sonhei com uma escada e essa escada chegava ao IFPA. Mas como? Como juntar essas “coisas”: sonho, desconecta, errante. Sinceramente, só Deus pode nos dizer. (Prometo perguntar um dia!). O fato é que aconteceu. Deus criou as pontes e as palavras estranhas se juntaram. O fato é: cá estou!

Vim parar em uma cidade chamada Tucuruí. Tucuruí bela e dos contrastes. Cidade linda e encantadora, dona de uma Usina Hidrelétrica, detentora de povos indígenas, quilombolas e ribeirinhos. Cidade de gente humilde e de bom coração. Nem tenho como descrever os encantos da boa “Tucu” em poucas palavras (meu espaço é curto!).

Dessa forma cheguei. Quando vi o *Campus* Tucuruí, pensei: Que coisa linda! Fui brilhantemente recepcionada pela competente pedagoga Elisvania Nunes. Já cheguei atrasada. Pudera, sou errante! Vim pela contramão, mas percebi que é muito bom estar na contramão.

Nessa antemão, conheci meus alunos. Olhos brilhantes, atentos, curiosos com a disciplina. Literatura, gramática, língua... língua da vida. Na vida tudo é importante, amigos sinceros, abraços fraternos, palavras brincalhonas

no corredor. Solidariedade. Conheci uma jovem professora, Jordane Dias. Pessoa maravilhosa, nem sei defini-la exatamente, o que sei é da incrível competência, dignidade, lealdade e estima que sinto por esse “ser” de coração bom.

Contudo, toda essa narrativa não teria sentido algum se eu não tivesse apoio. Família! Eles são tudo de melhor que tenho. Agora, tente imaginar um alguém como eu, sonhare, desconexa, errante, que vive na contramão, a que anda para frente dando marcha ré. E, mesmo assim, conseguindo ter o melhor. Enfim, essa é mais uma pergunta guardada! Só sei que tenho uma boa mãe, dois pais, um bom marido e dois bons filhos!

Eita que isso não é uma família, já é um povo constituído! A boa mãe, daqui para frente “Mamãe Juju” para os íntimos, é aquela que vive falando, seja brigando, reclamando da desorganização da casa e dos documentos do ser torto que ela tem que aturar, euzinha! Ou dando conselhos, abençoando e provando o quanto ela sempre está certa. Nunca para de falar a boa Mamãe Juju! É a típica mãe-vó, a que dá o remédio ruim e a água em seguida (privilégio dos netos) “Para tirar o gosto ruim da boca, meu amor!”. Também a temida sogra, a que reclama do genro, mas não mede esforços para ajudá-lo quando necessário. Afinal, Mamãe Juju não foge à regra, ela é A Regra!

Tem o bom marido, o Moura! Homem gentil, com um coração que faz jus aos seus mais de 100 quilos, tem sorriso farto. Fazendo uma comparação, seu sorriso é proporcional aos seus “feitos” culinários. Prendado na direção de um ônibus, sua profissão; contudo, direção e fogão são grandezas inversamente proporcionais na vida do bom marido.

Os dois pais, José Meireles e Waldenir, são os opostos! O primeiro curte a vida tomando “umas” por aí e cantando as mocinhas. O outro, mais sisudo, ama entoar os louvores da *Harpa Cristã*. Homem de fé! Dois pais, dois opostos, e a Mamãe Juju. Talvez essa seja a razão de eu ter nascido assim. Será que achei a resposta de uma das perguntas?

Tenho o Zé, o primeiro filho. Ele não é um Zé qualquer, é o meu Zé, o que nasceu desse cruzamento muito anormal que citei acima. Menino inteligente, meu pequeno gênio da informática, um amante dos opostos. Não perde um livro do *best-seller Diário de um banana* e é fã da alma sensível de Mário Quintana, estes estão entre suas leituras prediletas.

Com seis anos de diferença, veio o Raphinha. Embora conte com três



aninhos, o Fifo não é um bebê. Ele diz “Não é bebê, não, é o Angelo Raphael Paiva Moura”. Não dito dessa forma, mas fica mais fácil para o entendimento. Menino ativo e de sorriso gritante e delicioso.

Entretanto, as coisas, que iam gostosamente bem, começaram a ir na mesma mão que eu ando. A família, base de tudo e minha fortaleza, começou a desenhar problemas.

O Zé, menino jogador de videogame, encontrou problemas na escola associados à não atividade no futebol, esporte preferido pela criançada tucuruense, o qual meu filho não domina. Começaram as queixas e a falta de vontade em ir à escola. Dificuldade de aceitação do ser diferente pela parte dos colegas, isolamento do Zé, tristeza da mãe!

Apelidos jocosos começaram a fazer parte da rotina do menino, que, cada vez mais, isolava-se no mundo virtual para escapar das ofensas. Neste momento, a atenção e o carinho familiar foram importantes. Cheguei a cogitar a hipótese de mandá-lo para Belém com a Mamãe Juju, mas o pavor de tê-lo longe de mim foi sufocante demais.

Estamos saindo mais de casa, assistindo a filmes juntos, enfim, procurando estar mais unidos e ocupando o tempo em família como uma forma de tentar “driblar” o problema. Além do apoio da professora regente da escola, a qual tem se esforçado muito neste intento. Com toda essa união, meu gigante guerreiro já está dando os primeiros chutes ao gol! Golaço na vida!

Outros problemas familiares, principalmente, insistiram em acontecer, contudo, sempre na contramão, mas na direção certa é que ando. Amor, sonhos, desejo de transformação, mudar a realidade de uma pequena e única concha já me dão a plenitude de existir.

Ser professora EBTT (Ensino Básico, Técnico e Tecnológico) sempre foi meu sonho. Veio com muitos sorrisos, mas também com muitas lágrimas, algumas por saudade da casa da Mamãe Juju e dos louvores da *Harpa Cristã*, mas permeados pela tranquilidade da pacata Tucuruí, dos amigos que aqui estão, dos sorrisos ternos dos alunos lindos e maravilhosos que só encontro cá deste lado. Talvez tudo isso seja estar na contramão, talvez seja estar desconecta ou desconexa, talvez seja, ainda, estar errante, na contramão de uma vida que poderia estar errada, mas, no erro, acabou acertando.

Não sei, só sei que a docência é minha vida, meu apoio é minha família e quem me sustenta é o Deus que nunca falha. Sigo de marcha ré, mas no

caminho deixo flores e muito amor. Amor que carrego sempre com o dom de transformação que Deus me concedeu. Transformando a mim, a minha família, meus amigos e uma conchinha.

Não sei de muita coisa, ainda me faltam muitas aulas nesta universidade, e sei que posso até ser louca, mas sou uma louca feliz, muito feliz! Por isso, sigo nessa estrada, na contramão e de marcha ré, não sei aonde vou parar, mas meu coração sabe por onde me guiar!

Por enquanto, o que tenho é só isso: um coração viajante, em todos os termos. Coração e corpo unidos viajando por este Pará, aguardando o dia do retorno a minha Belém amada!



Os anjos da minha vida, Zé e Fifo! Fonte: acervo da autora.



Com a Mamãe Juju! Fonte: acervo da autora.



O povo constituído! Fonte: acervo da autora.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos D. de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. História, Teoria, Ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

\_\_\_\_\_. **Uma teoria da adaptação**. Florianópolis: UFSC, 2013.

## JORNADA DE PERSEU

Camila de Nazaré Colares da Rocha  
(Professora do IFAP, *Campus* Laranjal do Jari)

Ao embarcar na jornada rumo ao município de Laranjal do Jari, a fim de tomar posse como docente em Língua Inglesa no IFAP, ao sul do estado do Amapá, pensei por um breve momento em Perseu – o mito grego que, em sua missão de matar a Medusa, o faz com astúcia, e logo retorna para sua terra com a cabeça dela em suas mãos.

O imbróglgio da minha “aventura”, porém, não permaneceu na jornada intermunicipal, mas em ser eu mesma o fruto do sacrifício dessa missão que já dura cinco anos.

Cheguei ao município após dez longas horas de viagem em estrada de chão, sob um forte temporal. Ao vislumbre do primeiro momento, não me senti mal, pois acho que não encontrei motivos para tal. Contudo, decorridos exatos trinta e um dias da minha chegada ao *Campus* Laranjal do Jari, de fato as minhas desventuras começaram.

E é citando Dante Alighieri que descrevo a minha estada naquele lugar: “No inferno os lugares mais quentes são reservados àqueles que escolheram a neutralidade em tempo de crise”. A referida neutralidade nos cobra um preço, que de tempos em tempos nos faz repensar valores, em especial, aqueles que versam sobre o mal que é produzido por homens e se manifesta apenas onde encontra espaço institucional para isso, nas palavras de Hannah Arendt. E é diante de todo este confronto de consciência, que me pergunto: qual é o justo preço pela paz que precisamos ter? Adianto que a “paz” conquistada às custas do sofrimento alheio não é paz, é dívida cármica, que mais cedo ou mais tarde cobrará o seu encargo no tempo certo.

E tem sido nesta dinâmica entre dívidas de consciência, alto preço, neutralidade e “inferno” que vivencio a “Divina Comédia” da minha vida profissional: dívidas cármicas, inimigos do passado, querelas de outros *eus*, que vieram me cobrar uma dívida somada em minha linha do tempo. Só assim para entender por que o perdão é divino, e não humano. O perdão é para poucos.

Tenho passado, desde então, por um universo de provas e expiações, as

quais me fazem pensar que acumulei grande saldo negativo em outras encarnações, que justificam cinco longos anos de: “boca calada não entra mosca”; “Deus ajuda quem cedo madruga”; “Manda quem pode, obedece quem tem juízo”; “É mais fácil chorar com os que choram” e, por fim, mas não menos importante: “É mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito”.

Nesta odisséia terrestre, precisei me reinventar, fazendo do silêncio o meu argumento irrefutável, transformando o meu trabalho em reflexão de ajuda e autoajuda, dando voz, vez e visibilidade para os *menores* por meio da educação, que prepara para a vida além dos muros da escola. Chorei quando minhas lágrimas podiam me extrapolar, e as enxuguei para seguir em meu sustento diário, pois o mundo não se fez em um único dia.

Quanto ao preconceito, o tempo tem se encarregado de mostrar que quem padece da opinião sustentada é quem a defende, não quem dela é acusado; pois, tal como diz um Provérbio Chinês: “A sementeira é opcional, já a colheita é certa. Trabalho árduo e perene, orai e vigiai, porque a Lei do Cosmo é implacável”. Assim sendo, sei que em algum momento a vida nos trará de volta tudo aquilo que aqui fizemos de bom e de ruim.

Quanto ao município em questão, este padece com baixa renda, favelas fluviais em condições insalubres, alto índice de prostituição, casos de violência e, dentre elas, a violência doméstica. De acordo com o *Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros* (2008, p. 45): “Laranjal do Jari ocupa a posição 553<sup>a</sup> na distribuição espacial de homicídios em municípios com as maiores taxas de homicídio na população total”. Tal panorama, tendo vista que o Brasil possui em torno de 5.568 municípios, revela em números o quão violenta é a cidade.

Em conformidade com a obra *Laranjal do Jari: realidades que devem ser conhecidas* (2004, p. 30): “Essa população não dispõe de equipamentos sociais básicos e tem como vias de acesso a BR-156 e vicinais, estas em precárias condições de tráfego”.

Decorridos 15 anos da publicação do referido dado, a BR-156 e vicinais permanecem em frágeis condições de tráfego, as quais, segundo a edição de julho de 2019 do jornal *Aqui Amapá* declara: “No sentido sul as rachaduras e valas perduram até a chegada em Laranjal do Jari, uma extensão de 265 quilômetros desde Macapá. Até o momento, nenhum serviço de asfaltamento foi iniciado”. E diante do exposto, percebe-se que o descaso das autorida-

des políticas para com o município se arrasta por anos e atinge, em cheio, os munícipes.

Ainda sobre a historiografia do município e sua linha do tempo, no que diz respeito à violência, ao descaso e à insalubridade da localidade, Cardoso (2008) declara:

Há preocupação com a água, o esgoto, a saúde. Entretanto, [...] “O plano nacional do Jari” dificilmente redimirá a sorte dos 3.800 trabalhadores que são explorados pelo “gato” (como se o *gato* não fosse a extensão real da mão do empresário” (CARDOSO, 2008, p. 147).

Frente a essa afirmação, vê-se que o município, desde as suas origens, carrega as marcas da exploração do trabalhador temporário pela iniciativa privada, o que, mais tarde, resultará na origem da maior favela fluvial do planeta.

Ao falar da favela fluvial, refiro-me às palafitas e à situação de insalubridade de parte da população laranjalense, as quais, de acordo com Browder & Godfrey (2006, p. 58), são assim descritas:

Cidades da floresta planejadas pelo Estado são construídas quase que instantaneamente para abrigar, confortavelmente, os trabalhadores de algum grande projeto de desenvolvimento, às vezes co-financiado pelo capital transnacional. Em pouco tempo aparece uma multidão heterogênea de favelas temporárias, no lado de fora das cercas de segurança, para abrigar precariamente os trabalhadores temporários que convergem para a região na esperança de conseguir trabalho.

Essa região no sul do Amapá ficou conhecida pela alcunha de “Beiradão”, e carrega a má fama por apresentar desde a década de 1970 atividades problemáticas, como a prostituição. Tais reminiscências permanecem no distrito, quer pelas lembranças da década de 70, quer pela atividade sexual remunerada que lá ainda existe, pois o registro de 2008 de Soares acerca do exposto, revela:

Em Monte Dourado, vive-se o “primeiro mundo”, em casas com grama aparada, quadra de esportes, loja de cosméticos, escola de informática e escritório de companhia aérea. No Beiradão, onde moram quatro, em

cada cinco habitantes do Laranjal, estampa-se o retrato do “terceiro mundo” nas dezenas de palafitas cercadas por antenas parabólicas e erguidas sobre um tapete de água fétida onde os moradores despejam seu esgoto e as crianças se refestelam. Quando a noite cai, os bares e boates patrocinam uma guerra de decibéis, luz colorida e muita cachaça (Revista Isto É, *apud* RODRIGUES; SOARES, 2008, p. 77).

Assim, como moradora do município há cinco anos, posso afirmar que do ponto de vista de educadora e de cidadã do lugar, Laranjal do Jari ainda tem profunda notoriedade pela atividade da exploração sexual, quiçá e, por vezes, a única fonte de renda de alguém que não quer morrer de fome; e frente à escassez de emprego, termina por explorar o seu próprio corpo para sobreviver.

Laranjal do Jari carrega em seu D.N.A as marcas sócio-históricas de virulência, no que diz respeito às suas origens frente à mão de obra contratada para a empresa Jari, a qual deu início ao município.

Quanto a mim e à “parte que me cabe neste latifúndio”, digo que tenho deixado o meu nome nessa história escrita por várias mãos, desde que me encontro lotada no *Campus* supracitado, e de lá para cá, venho buscando formas de retribuir à tão sonhada estabilidade financeira e às lições de vida lá adquiridas para a minha evolução material e espiritual na jornada embarcada outrora.

Nesses cinco anos lá vivendo, executei o projeto de extensão intitulado “Jornada Literária: Naturalismo Amazônico”, que ocorreu no dia 23 de outubro de 2018, no Instituto Federal do Amapá, *Campus* Laranjal do Jari.

O projeto em questão se alicerçou na escola literária do Naturalismo, na pessoa do autor paraense Inglês de Souza e numa obra de sua autoria, o romance *O missionário*.

A “Jornada Literária” objetivou apresentar a consolidação de reflexões sobre as possíveis consequências oriundas da interação entre o homem e o meio que o cerca, por intermédio de minicursos temáticos, a saber: “O cientificismo na obra *O missionário*”; “A linguagem simples na obra *O missionário*”; “Os problemas sociais e as classes marginalizadas na obra *O missionário*”; “A análise social da obra *O missionário*”; e um filme-debate acerca da versão para o cinema da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Houve também seis salas temáticas com exposição de foto-poemas que pretendiam



recriar as passagens do livro supracitado e colocar o discente como ator da realidade e da época retratadas na obra em questão; além de palestras sobre assédio sexual.

Tal projeto teve como justificativa a promoção da análise crítica a partir da realidade do século XIX, fazendo uma releitura da realidade do século XXI e vice-versa, ou seja: no intuito de proporcionar ao discente e à comunidade local reflexões críticas sobre a sua realidade e a de épocas distintas da sua, que carregam traços de verossimilhança entre si.

O referido projeto certificou 109 participantes, alcançando o êxito pretendido com esse evento, do dia 23 de outubro de 2018, sendo iniciado às 9 horas e finalizado às 18 horas.

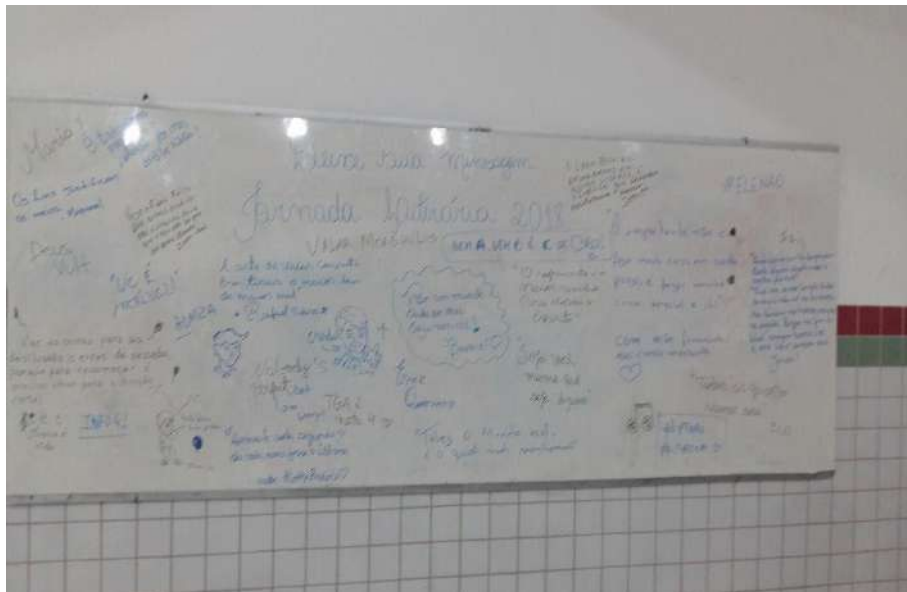
Seguem abaixo alguns registros fotográficos do evento:



Professora Maria Otávia, com os alunos das turmas de 1º ano do curso de Meio Ambiente e Floresta, na sala temática sobre foto-poema acerca das escolas literárias Realismo e Naturalismo. Fonte: acervo da autora.



Varal de foto-poemas. Fonte: acervo da autora.



Mural de recados. Fonte: acervo da autora.



Professores Camila Rocha e Ednaldo Chagas na sala temática das turmas de 1º ano do curso técnico em Administração e Floresta.

Fonte: acervo da autora.



Foto-poema das alunas do 2º ano do curso técnico em Administração: Maria Aparecida e Vitória Rosa. Fonte: acervo da autora.



Óleo sobre tela: “Barco desaparecido” (1890), de Souza Pinto. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Barco\\_desaparecido\\_\(Souza\\_Pinto\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Barco_desaparecido_(Souza_Pinto)). Acesso em: 20 set. 2021.

E como já é sabido pelo milenar conhecimento popular: “A jornada não termina onde começa”. Portanto, assim eu diria que também é a minha jornada, e por vários motivos: um deles é que modificamos e somos modificados no processo de aprendizagem; o outro é que, por vezes, estamos na missão a trabalho, mas nossos corações estão trabalhando na missão de voltarmos ao seio familiar e à terra natal.

Desta feita, uma missão terrena se cumpre na jornada traçada, e os frutos dela se colhem no tempo e na estação destinados à florada e à frutificação própria de cada um(a). *A Jornada Jari* é dolorosa e, ao mesmo tempo, bela a seu modo. Dessa forma, agradeço a meus educandos e educandas porque aprendo ensinando e porque ensino aprendendo. Gratidão pela jornada!

PARTE V  
*Travessias*



## Sinais

*(Elisa Lucinda)*

Já começa muito discreto e levemente  
um movimento de terra à vista.

Já começa a vislumbrar a praia  
meu barco torto, fazedor de lágrimas,  
de lágrimas boas fazedoras de mar.

Já começa a nadar este corpo  
que avistará o porto e, até lá,  
construirá um cais.

Já começa a respirar fundo este peito,  
já começa a abrir esta boca sem gritar,  
já começa a se preparar pra cantar.







## O CAMINHO DE VOLTA PARA CASA É A DUTRA

Maiara Alvim de Almeida

(Professora do IFRJ, *Campus Avançado Resende*)

“O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.”

(Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*)

Sempre que converso com colegas que fizeram concurso para algum lugar longe de sua cidade natal, escuto como gostariam de conseguir uma transferência de volta para casa. Eu, no entanto, fiz o caminho inverso. Como assim? Vou explicar.

Nasci em Volta Redonda, cidade de aproximadamente 250 mil habitantes no sul do estado do Rio de Janeiro. Morei em VR (para os íntimos) até meus dezessete anos, quando passei no vestibular para Letras na UFJF e me mudei para Juiz de Fora (ou JF), Minas Gerais.

Sempre quis sair de Volta Redonda e morar sozinha, em outra cidade. Eu entendia que o resto da minha vida estava em qualquer lugar, menos ali. As influências vinham das narrativas que consumia, as quais mostravam jovens mulheres seguras, bem-sucedidas e independentes morando sozinhas em cidades grandes. Vinham também da minha família, que sempre incentivou para que eu estudasse fora. Inclusive, grande parte da minha família não mora mais em Volta Redonda. Quando fui para JF, primeiro para estudar como adolescente, e depois para trabalhar e morar como jovem adulta, sentia como se aquilo fosse tudo que eu queria: uma cidade maior, uma vida independente e agitada. Voltar para Volta Redonda nunca foi uma opção que considerei, principalmente depois de me estabelecer em Juiz de Fora e começar um relacionamento lá.

Tanto que quando comecei a prestar concursos, sempre olhei vagas na área da Zona da Mata mineira, já que ali era o lugar que eu havia escolhido para ser minha casa. Depois de uma tentativa frustrada com uma vaga em uma instituição federal da região, surgiu uma vaga para o Instituto Federal do Rio de Janeiro, na cidade de Resende – que fica a 30 minutos de... Volta Redonda! Tem até ônibus de catraca que vai de uma cidade para a outra.

Exageradamente perto. Uma amiga me passou o edital e eu, decepcionada com a tentativa anterior, pensei: “Ah, não custa nada, né?”. A prova seria em Volta Redonda, numa época em que eu já estaria na cidade visitando minha família mesmo. Inscrevi-me e fui fazer a prova, sem muita fé.

O sentimento de descrença sumiu quando me dei conta de que havia passado para a prova aula e de títulos, que coincidiu com um fim de semana em que eu também estaria em Volta Redonda, para um casamento de uma amiga de infância. Fiz a prova. Alguns dias depois, onze da noite, saiu o resultado e vi que estava em primeiro lugar. Liguei para meu namorado, depois para minha família. Havia sido aprovada. Um mês depois, fui convocada. Mais um mês e tomei posse como professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) do recém-inaugurado *Campus* Avançado Resende.

O plano era bem claro: Resende, Volta Redonda e Juiz de Fora eram próximas o suficiente para que eu me deslocasse toda semana, formando um triângulo cujas arestas eram a BR-393 e a Via Dutra. Eu viria para o Sul Fluminense, ficaria na casa dos meus pais, pegaria o ônibus todo dia para Resende. No fim de semana, voltaria para Juiz de Fora. Com o tempo, eu pediria redistribuição para alguma das instituições federais de JF.

Eu me esforçava muito para manter uma conexão com Juiz de Fora. Na época, eu fazia doutorado na federal da cidade, mas já estava na fase de redação da tese, e quase não ia à faculdade mais. Logo, procurava manter tudo mais que pudesse fazer na cidade nos dias em que estava lá: academia, yoga, fisioterapia, terapia. Como eu não precisava estar presencialmente no *campus* (por conta dos dias dedicados à escrita da tese), ia para Volta Redonda toda terça à noite, para estar no trabalho na quarta. Eu até tentei ir na quarta de manhã bem cedo, mas acordar cedo é difícil quando se é notívaga e ansiosa, então passei a ir na noite anterior. Trabalhava presencialmente de quarta a sexta. Sábado de manhã cedo voltava para Juiz de Fora. Repetia.

Passei a morar na estrada. Entre ir e voltar para Minas, e ir de Resende para Volta Redonda, eu passava aproximadamente quatorze horas por semana em trânsito – e isso somente de horas na estrada, sem contar os trajetos urbanos. Passei a achar coisas para ocupar esse tempo: ouvir *podcasts*, baixar episódios de seriados para assistir no telefone, aprender a ler em trânsito sem me enjoar. Tudo era bastante cansativo, mas valeria a pena, já que era temporário, né?

No final de 2017, surgiu uma possibilidade de redistribuição – no caso, seria para uma cidade vizinha de Juiz de Fora, uma viagem diária de uma hora para ir e outra para voltar. Mas eu estava disposta a isso para voltar de vez para lá. Foi então que, conversando com uma colega de trabalho sobre isso, soltei espontaneamente: “Quero conseguir logo essa transferência para eu me casar logo”.

Eu disse isso e, surpresa, parei para pensar: eu estava tendo este trabalho todo, esse trânsito todo, esse cansaço todo, essa coisa toda de correr atrás de vaga, não por querer voltar para minha casa escolhida, mas sim para casar? Estava namorando há uns seis anos, mas sem perspectiva de que o *status* fosse mudar em breve. Meu namorado já havia soltado uma vez que não vislumbrava a gente se casar enquanto ele não ganhasse pelo menos o mesmo que eu (pois é...). Neste ponto, é até possível o questionamento de por que meu namorado não mudava de cidade comigo. Acontece que essa era uma carta fora do baralho: por meu namorado, moraríamos o resto de nossa vida na casa onde ele morou a vida inteira.

E **por que** eu queria casar? Ao contrário da maioria das pessoas que pensam em casamento, eu nunca tive o sonho do “eu, você, dois filhos e um cachorro”. A própria ideia de uma vida “comercial de margarina”, estática, rotineira, inclusive, nunca foi o que eu quisera para mim, embora eu soubesse que agradava meu então namorado. Logo, por que afinal eu me esforçava para isso? Gosto da possibilidade da companhia e do companheirismo, isso é claro; mas queria também a variedade da viagem, o indefinido das possibilidades, das descobertas e das novidades.

E afinal, além disso, o que mais me prendia a Juiz de Fora? Meu doutorado estava em vias de conclusão. Eu amava a cidade, tinha amigos lá, mas também tinha amigos em tantas outras cidades, que também amava, e não precisava morar nelas. Eu estava fazendo todo o esforço por algo que não era garantido. O *status* de casa que eu conferira a Juiz de Fora se ruiu diante dos meus questionamentos.

Eu gostava de meu *campus*, dos alunos, dos amigos que fiz, dos projetos que desenvolvi, da região onde nasci, das montanhas que emolduram a região das Agulhas Negras. Era bom estar perto de minha família e de meus amigos de infância, os quais eu via com mais frequência agora.

Após as epifanias, concluí: por mais que amasse Juiz de Fora, não fa-

zia sentido o esforço de querer voltar. Terminei o relacionamento, desisti da transferência e decidi me mudar de volta para a região Sul Fluminense, para transformar em casa novamente o lugar de onde saí e para o qual nunca achei que voltaria.

## FLORESTA, NAVIO E SERTÃO: FRAGMENTOS DE UMA TRAVESSIA

José Aldo Ribeiro da Silva  
(Professor do IFSertãoPE, *Campus Floresta*)

Uma vida partida ao meio por uma distância de mais de trezentos quilômetros. Às vezes é essa a sensação que tenho quando preciso me deslocar para a cidade em que trabalho. Mais de trezentos quilômetros percorridos com o apoio de transporte terrestre. Mais de trezentos quilômetros percorridos sem o apoio de uma linha de ônibus que possibilite um acesso direto. Mais de trezentos quilômetros que podem ser dilatados por 6 horas de espera em uma rodoviária. Mais de trezentos quilômetros geralmente dificultados pelo preço da gasolina, que não cabe no poema. Mais de trezentos quilômetros percorridos entre sonhos, solidões e saudades. O difícil acesso. De um lado família e bons amigos, do outro trabalho e ótimos alunos. Dois amores e um abismo no meio? Talvez. Uma vida experimentada aos fragmentos. Estilhaços de experiência, produzidos por partidas e chegadas, nem sempre voluntárias em essência. Duas pontas de um laço, tecido de afeto e acolhimento, mas também urdido de renúncias. Inúmeras! Somente compreensíveis por quem de alguma forma experimentou as ausências que delatam nossa “impossível ubiquidade”<sup>1</sup>. Ciclos semanalmente interrompidos por mais de trezentos quilômetros! Reiniciados semanalmente em toda a sua intensidade, à revelia das possíveis circunstâncias adversas.

Fui convidado a tomar posse no Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE) numa manhã agitada do mês de dezembro de 2017. Era final de semestre e estava na sala dos professores de uma das escolas em que trabalhava, quando me dei conta de que havia recebido um e-mail com a notícia. O período já era de grandes mudanças. Tinha acabado de ser aprovado no processo seletivo do Doutorado em Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e em 2018 de muitas viagens se apresentava em meu horizonte. A virada do ano se avizinhava trazendo consigo uma ruptura na rotina. O convite recebido intensificava a transformação que estava por vir.

---

<sup>1</sup> Para aqui fazer referência à feliz expressão cunhada por Zuleide Duarte em sua tese de doutorado.

A princípio, uma decisão se impôs. Eu era professor efetivo da rede municipal de Garanhuns (PE), município em que resido com meus familiares e onde também atuava em uma instituição particular de ensino.

Uma das escolas em que trabalhava ficava a 15 minutos de casa, o que me concedia a satisfação de fazer quase todas as refeições com a família. Tinha alunos maravilhosos! Quando empossado na rede municipal, me localizaram em uma das chamadas “escolas de difícil acesso”, assim denominadas porque situadas nas áreas periféricas do município. Alguns colegas professores recebiam o trabalho nessas localidades. No meu caso, o chamado “difícil acesso” era na verdade muito próximo ao lugar onde residia. Arrisco-me a dizer que, naquele momento, o “difícil acesso” era minha morada. Sentia-me satisfeito por, de alguma forma, contribuir com a formação educacional dos meus.

O outro emprego que tinha na época era em uma das mais conhecidas escolas particulares de minha cidade. Um lugar onde jamais tive condições de ingressar na condição de estudante, mas que me acolheu e respeitou como profissional da educação. Lá eu tinha vivido até então algumas experiências importantes e conhecido uma realidade muito diferente da que experimentei ao estudar na rede pública. Era um espaço que também me fazia feliz e permitia o contato com perspectivas sociais diferentes daquelas com as quais convivi ao longo de minha trajetória, algo engrandecedor enquanto experiência profissional e de vida.

Apesar das realizações profissionais já conquistadas, os esforços necessários para dar conta das atribuições dos dois empregos, somados à constatação de que a remuneração proveniente deles era desproporcional à quantidade de trabalho que me era imposta, tornaram a decisão de aceitar a nomeação para o IFSertãoPE inicialmente fácil. Abria mão de uma realidade na qual ministrava cerca de 40 aulas semanais para me dedicar a uma jornada em que seria melhor remunerado para oferecer dedicação exclusiva a uma instituição pública de ensino. A proposta era irrecusável!

Despedi-me das escolas: Pedido de demissão na rede particular, solicitação de exoneração sem vacância na rede municipal (ainda não havia concluído o estágio probatório), documentação no bolso para a tomada de posse no novo trabalho. Viajei para Petrolina, cidade-sede da reitoria do IFSertãoPE, de ônibus. De cara, uma decepção grande: a descoberta de que não havia

empresa de transporte coletivo que fizesse o percurso diretamente. Precisava comprar uma passagem de Garanhuns a Arcoverde e outra de Arcoverde a Petrolina. Entre embarque, desembarque e novo embarque, cerca de seis horas de espera. Comecei a me dar conta de que o “difícil acesso”, mais uma vez, me convocara. Ainda bem que tinha uma leitura em atraso. O título do livro curiosamente era *O Brasil não é longe daqui*<sup>2</sup>. Tentei transmutar a espera em produtividade, ainda que de segunda linha – aprendi a duras penas que ler em rodoviárias, aeroportos ou em quaisquer outras circunstâncias adversas não proporciona o aproveitamento que temos quando nos debruçamos sobre os livros munidos da segurança e conforto de nossas casas. Concluída a viagem, uma recepção calorosa! Fui bem acolhido pelos colegas da nova instituição. Era uma posse coletiva e todos se mostraram muito receptivos com os profissionais que estavam chegando.

Na cerimônia, um momento interessante: os profissionais recém-nomeados foram convidados a falar sobre suas expectativas e sonhos. Na maior parte dos discursos, o registro de felicidade em se tornar servidor público federal, a esperança de lutar pela promoção de uma educação pública de qualidade, a emoção de ver um sonho se realizando. Optei por não falar. Habitante das “áreas de difícil acesso” que sempre fui, e machadiano que me descobri, sou calejado pela experiência de ouvir palavras bonitas e acolhidas públicas calorosas que não ecoam para além do momento que lhes oportuniza. Prefiro tentar fazer a diferença na “vida que ninguém vê”<sup>3</sup>.

As desigualdades sociais experimentadas na carne nos endurecem um pouco, reconheço. Não consigo, até hoje, acessar certos lugares sem sentir nos ombros o peso da constatação de que sou o único de minha família a ter determinadas oportunidades. Explico: Sétimo filho de pais agricultores a quem as humildes condições de vida e o descaso governamental negaram o acesso à escola; único dos sete descendentes a chegar ao ensino superior. A escola e a universidade, infelizmente, não foram espaços abertos aos meus. Foram apresentados pela vida como pedestais a serem ocupados pelos “melhores” (“Você precisa ser muito inteligente e bom para conquistar uma vaga na universidade!”), “Estude para ser alguém na vida!” – Eram os discursos motivacionais presentes nos *slogans* em voga durante minha adolescência. Orgulhosamente proferidos sem que se mensurasse a violência embutida em

<sup>2</sup> Livro de Flora Süssekind.

<sup>3</sup> Expressão que intitula um livro de Eliane Brum.

tais recomendações. Os que não conseguiam galgar esses pedestais não eram ninguém? Qual o lugar de minha família em meio a isso tudo?). Tive que desbravar! E optei pela docência, desejoso de que outros provenientes do “difícil acesso” também realizassem a travessia; sem negarem suas origens ou as perceberem como inferiores diante da arrogância de uma elite econômica que tenta mascarar seu interesse na perpetuação de desigualdades sociais com o falacioso discurso da meritocracia. Essa foi e é uma das circunstâncias que me fizeram perceber os Institutos Federais como um valioso campo de atuação profissional.

Empossado no IFSertãoPE, fui localizado no *Campus* Floresta. Embora eu esteja falando de uma instituição sediada no estado em que nasci, não conhecia Petrolina nem a famosa “Floresta do Navio”, cidade que passou a ser lugar de afeto e trabalho. Viajar, para mim, sempre foi algo muito atrelado às urgências profissionais e acadêmicas e, mesmo nas férias, era difícil escolher entre os tantos destinos incríveis que Pernambuco e os estados vizinhos oferecem.

Admirador de Luiz Gonzaga que me considero, empreendi a primeira viagem à cidade tentando formular em minha mente as imagens evocadas pela pena do grande compositor, quando na canção “Riacho do Navio” celebra as grandezas existentes em torno do São Francisco. Fui em carro próprio, pois, ao entrar em contato com a rodoviária de Arcoverde, recebi a informação de que o trajeto mais viável de Garanhuns a Floresta, se feito de ônibus, implicava necessariamente uma espera de aproximadamente seis horas na rodoviária. Seis horas preciosas de leitura, descanso e vida, derramadas pela estrada semanalmente... Não me pareceu uma opção viável. Sempre achei que é melhor gastar dinheiro em qualidade de vida do que na tentativa de recuperá-la, quando os problemas de saúde consequentes do cansaço físico e mental batem à porta, após exposição prolongada a situações que sacrificam nosso bem-estar. Dentro do carro, Belchior entoava seus maiores êxitos, disputando espaço com a voz do autor de “Asa Branca”, que volta e meia luzia na memória. Lá fora, o sol e o céu do sertão iam se descortinando em sua beleza inigualável.

Era fim de tarde, quando me aproximei da cidade. A viagem tinha se apresentado bem mais longa e solitária do que eu a princípio imaginara. Em contrapartida, o sol e o céu, que ensaiavam o poente, compunham um espe-



táculo de sedução e exuberância. Uma encenação inédita! Executada todas as tardes sem que houvesse exata coincidência de cores e tons – singular que se revela na repetição. Dos espetáculos naturais mais lindos que já presenciei na vida! E não há exageros nessa exclamação.

A chegada ao local de trabalho, ocorrida na manhã do dia seguinte, foi muito agradável. O *Campus Floresta* é ponto de passagem de muitos professores no IFSertãoPE. Isso acontece por estar situado em uma cidade com aproximadamente trinta mil habitantes, localizada a mais de 200 quilômetros de um aeroporto e a quase 100 de um hospital com boa infraestrutura, no difícil acesso! Por ser ponto de passagem, é um lugar em que as pessoas possuem expertise em dar boas-vindas e acolher sem reservas.

Os ciclos de remoção interna e as redistribuições costumam interferir diretamente na composição do corpo docente que atua na cidade. As aposentadorias também. Os professores com filhos saem de Floresta em busca de uma ampliação de perspectivas educacionais para seus descendentes; os casados, à procura de melhores oportunidades profissionais para seus cônjuges; os solteiros, na luta pela obtenção de melhor qualidade de vida; dentre os demais, alguns tentando não sucumbir diante da dor da saudade dos seus; outros tentando não renunciar ao ritmo de vida proporcionado pelas grandes cidades. Em algum momento, quase todos saem. Floresta é uma cidade maravilhosa, com patrimônios históricos que encantam e uma população acolhedora, situada no coração do difícil acesso. A precariedade dos serviços de ônibus que promovem o trânsito de pessoas pela região é em grande parte responsável pela urgência de muitas saídas. O trabalho em uma região com essas características impõe muitas renúncias: a presença em aniversários de familiares e amigos, o comparecimento em eventos acadêmicos importantes para nossa área de atuação, a oportunidade de fazer as refeições com a família, a disponibilidade para acompanhar nossas crianças em suas atividades escolares cotidianas e, a mais cruel delas, a possibilidade de atendermos os nossos em suas urgências relacionadas à saúde.

A situação de estar a mais de trezentos quilômetros de uma pessoa querida precisando de nosso abraço ou suporte é desoladora! Meu primeiro contato com essa experiência foi através do relato de uma colega de trabalho. Morando a cerca de setecentos quilômetros da família, ela se deparou com o falecimento repentino do pai. As lágrimas escorriam no rosto pela dor da

perda e pela impossibilidade de abraçar a mãe, também doente e provavelmente suspensa, vendo o chão ruir de mãos atadas. Era feriado e o único ônibus disponível para chegar a sua cidade natal partira pela manhã, horas antes da chegada do telefonema com a notícia. Como reagir? Como se dirigir? Como não sucumbir? Como não desistir? Muitas perguntas para as quais até hoje não tenho respostas.

Não há como impor às pessoas que amamos uma mudança de cidade motivada por nossos sonhos profissionais. É preciso conviver com a saudade, sobreviver à distância. Enfrentei esse imperativo quando tive que deixar meu sobrinho doente em casa, abrindo mão da possibilidade de acompanhá-lo ao hospital. Saí desolado. Na época com 9 anos de idade, ele sentia-se mais confortável em ir ao médico em minha companhia. Minha presença lhe deixava mais seguro. Era preciso fazer uma sequência de consultas, exatamente na semana em que tinha compromissos profissionais inadiáveis em Floresta. Havia outras pessoas para ir com ele, mas era a minha presença que o seu olhar temeroso reivindicava. Vi-me diante da impossibilidade de escolher sem culpa. Naquela semana, os mais de trezentos quilômetros pareceram setecentos! Não consegui ver beleza nenhuma no trajeto. Só a dureza de um compromisso.

Falar somente das dificuldades, no entanto, seria negligenciar as inúmeras realizações profissionais que o IFSertãoPE me proporcionou. Nem só de pedras são os nossos caminhos – ainda bem! – e não faltaram flores em minha jornada profissional no Instituto. A maior parte delas semeada pelos estudantes em seu anseio por aprendizado e partilha.

Nos últimos três anos, realizamos dois projetos de extensão voltados para a leitura de autores afro-brasileiros; dois projetos de pesquisa em literatura – um deles focalizando a escrita de autores florestanos –; um festival de produções cinematográficas de curta-metragem, visando à valorização da história e da cultura da região; um café literário delicioso, nas mais diversas acepções do adjetivo; e variados debates em sala de aula, nos quais aprendi tanto quanto ensinei. Os estudantes de Floresta foram a grande recompensa dessa jornada. Fizem valer a pena cada instante de minha presença na cidade e me ensinaram inúmeras coisas em meio a sorrisos largos, reivindicações indignadas e trocas de experiências de vida. Obviamente tivemos divergências, em alguns momentos – o que é natural em um ambiente para o qual

confluem perspectivas de vida heterogêneas –, mas todas elas tão menores se comparadas à grandeza de tudo que foi compartilhado. Como esquecer as menções afetuosas a meu nome nos discursos de formatura? Como não recordar cada mensagem de agradecimento recebida quando, em alguma medida, minhas atividades profissionais tocaram um coração de estudante? Como não se sentir imensuravelmente grato pelo reconhecimento de meus esforços no trabalho? Como não vibrar diante de cada aprovação no ensino superior?

Guimarães Rosa certa vez escreveu que “todo abismo é navegável a barquinhos de papel”<sup>4</sup>, talvez se referindo ao poder terapêutico da palavra escrita no convívio com o aparentemente insuperável, quiçá sugerindo a capacidade humana de imaginar (que permeia o ato de escrever) como aliada na convivência com o que nos falta. Os estudantes do IFSertãoPE, munidos de caneta e papel, ao confiarem em mim para aprimorar suas habilidades de leitura e escrita, provavelmente sem perceber, contribuíram para que eu fosse capaz de construir alguns barquinhos. Foram (e ainda são!) aliados valiosos na delicada navegação que é a travessia do abismo chamado saudade.

---

<sup>4</sup> Trata-se de uma afirmação presente no conto “Desenredo”, publicado junto a outras narrativas curtas em *Tutameia* (2009).



## RELATO DE UM CAIPIRA: TRILHANDO NOVOS CAMINHOS NA FLORESTA AMAZÔNICA

Bruno Bufuman Alecrim  
(Professor do IFAM, *Campus* Presidente Figueiredo)

Minha história no IFAM teve início em 2014, mais precisamente no dia 9 de dezembro de 2014, quando prestei concurso para Lábrea, cidade do interior do Amazonas e local mais próximo de meu estado, Rondônia. Para minha surpresa, consegui a tão sonhada aprovação na primeira etapa. Para um matuto que saiu do interior de Rondônia, de uma pequena localidade chamada Tarilândia, distrito do município de Jarú, foi uma alegria imensa, mas ainda faltava a tão temida prova didática, pois até àquele momento meu único contato com uma sala de aula havia sido durante o estágio.

O principal problema, contudo, não era a prova didática, e sim a falta de dinheiro para comprar a passagem aérea de Porto Velho para Manaus. A única alternativa que encontrei foi vender meu meio de locomoção, minha moto, ficando assim sem transporte próprio por um ano e meio. Durante esse período de espera, exerci outras funções: instrutor e diretor de autoescola.

No início do ano de 2016, fui nomeado para o cargo de professor do ensino médio na SEDUC-AM (Secretaria da Educação do Amazonas) para trabalhar na cidade Boca do Acre, permanecendo até outubro do mesmo ano, quando em 19 de setembro de 2016, estudando para ministrar uma aula, recebi uma ligação do IFAM, perguntando se eu aceitaria vir para Presidente Figueiredo (AM). Aceitei na hora, claro, e gritei de felicidade; os colegas de escola não entenderam nada, no entanto, tinha chegado a tão sonhada nomeação na Rede Federal. Liguei para minha futura esposa e disse que iríamos para Presidente Figueiredo, ela ficou radiante, uma vez que Boca do Acre era bem mais distante de Cuiabá, local onde sua família reside, sem contar que o acesso era bem mais complexo.

Desembarquei em Presidente Figueiredo no dia 20 de outubro de 2016 às 11h30 da manhã, perdido e sem saber para onde ir, mas com a certeza de que seria muito feliz aqui.



Cachoeira Berro d'Água em Presidente Figueiredo (AM).

Fonte: acervo do autor.

Em janeiro de 2017, me casei e minha esposa, assim como eu, partiu nessa aventura rumo ao Amazonas, na busca por um futuro melhor, longe de nossas famílias. Ainda que as redes sociais auxiliem na comunicação, a saudade às vezes aperta e a vontade de estar com a família só aumenta. Podemos perceber que o tempo passa e cada dia longe da família é um tempo que não volta, um tempo perdido que nos faz refletir, em alguns momentos, se realmente vale a pena ir para tão longe em busca de um futuro melhor.

Por vezes, com uma certa ânsia de querer voltar para meu estado de origem, para ficar mais próximo de meus entes queridos, pensei em desistir. Muito pela saudade, às vezes por problemas familiares e por estar distante, de mãos atadas e sem poder fazer nada, fiquei angustiado. No entanto, se tivesse abandonado tudo e voltado para perto de nossas famílias, estaria abandonando aquilo que meus pais fizeram a vida toda para me ajudar a fim de que

eu pudesse chegar aonde cheguei: ter um futuro diferente daquele que eles tiveram. Com o cenário que nosso país vem passando, envolvendo as questões políticas e o alto número de desempregados que só aumenta, optei por não desistir e seguir tentando. Ainda bem, e confesso que hoje a vontade de voltar para casa diminuiu – e por incrível que pareça, estamos pensando em viver por aqui.



Nossa linda família. Fonte: acervo do autor.

Em Presidente Figueiredo, conheci pessoas incríveis, amigos que vou levar para a vida toda, entretanto, destaco dois em especial: meu conterrâneo Rondoniense Márcio Araújo, que além de ser de Rondônia é também de Jarú, e viemos nos conhecer aqui pela vontade de Deus; hoje somos bem mais que colegas de trabalho ou amigos, somos irmãos. E não poderia esquecer de nosso amigo irmão Hessel Marani, que graças a Deus conseguiu o retorno depois de muitas tentativas frustradas. Destaco também a Titia Gabi, como diz a Juju, noiva do tio Márcio; Jason com sua família; Miltão; Vitor Padilha; Vitor Mendes e suas meninas que ficaram pouco tempo conosco,



retornando às Minas Gerais e deixando muita saudade. Não poderia deixar de mencionar Etelvino (Téo), que também redistribuiu para Brasília e deixou grande saudade, e por último a professora Terezinha, uma pessoa incrível que está sempre pronta para ajudar, com seu carinho e carisma que contagia a todos. Cito esses, mas são várias as pessoas das quais recordo com carinho enquanto escrevo este texto.

Após o período de adaptação e de tentativas frustradas de retorno, nossos corações se acalmaram, digo *nostros* referindo-me a mim e a minha companheira Jaine. Em Presidente Figueiredo ganhamos nosso maior tesouro, a nossa pequena Júlia, hoje com quase 3 aninhos; é nossa maior alegria e com sua chegada a vontade de ir embora diminuiu, mas continuamos aguardando uma oportunidade, que na hora certa virá. Enquanto isso, vamos fazendo o melhor que podemos por aqui.

No início de 2020, quase se concretizou o retorno para Vilhena (RO), no entanto, não era da vontade de Deus, não deu certo, ficamos tristes, mas seguimos e desde então passamos a viver mais e aproveitar onde estamos.

No final do ano passado, consegui entrar no Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico do IFAM *Campus* Manaus Centro (PPGET). Foi uma alegria imensa, um sonho realizado, e logo percebi que as coisas acontecem na hora certa e Deus vai agindo no seu tempo, sempre buscando o melhor para nós.

Mas agora, vamos falar dos meus alunos, que são incríveis, possuem cada história que me traz alegria e me motiva a estar aqui no Amazonas. Por amor à profissão e ao objetivo de construir uma sociedade mais justa, principalmente no interior do Amazonas (muitos dos meus alunos acordam às 3 da manhã para pegar uma canoa e depois embarcar num ônibus até chegar ao *campus* todos os dias), encontrei forças para continuar, para tentar transformar a realidade tão difícil desses jovens, para que possam ser jovens críticos e emancipados, que não venham à escola apenas para usar *WiFi* e tirar nota. Mas que sejam capazes de cobrar do poder público uma cidade organizada, limpa, sem buracos nas ruas, onde o ônibus que realiza o transporte deles não fique preso na Polícia Rodoviária Federal por falta de licenciamento; e principalmente, que se invista na educação da cidade, a fim de que a realidade desses jovens batalhadores de Presidente Figueiredo seja transformada para melhor.





Alunos durante a Feira Literária – “Tributo a Neruda”.

Fonte: acervo do autor.

Com a chegada da pandemia da COVID-19, o mundo passou e ainda está passando por um período difícil, em que muitas famílias perderam entes queridos, além de seus empregos. E a nossa única saída é a vacinação em massa, que no Brasil anda a passos de caranguejo, sem contar o período que nem andava e ficou estacionada, sendo preterida por remédios ineficazes e desaprovados cientificamente para tal finalidade.

Durante o período de pandemia, fazer educação no Amazonas foi uma aventura cheia de percalços e lutas diárias para conseguir chegar aos nossos alunos. Nesses quase dois anos, nós do *Campus* Presidente Figueiredo percorríamos cerca de 800 km toda semana, levando materiais impressos aos nossos alunos para que eles não ficassem esquecidos em meio à pandemia. Além desses materiais, também levamos alimentos, *tablets*; e resolvemos as dúvidas dos alunos quanto às atividades. Nesse período, enfrentamos estradas ruins, lama e muita chuva, muitas vezes saíamos às 6h da manhã e retornávamos às 22h, cansados e felizes ao mesmo tempo pelo dever cumprido.



Percalços nas entregas de materiais aos estudantes.

Fonte: acervo do autor.

## Conclusão

Concluo este texto no dia 24 de agosto de 2021, no entanto, ele teve início em 2019, quando ainda vivíamos “normalmente”. De lá para cá, muitas coisas aconteceram, inclusive uma pandemia que devastou não só o nosso país mas o mundo todo, deixando muitas famílias sem seus entes queridos e nos ensinando a enxergar a vida de uma outra forma, menos acelerada, fazendo com que prestemos atenção a coisas simples, tais como: maior tempo com a família, amigos e com aqueles que nos querem bem, além de estar mais perto de Deus.

Durante esses quase cinco anos de Instituto Federal do Amazonas *Campus* Presidente Figueiredo, muitas coisas aconteceram e a você, leitor/a que

está finalizando essa leitura, deixo um conselho: nunca desista dos seus sonhos, dos seus objetivos de vida. Às vezes, a vida toma rumos inesperados, mas se você tem fé em Deus e faz as coisas de maneira correta, uma hora dará certo. Outro conselho que deixo é fazer aquilo de que gosta, e à docência, o ser professor precisa ser feito com amor. Lidamos com vidas, com a formação de seres humanos, todas as outras profissões passam por nós, então para você que é professor, não desista dessa função, um mundo melhor e mais justo passa por nós e devemos fazer o melhor que podemos onde estamos.

Por fim, continuo aqui no Amazonas à espera da minha redistribuição, confesso que se ela não aparecer, não será tão ruim assim. Termino esse texto com uma frase do cartunista Americano Frank Tyger: “Hacer lo que te gusta es libertad... Que te guste lo que haces... Es felicidad”.



## A DESCOBERTA DE UMA NOVA TRILHA EM TUCURUÍ: EXPECTATIVAS, SONHOS E MOTIVAÇÕES

Carlos Henrique Andrade de Sousa  
(Professor do IFPA, *Campus* Tucuruí)

“*Eu sou um passageiro, eu rodo sem parar...*”. Faltavam dois dias para eu seguir viagem de Fortaleza (minha terra natal) para Tucuruí, e me estabelecer nessa cidade de forma definitiva. Estava numa grande sensação de que perdia parte de mim novamente: família, amigos e lugares. Digo isso porque fiz esse mesmo movimento de partida em 2003 quando decidi viver em Mossoró, no Rio Grande do Norte, para fazer faculdade – e esse mesmo sentimento me veio muito forte da mesma maneira.



Foto 1 – A utopia está lá no fim dessa estrada.

Fonte: acervo do autor.

Nesse momento são 21 horas e eu estou sozinho em um apartamento alugado, vivendo essa nova vida no imenso estado do Pará. As lembranças

são o que me restam, e nesses primeiros dias, distante da família, dos amigos e dos lugares conhecidos, vejo os dias passarem, pois assim como eu, eles também são passageiros.



Foto 2 – Eu, professor federal.

Fonte: acervo do autor.

*“No dia em que eu saí de casa, minha mãe me disse: filho, vem cá”. A parte mais dolorosa de uma despedida é o efeito que você sabe que vai gerar a distância dos corpos: saudade, tristeza e solidão. Tenho uma relação muito forte com minha mãe, por conta disso, ao me despedir, me veio à cabeça que aquela poderia ser a última vez em que nos veríamos cara a cara. São sentimentos que surgem quando estamos dizendo adeus, mesmo sabendo, ou não, que é um adeus temporário.*



Foto 3 – Recomeçar ou começar do zero?

Fonte: acervo do autor.

*“Todos os dias é um vai e vem. A vida se repete na estação...”*. Uma vez eu estava vendo um programa de TV chamado *“Chegadas e Partidas”*. A apresentadora vai ao maior aeroporto do Brasil, o de Guarulhos, e fica emendando diálogos com as pessoas que vão e com as que ficam, nesse processo doloroso de despedidas. Acredito que existem sujeitos que sempre estarão dispostos a pensarem a sua vida não somente perto, como também longe de casa. Eu sou um desses sujeitos.



Foto 4 – Minha nova cidade.

Fonte: acervo do autor.



“Vento, ventania me leve para qualquer lugar. Me leve para qualquer canto do mundo: Rio Grande do Norte, Paraíba ou Pará!”. Para muitos professores dos Institutos Federais, a trajetória da partida é algo iminente pois, no afã de buscar uma vaga na rede federal, esses docentes, assim como aconteceu comigo, vão para outras cidades em busca da realização desse sonho. No meu caso, antes de chegar ao Pará, passei por um processo de aumento gradativo em relação aos lugares que poderia morar caso passasse em um desses concursos: Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba. Antes de aqui chegar, fiz a seleção para trabalhar nesses estados. Eu estava realmente disposto a pensar a minha vida longe da minha zona de conforto, no Bairro Itaperi em Fortaleza.



Foto 5 – Viajantes nessa imensidão.

Fonte: acervo do autor.

“Deixe-me ir, preciso andar, vou por aí a procurar, rir pra não chorar...”. Eu tentei escrever este relato antes de pegar a estrada numa viagem de carro por três dias com o auxílio do meu irmão. Decidi esperar chegar em Tucuruí para fazê-lo, pois senti que me faltavam muitas sensações a serem sentidas durante o trajeto, muitos novos lugares a cruzar e experimentar mesmo que rapidamente, e muitas histórias a serem contadas pelo meu irmão durante nosso percurso. Coincidentemente (eu amo as coincidências da vida), meu



melhor amigo havia desistido de viajar comigo. Nós havíamos pensado em dividir o tempo na direção. Assim, meu irmão, que é caminhoneiro, fez alegremente o papel de motorista durante todo o trajeto. Conhecedor das estradas, fez com que a viagem ficasse mais tranquila e muito menos cansativa.

Fico a pensar em tantos outros perrengues que passam os professores que precisam mudar de cidade de forma abrupta. Este livro, talvez, sirva como um guia de como proceder durante esse processo de mudanças de vida que ainda irá se repetir tantas outras vezes com outros docentes.

Enquanto escrevo essas palavras, penso nos processos que tenho vivido desde a minha chegada: a casa que devo alugar, os objetos que vou comprar, o serviço de internet que devo contratar, em qual academia malhar, onde fazer natação, descobrir quanto tempo leva do meu local até o IFPA de carro e tantas outras indagações que vão surgindo de acordo com o passar das horas.



Foto 6 – Somos sempre bem-vindos na chegada.

Fonte: acervo do autor.

“Ouvi dizer num papo da rapaziada, que aquele amigo que embarcou comigo, cheio de esperança e fé já se mandou...”. Há exatamente um ano, quando vim até Tucuruí para deixar meus documentos e tomar posse do cargo, fui recebido por um colega de trabalho que estava supertriste naquele momento, pois um dos companheiros de trabalho dele havia partido, vitimado pela Covid-19. Muito solícito, soube naquele momento que ele era de uma outra cidade do Pará, longe de Tucuruí, e que seu sonho era ser transferido para mais perto.

Sei que muitos dos funcionários do IF, não somente os professores, mudam de cidade já pensando em voltar. Uma outra coincidência que se relaciona a esse processo de idas e vindas, foi que, durante a minha viagem para cá, esse mesmo técnico que havia me recebido um ano antes, mandou uma mensagem a todos os funcionários do IF por *e-mail* e pelo *WhatsApp*. A mensagem é um pouco longa, mas em determinado momento ele escreve: “Estarei dando mais um desafiante passo, com o coração cheio de alegria, por tantas experiências vividas no Campus Tucuruí”. Para um professor que se muda e permanece com o sonho de voltar para sua terra natal ou pelo menos para mais próximo da sua casa, a felicidade desse técnico não deixa de ser um fio de esperança de que um dia isso possa acontecer com todos nós que sonhamos um dia em “*se mandar*” também.

“*Você não sabe o quanto eu caminhei, pra chegar até aqui. Percorri milhas e milhas...*”. A viagem de Fortaleza a Tucuruí durou exatamente dois dias e meio. Durante o trajeto, meu irmão relatou muitas de suas histórias de sua vida de caminhoneiro. Ele sabia quais caminhos seguir e quais não seguir, e agora, sozinho aqui no quarto escrevendo este texto, fico a refletir sobre quais caminhos já segui e quais outros caminhos ainda aparecerão na minha frente. A verdade é que, sinto que não permanecerei por muito tempo aqui em Tucuruí. Algo me diz isso no íntimo. Os tempos vão passar e essa sensação poderá se confirmar ou não. Verei.



Foto 7 – Lar novo lar.  
Fonte: acervo do autor.

“*Há um vilarejo ali, onde areja um vento bom...*”. Gosto desse tipo de relato pois ele me permite contar e reviver os detalhes das coisas e situações. Detalhes esses tão pequenos que, da forma como faço aqui, só conto para o meu terapeuta.

Me lembro que quando chegamos na minha nova casa, a primeira sensação que sentimos foi um vento correr da varanda e entrar pela cozinha. Para mim, um bom presságio. Digo isso porque, hoje, no meu terceiro dia aqui depois de permanecer em Fortaleza dando aulas remotas durante um ano inteiro desde que vim a primeira vez, esse vento parou de soprar e o clima real da cidade deu as caras: muito quente! Tão quente quanto Mossoró – quem conhece sabe. Talvez eu seja atraído por momentos de despedidas que me

levem a cidades onde o calor impera.

*“Minha vida é andar por esse país, pra ver se um dia descanso feliz, guardando as recordações das terras onde passei”*. Mossoró e Tucuruí são dois lugares onde nunca pensei em morar. Da primeira, eu nunca tinha ouvido falar; e quanto à segunda, não foi uma opção dentre outras. Ela foi a única.

Na primeira vez em que pus os pés aqui, lembro bem que o tamanho da hidrelétrica foi a coisa que mais me surpreendeu. Acredito eu que seja essa a maior construção que já vi na minha vida inteira. Eu havia chegado aqui para ficar somente um dia para entregar os documentos, mas acabei ficando cinco dias devido ao IF ter ficado de luto em decorrência da morte do funcionário que já citei antes.

Fiz alguns passeios a pé ao redor da pousada onde fiquei. Um desses locais foi um barzinho onde fui para comer, tomar umas cervejas e chorar por já me sentir sozinho. Sou muito emotivo.

Na segunda vez, já com o meu irmão, eu disse a ele que o levaria nesses dois locais para ele guardar uma lembrança boa junto de si. Passamos em frente à pousada e comemos no mesmo bar. Pronto. Mais uma lembrança construída em Tucuruí. Coisa pouca talvez, mas com a companhia do meu irmão ficou bem mais legal.

*“Tem gente que veio só olhar, tem gente a sorrir e a chorar e assim chegar e partir...”*. Decidi que deveria ir ao IF com mais calma para conhecer melhor um dia antes da minha primeira aula presencial ali. Passei pelos corredores e alguns alunos já me reconheceram, mesmo porque, nas aulas *online* a minha *webcam* permanece ligada, já a deles é o contrário.

Passei pelos prédios administrativos, fui tirando fotografias de tudo: das salas, do refeitório, do ônibus escolar, da vegetação e do belíssimo Rio Tocantins que cerca todo o *Campus*. Uma maravilha de paisagem tem o meu local de trabalho. Pensei em dado momento na satisfação em ter o Instituto rodeado pela natureza. Ao mesmo tempo, fui parado por uma das pedagogas que me contou que o IF entraria de luto por dois dias pois havíamos acabado de perder uma aluna. Um choque. Nas minhas duas “primeiras vezes” me deparo com o luto no IFPA.

Quando eu soube que teria que me mudar definitivamente, todo esse contexto difícil que temos vivido desde 2019 com a pandemia e desde 2016 com o governo hostil de Jair Bolsonaro tomaram conta da minha mente.

Mudar de cidade em uma situação assim me deixou deveras ansioso, porque eu comecei a pensar que talvez não tenha sido uma boa ideia. A ideia de adoecer sozinho em um local que ainda não conheço bem, sem ter o apoio das pessoas em que mais confio, foi algo em que andei pensando nos últimos dias antes de viajar.

Outra coisa que me afligiu bastante foi a questão financeira. Em toda mudança, por menor que pareça, você tende a gastar muito, e foi exatamente o que aconteceu. Com a gasolina caríssima, gastamos bastante com combustível durante o trajeto e agora tenho gastado com muitas coisas para a minha nova casa, a qual, mesmo mobiliada, ainda precisa de alguns objetos mais específicos. Compras, compras e mais compras.

Alguns de nós, professores do IF, que precisamos mudar, somos oriundos, obviamente, de outras escolas públicas, sejam elas municipais ou estaduais. No meu caso, eu era professor do estado e buscava alcançar um novo patamar na minha carreira. Mas daí reflito sobre as razões de não se ter planos de carreira iguais para todas as esferas. Ora, eu gostava muito de trabalhar na rede estadual de ensino; e no IF, desde que comecei no ensino *on-line*, tenho feito um trabalho parecido com aquele que fazia no estado. Trata-se da mesma matéria, dos mesmos alunos de ensino médio. Inclusive, quando trabalho em turmas de ensino superior, as regras de compreensão de textos em língua inglesa são as mesmas. Enfim, o que quero levantar aqui é que, se tivéssemos a oportunidade de termos planos de carreira e salários parecidos em todas as esferas, não precisaríamos mudar tanto de um lugar para outro em busca de uma melhor alternativa relacionada a uma profissão em que já fazíamos o nosso melhor, na esfera anterior.

*“Pois bem, cheguei, quero ficar bem à vontade. Na verdade, eu sou assim, descobridor dos sete mares, navegar eu quero...”*. O que aprendia recentemente com um amigo é que quando se há muito caminho a trilhar, não se deve pensar no fim do trajeto, mas somente no próximo passo – e assim por diante até finalizar a caminhada. Apesar de achar que, para nós docentes, não sabemos bem onde, quando e como nossa trajetória findará.

O meu próximo passo aqui em Tucuruí é permanecer da melhor forma possível e esperar que naturalmente coisas boas aconteçam e que, parte do que eu deixei no Ceará possa ser completada aqui com o meu novo trabalho, com as novas amizades, com os novos lugares e a construção de novas

lembranças para que, quando eu volte a passeio ou de férias, tenha bastante histórias para contar sobre o meu novo lar. Tudo isso feito com muita música, pois são elas que têm preenchido o espaço quase vazio da minha nova casa. São elas que me têm feito companhia e composto a “trilha sonora” não só deste texto, mas da minha vida.

PARTE VI

*Um fecho acadêmico*





## Suprassumos da quintessência

*(Paulo Leminski)*

[...] Andar e pensar um pouco,  
que só sei pensar andando.  
Três passos, e minhas pernas  
já estão pensando.

Aonde vão dar estes passos?  
Acima, abaixo?  
Além? Ou acaso  
se desfazem ao mínimo vento  
sem deixar nenhum traço?



## **CENTRO FEDERAL TECNOLÓGICO X COLÉGIO DE APLICAÇÃO: EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS DE UM PROFESSOR DE ESPANHOL**

Antonio Ferreira da Silva Júnior  
(Professor do CAP-PPGLEN-UFRJ)

O cotidiano escolar é claramente constituído por um conjunto de vozes que enunciamos, ouvimos e acumulamos no decorrer de nossa atuação, circulação e vivência em diferentes espaços e ciclos formativos. Desses cruzamentos e experiências surge a importância da valorização de pesquisas no campo das autobiografias ou biografias educativas (SOUZA, 2006) na área educacional.

No âmbito da Linguística Aplicada, campo científico em que fundamento minha prática pedagógica, alguns são os pesquisadores que defendem a inserção de estratégias e elementos narrativos no campo da formação e do ensino de línguas.

Diante da importância de refletir sobre o narrar docente, este ensaio tem como objetivo, a partir de um relato memorialístico, promover uma reflexão sobre minha atuação como docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) em dois contextos institucionais da esfera pública federal: no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) e no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAp-UFRJ). Nesse exercício de narrar o vivido, busco produzir sentidos para as experiências passadas e presentes, vislumbrando a ressignificação de minha prática nos próximos anos. Além disso, pretendo contribuir para os pares que almejam se aproximar um pouco mais das realidades educacionais narradas.

Tomo como elemento motivador para a produção deste ensaio um pensamento do linguista aplicado Telles (2002, p. 16), quando o pesquisador afirma que nem sempre “o professor é considerado como possuidor de um conhecimento pessoal prático, advindo de suas experiências de vida e das histórias que vive com seus alunos em sala de aula ou com seus colegas”. O entendimento do autor sobre o ato de narrar a experiência educacional reforça como as memórias que circulam sobre a escola são fundamentais para a construção de novas epistemologias. Também são relevantes para dar a co-

nhecer aspectos da trajetória da formação pessoal, acadêmica e pedagógica dos professores.

Para dar conta do objetivo traçado, o ensaio organiza-se em seções que buscam problematizar: os estudos narrativos e a prática docente, a atuação do docente EBTT, o trabalho com língua espanhola nos dois contextos vivenciados e, por fim, os questionamentos finais.

## **Estudos narrativos e prática docente**

De acordo com Josso (2004), narrar é compartilhar uma experiência expondo vivências, memórias e experiências a partir de um evento que marca a vida dos sujeitos narradores. O sujeito ao narrar busca compreender a realidade investigada compondo sentidos e sendo transformado ao mesmo tempo pela experiência vivida.

Telles (2002) classifica o método narrativo como um tipo de pesquisa qualitativa em que o sujeito-professor encontra espaço para sua reflexão, autonomia e desenvolvimento de sua identidade profissional. Além de dar a oportunidade do autoconhecimento, a pesquisa narrativa proporciona ao professor de línguas estudos sobre a representação de sua prática. Diante dessa natureza investigativa, os sujeitos-narradores são “[...] agenciadores de suas reflexões e autores de suas próprias representações”, ou seja, organizam suas experiências de vida e profissionais e também podem construir sentidos para elas. Como exposto, as narrativas são importantes para a constituição de uma identidade (pessoal e/ou profissional), que pode ser considerada múltipla, assim como as narrativas também são sempre incompletas e dialéticas.

A perspectiva narrativa de (auto)formação promove importantes contribuições para a formação do professor reflexivo e de educadores agenciadores e transformadores (CELANI, 2002; TELLES, 2002), pois podem modificar o caráter tecnicista e pessimista da docência.

O emprego neste ensaio dos pressupostos da pesquisa narrativa parte da necessidade de questionar minha identidade profissional por meio da recuperação de vivências e trocas coletivas, sendo essa experiência formadora tomada pela “sensibilidade, afetividade e ideação” (JOSSO, 2004, p. 48). Compreendo a narrativa como (auto)formadora, porque possibilita revisitar escolhas pedagógicas pessoais e a importância de participar de uma comu-

nidade de atenção mútua (TELLES, 2002), contribuindo para a formação docente como uma ação sobre si e os demais sujeitos.

Na linha dos estudos sobre narrativas de aprendizagem, outro aspecto importante é pensar, de acordo com Paiva (2006, p. 67), que as narrativas também “trazem à tona os afetos e os ressentimentos associados, respectivamente, a momentos agradáveis e lembranças desagradáveis que agiram como forças perturbadoras que contribuíram para a desestabilização da situação estável”. Com isso, cabe evidenciar que meu relato nas próximas seções traz à tona memórias de aprendizagem, de partilha e também aponta frustrações e desafios da carreira docente. O relato pode, ainda, desconstruir idealizações do magistério federal por parte do leitor.

### **Breves sentidos sobre a atuação do docente EBTT**

O uso das narrativas como objeto de análise toma o indivíduo e suas experiências de vida e de formação como objeto de estudo e como base de produção para novos conhecimentos relativos à pessoa e seu trabalho. Acredito que o perfil e a missão de ensino de cada instituição apresentam dinâmicas sociais e discursivas diferentes para a construção da identidade profissional docente. Pimenta (1999, p. 19), ao refletir sobre a identidade profissional do docente, demonstra que ele só concebe tal relação “[...] com outros professores nas escolas, nos sindicatos e em outros agrupamentos”. A todo o momento, convivem-se nas instituições diferentes perfis profissionais, gerações formativas e identidades de trabalho.

Alguns são os estudos que circulam sobre o trabalho e a carreira docente EBTT (SANTIAGO, 2015; SILVA JÚNIOR, 2016), e essas pesquisas apontam a complexidade de entendimento da identidade social desse profissional que está presente em instituições de ensino que assumem identidades institucionais múltiplas, tais como: Institutos Federais, Centros Federais de Educação Tecnológica, Colégios de Aplicação e Técnicos de Universidades Federais, Creches Universitárias, instituições secundaristas e de ensino superior do Exército, da Aeronáutica e da Marinha e, por fim, Universidade Tecnológica. Tal multiplicidade de espaços educacionais denota como o debate sobre a atuação do professor EBTT é complexa e gera representações diferenciadas sobre seu trabalho, ademais de requerer um diálogo constante sobre os desa-

fios da carreira. Pode-se ressaltar que as relações e as vivências em cada um dos contextos de ensino citados anteriormente são responsáveis por construir sentidos sobre a atuação e o perfil que se espera do professor EBTT.

Resgato para este texto minhas reflexões (SILVA JÚNIOR, 2016) sobre a polivalência da atuação do professor EBTT de línguas no contexto dos Institutos Federais. A verticalidade proposta entre os níveis de ensino para essas instituições e a atuação em diferentes cursos (do ensino integrado aos de pós-graduação) são os responsáveis por gerar no próprio docente dificuldades na construção de uma identidade profissional em determinado campo científico. Em dados gerados em estudos de campo (SILVA JÚNIOR, 2016, 2017), pude questionar a falta de clareza do perfil docente EBTT da área de línguas estrangeiras nos concursos públicos. Ainda hoje, alguns concursos para professores dos Institutos Federais requerem dupla ou tripla habilitação, o que acaba por demandar que o docente leccione mais de um componente curricular e assuma excessiva carga horária. Além disso, como a carreira EBTT também possibilita a atuação em cursos superiores no âmbito das instituições tecnológicas, normalmente, as seleções não esclarecem o contexto futuro de trabalho. Ou seja, não é esclarecido ao candidato se ele leccionará somente em turmas no ensino médio ou em cursos de licenciatura da própria área, por exemplo. Outro aspecto bastante problemático desses concursos, quando demandam dupla habilitação, está na incerteza de alguns editais em não especificar em qual língua estrangeira as provas (didática e escrita) ocorrerão.

Já a pesquisa de Santiago (2015) destaca a falta de formação pedagógica específica de professores EBTT para leccionar em determinados cursos. Além disso, o estudo questiona a falta de reconhecimento social da carreira no cenário nacional.

Nas próximas seções, pretendo justamente narrar episódios de duas experiências como docente de língua espanhola, sendo a primeira mediante concurso público e a segunda por pedido de redistribuição.

## Recordações do trabalho no CEFET/RJ: o início da caminhada

Tomei posse em 1º de agosto de 2007 como docente da carreira do 1º e 2º graus, nome anterior ao cargo EBTT, e fui concursado para a área de Língua Espanhola, apesar de a prova escrita de seleção incluir questões objetivas de Língua Portuguesa. Antes de minha chegada, a instituição já contava com uma docente efetiva da área de espanhol no *campus* sede. Minha entrada foi decorrente da implementação da língua espanhola de forma gradativa nas turmas regulares do Ensino Médio e da inserção da disciplina no curso técnico de Turismo, no *Campus* Maracanã.

Nessa época, ainda não tinha leituras e muita clareza sobre a educação profissional e o ensino de línguas nessa modalidade. Já tinha concluído o Mestrado na área de Letras Neolatinas, no entanto, minha pesquisa não dialogava em nada com o contexto escolar e se distanciava muito daquele novo universo em que me inseria profissionalmente. Considero que as experiências com as primeiras turmas e as trocas acadêmicas estabelecidas com as docentes de Língua Inglesa foram fundamentais para minha conscientização e “formação auto-sustentada” (ALMEIDA FILHO, 1997) sobre a necessidade de construir uma prática docente mais adequada ao perfil de aluno da educação profissional. Logo no primeiro ano, tive a oportunidade de participar da elaboração das ementas e do material didático de espanhol para as turmas de ensino médio. Por necessidade do curso técnico de Turismo, também fui convidado para lecionar duas disciplinas de Expressão oral e escrita em Língua Portuguesa por alguns semestres. Nesse exercício de reviver o passado e compreender os caminhos (auto)formativos trilhados, avalio que a experiência inicial como docente dos cursos técnicos me possibilitou a construção de uma identidade profissional vinculada à área epistemológica da abordagem de línguas para fins específicos (RAMOS, 2019), campo científico facilitado pelas trocas acadêmicas com as demais pesquisadoras de línguas da instituição.

No segundo semestre de 2008, tive minha primeira experiência na área de gestão acadêmica do *Campus* Nova Friburgo, localizado na região serrana do Rio de Janeiro, convite oriundo da expansão da instituição naquele período. Novamente, o CEFET/RJ me possibilitava em tão pouco tempo contribuir na gerência acadêmica de uma unidade de ensino e vivenciar o ensino de

espanhol na Graduação Tecnológica da área de Turismo. Em pouco tempo, como gestor e docente, colaborei na criação de um Centro de Línguas e de curso de Especialização na área de Educação e Culturas da América Latina.

Em junho de 2010 voltei a lecionar espanhol no ensino médio e superior no *Campus* Maracanã. Ao retornar para a unidade sede, recuperei memórias de muitas experiências envolvendo atividades de gestão, ensino, extensão e pesquisa. E outros momentos de incerteza, lutas e debates pela permanência da língua espanhola na oferta do ensino médio integrado a partir de 2014. No exercício de resgate de eventos significativos e na tentativa de recompor sentidos para minhas experiências, destaco a atuação como autor de dois projetos acadêmicos que marcam de forma muito emotiva meu trabalho nessa instituição: uma especialização em Ensino de Línguas Estrangeiras (em 2011) e um Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (em 2014). Ter participado da idealização e atuar como docente desses cursos no CEFET/RJ, instituição que também conta com docentes da carreira do Magistério Superior em seu quadro, demonstra como o órgão enxerga e possibilita a autonomia do docente EBTT em ações de diferentes naturezas e campos do saber.

Apesar do ótimo relacionamento com colegas de área, estudantes de diferentes níveis de ensino e gestores, optei por abrir um processo de redistribuição para atuar em um Colégio de Aplicação pelo fato de querer trabalhar, principalmente, com a formação inicial de professores de espanhol e vislumbrar nessa realidade a possibilidade de colocar em prática um projeto antigo: direcionar minhas pesquisas acadêmicas ao ensino de espanhol na educação básica e nas reformas curriculares de formação de professores.

### **A caminhada atual: entendendo meu papel no CAp-UFRJ**

Início minha jornada no CAp em 15 de junho de 2018 mediante processo de redistribuição. Sou o primeiro professor efetivo de espanhol da instituição que iniciou suas atividades em 1948. Como minha identidade profissional nesse contexto ainda se encontra em processo de construção, seleciono e rememoro algumas vivências para meu relato narrativo com o intuito de contribuir para que o leitor possa conhecer um pouco mais o trabalho de um professor EBTT em um colégio universitário.



Em poucos meses de trabalho, consegui perceber que o colégio tem uma rotina muito autônoma da Universidade. Apesar de ser um órgão suplementar do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, avalio que existe um apagamento e desconhecimento da carreira EBTT na rotina universitária. Nem todos os editais de bolsas, financiamentos e, principalmente, da área da internacionalização oferecem espaço para as ações científicas desenvolvidas pelos professores EBTT. Infelizmente, ainda parece existir na Universidade uma representação de que o docente dessa carreira ainda se limita simplesmente a dar aulas na Educação Básica. Falta clareza em alguns colegiados e setores representativos do envolvimento do docente EBTT na pesquisa e na pós-graduação. Essa luta para evidenciar o trabalho docente EBTT e para ampliar sua atuação na Universidade é uma tarefa diária de todos nós servidores da Educação Básica, *locus* responsável pela formação e acompanhamento do estágio dos estudantes dos cursos de Licenciatura da própria UFRJ e demais instituições parceiras.

Sobre minhas memórias do Colégio, também ressalto um espaço de convivência bem diferente ao que estava acostumado. No Centro Federal, o ambiente de convívio entre estudantes, professores e servidores administrativos era muito próximo ao cenário universitário. Já sobre o espaço da escola de aplicação em questão, além das carências de infraestrutura e limitações de espaço físico, a atmosfera do lugar é de muita correria de crianças, barulho entre jovens e fiscalização de entrada e saída dos estudantes, considerando que no Colégio convivem alunos de diferentes faixas etárias, inclusive suas famílias.

Outro aspecto que também me desperta algumas reflexões e incômodos é o formato administrativo da gestão escolar. Apesar de o contexto em questão ser altamente democrático e de escuta entre os pares, muitas questões pedagógicas e administrativas acabam sendo resolvidas tardiamente por conta da estrutura interna dos debates: reuniões de setores curriculares e de séries escolares, plenárias com todos os servidores e encontros do conselho diretor da unidade. Em minha opinião, falta uma objetividade maior nos debates e nas decisões por parte das diferentes diretorias (geral, de ensino e de pesquisa e extensão).

Sobre minha narrativa de trabalho com a língua espanhola, gostaria antes de salientar que esse idioma encontrou alguns obstáculos para sua ple-

na inserção na grade curricular do Colégio. No histórico da instituição, as Línguas Inglesa e Francesa sempre figuraram na matriz curricular dos Ensinos Fundamental e Médio. Já o espanhol permaneceu como língua optativa durante muitos anos e sem espaço representativo nos principais conselhos deliberativos. Somente em 2020, em período pandêmico, a língua passou a configurar como matéria obrigatória entre as opções de língua estrangeira do Ensino Médio. Aliado à presença de um professor efetivo, penso que esse gesto será fundamental para o crescimento e o reconhecimento do Setor de Espanhol nos próximos anos.

Outra vez, pude vivenciar no CAP a experiência de implementar e desenhar um programa curricular para iniciar o trabalho em turmas de espanhol do Ensino Médio. Diferentemente do perfil de estudantes do CEFET/RJ, os do CAP, normalmente, cursam o Ensino Fundamental no próprio colégio e acabam trazendo imagens e concepções de ensino de línguas estrangeiras que se chocam em parte com meu entendimento do compromisso e do papel da língua espanhola no currículo. Apesar de a minha linha de trabalho se apoiar nos pressupostos da área de línguas para fins específicos, dialogo com a perspectiva do ensino pelo viés dos letramentos críticos e dos gêneros textuais/discursivos (DUBOC, 2014). Dessa forma, venho me questionando no exercício constante de autorreflexão sobre a adequação de minha concepção de linguagem ao perfil dos discentes do colégio.

Após realizar uma breve pesquisa bibliográfica em artigos da área e no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), infelizmente, detectei carência de estudos científicos sobre o ensino de línguas no contexto dos colégios de aplicação e isso dificulta recuperar a memória e as práticas pedagógicas desses espaços. No CAP-UFRJ, um dos Setores de língua estrangeira assume uma linha de trabalho, desde o Ensino Fundamental, pautada na abordagem comunicativa e na sistematização de alguns conteúdos gramaticais. Em consequência dessa postura, acredito que o trabalho nas aulas de Língua Espanhola esteja sendo impactado pelas representações que circulam entre o corpo estudantil a respeito do que seja aprender uma língua estrangeira.

Atuar no CAP também me traz vivências muito positivas e que atendem ao propósito inicial quando solicitei minha redistribuição. Tive a oportunidade de incluir o Colégio como campo prático do Programa Institucional de

Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), e de orientar pesquisas e a produção de unidades didáticas para oficinas de espanhol. Desde 2018, coordeno um projeto de extensão sobre elaboração de projetos de pesquisa na área de ensino de espanhol e participo do Núcleo de Planejamento Pedagógico da Licenciatura em Letras (Português-Espanhol). Em 2019, consigo ingressar como docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas (Estudos Linguísticos) da Faculdade de Letras da UFRJ e iniciar a orientação de pesquisas no campo da Linguística Aplicada, do ensino e da formação de professores de espanhol. Além da realização pessoal e profissional de contribuir com o Programa do qual sou egresso, essa atuação assume também um compromisso político e em defesa da carreira EBTT no âmbito dos cursos de Pós-Graduação *Sricto Sensu* da Universidade.

### **Considerações finais: como seguir a caminhada?**

O exercício de rememorar, brevemente neste ensaio, eventos e situações vividas no decorrer de minha atuação como professor de espanhol EBTT em dois contextos institucionais, me permitiu colocar em prática a pesquisa narrativa como um movimento de investigação pautado na dimensão de “auto-escuta” (SOUZA, 2006) de minhas concepções e posicionamentos, como se eu estivesse (re)vivendo as aprendizagens construídas nos contextos de trabalho. Entender a si mesmo facilita a problematização das tensões pessoais do sujeito que narra a experiência.

Na linha proposta por Telles (2002), entendo o exercício narrativo como uma prática investigativa que contribui para o desenvolvimento profissional do educador de maneira participativa e humanística, favorecendo para gerar ares mais otimistas e menos prescritivos no cotidiano pedagógico.

Ainda que a intenção não tenha sido comparar as duas realidades retratadas no relato, o ato de rememorar a caminhada acaba por aproximar práticas e crenças comuns e compartilhadas que compõem minha construção identitária como professor de espanhol, independentemente do local de atuação. Penso que a maior contribuição do relato seja cooperar com uma memória de atuação nesses espaços e apontar uma base de conhecimentos para gerações futuras que venham a se incorporar como corpo docente dessas instituições.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, J. C. P. Tendências na formação continuada do professor de língua estrangeira. **Aplicação** – Ensino e Pesquisa. Publicação da Associação dos Professores de Língua Inglesa do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, n.1, p. 29-41, 1997.
- CELANI, M. A. A. **Professores e formadores em mudança**: relato de um processo de reflexão e transformação da prática docente. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- DUBOC, A. P. Letramento crítico nas brechas da sala de aula de línguas estrangeiras. In: TAKAKI, N. H.; MACIEL, R. F. (Orgs.). **Letramentos em terra de Paulo Freire**. Campinas: Pontes Editores, 2014, p. 195-207.
- JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. Trad. José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.
- PAIVA, V. L. M. O. Memórias de aprendizagem de professores de língua inglesa. **Contexturas**, v. 9, p. 63- 78, 2006.
- PIMENTA, S. G. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.
- SANTIAGO, R. V. O trabalho docente no ensino básico, técnico e tecnológico: o caso do IF Sudeste MG – *Campus* Rio Pomba. **Dissertação de Mestrado em Educação**. Viçosa, MG, 163f., 2015.
- RAMOS, R. C. G. De Instrumental a LinFE: percursos e equívocos da área no Brasil. In: SILVA JÚNIOR, A. F. (Org.). **Línguas para fins específicos**: revisitando conceitos e práticas. Campinas: Pontes Editores, 2019, p. 23-41.
- SILVA JÚNIOR, A. F. Prova escrita para professor de Português/Espanhol do Instituto Federal do Rio de Janeiro: histórico dos concursos públicos e perfis docentes. In: SILVA JÚNIOR, A. F. (Org.) **Ensino de Espanhol nos Institutos Federais**: cenário nacional e experiências didáticas. São Paulo, Campinas: Pontes Editores, 2017, p. 51-71.
- SILVA JÚNIOR, A. F. Cursos de Licenciatura em Letras/Espanhol nos Institutos Federais: percurso histórico e narrativas de professores formadores. In: SILVA JÚNIOR, A. F.; SANTOS, R. C. (Orgs.). **Retratos de cursos de Licenciatura em Letras/ Português-Espanhol**. Curitiba: Editora Appris, 2016, p. 39-149.
- SOUZA, E. C. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. (Orgs.) **Memória e formação de professores**. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 59-74.
- TELLES, J. A. A trajetória narrativa: histórias sobre a prática pedagógica e a formação do professor de línguas. In: GIMENEZ, T. (Org.). **Trajetórias na formação de professores de línguas**. Londrina: Ed. UEL, 2002, p. 15-38.

## ORGANIZADORES



**Carla Lima Richter** (She, Her, Hers) é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE). É doutoranda em Linguística na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e mestra em Linguística pela mesma instituição. É membro dos Grupos de Pesquisa LIGUE (Linguagem, Línguas, Escola e Ensino) e LACELI (Linguagem, Ação, Crítica e Educação em Língua Inglesa). Seus

interesses de estudo convergem para os seguintes temas: argumentação na perspectiva enunciativa-dialógica; teorias decoloniais; interculturalidade; multiculturalidade; multiletramentos; Atividades Sociais e Teoria da Atividade Sócio-Histórico-Cultural (TASHC).

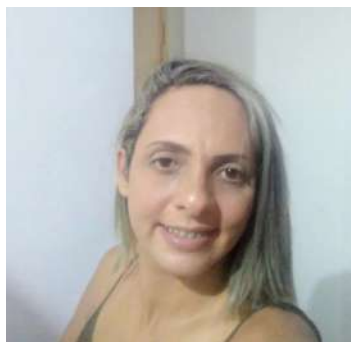
*E-mail:* carlalrichter@yahoo.com.br



**Sóstenes Renan de Jesus Carvalho Santos** é pernambucano do sertão e professor efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Licenciado em Letras (Português/Inglês e suas literaturas) pela Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central/PE; Especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade de Pernambuco (UPE) e Mestre em Letras (Linguagens e

Letramentos) pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/PB). Atualmente é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPG-LA) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É membro do GEDLit (Grupo de Estudos em Didática da Literatura), no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/Unicamp); e do Neabi (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas), no IFCE *Campus* Tianguá. É também um incorrigível apaixonado por literaturas e militante pró-feminista e antirracista. *E-mail:* srj.carv.s@gmail.com

## AUTORAS E AUTORES



**Adriana do Socorro Serra Paiva de Moura** é professora EBTTC de Língua Portuguesa no Instituto Federal do Pará (IFPA), *Campus Tucuruí*. Possui Especializações em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura; e em Cultura e Literatura. É Mestre em Linguagem e Sociedade pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

*E-mail:* [adrianamouraifpa@gmail.com](mailto:adrianamouraifpa@gmail.com)



**Antonio Ferreira da Silva Júnior** possui Graduação em Letras (Português-Espanhol), Mestrado e Doutorado em Letras Neolatinas pela UFRJ. Especialização em Língua Espanhola Instrumental pela UERJ. Pós-Doutorado em Linguística Aplicada pela PUC-SP e em Educação pela USP. É professor de Língua Espanhola da Universidade Federal do Rio de Janeiro, atuando no Colégio de Aplicação e no Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Faculdade de Letras (Estudos Linguísticos/Espanhol). Vice-Presidente da Associação Brasileira de Hispanistas (ABH). Tem experiência na área de Linguística Aplicada com ênfase nos seguintes temas: formação de professores de espanhol e ensino de espanhol na educação profissional. *E-mail:* [afjrespanhol@gmail.com](mailto:afjrespanhol@gmail.com)



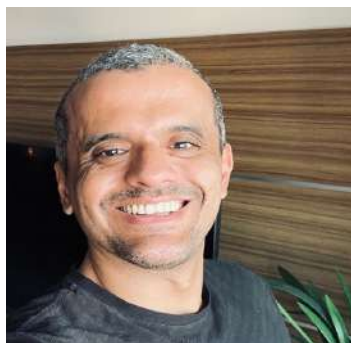


**Bruno Bufuman Alecrim** é mestrando em Ensino Tecnológico pelo Instituto Federal do Amazonas (IFAM). Graduado em Letras (Português e Espanhol). Professor EBTT de Espanhol no Instituto Federal do Amazonas (IFAM), *Campus* Presidente Figueiredo. Rondoniense, pai da Júlia, esposo da Jaine, filho da dona Odenice e do seu Odair.

*E-mail:* alecrimbufuman@gmail.com



**Camila de Nazaré Colares da Rocha** nasceu em Belém do Pará e ainda criança mudou-se com a família para Macapá (AP), cidade que a acolhe até hoje. É graduada em Letras Bacharelado pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá (IESAP, 2007), e em Letras Licenciatura pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP, 2013). Possui especializações em Docência do Ensino Superior pela Faculdade de Tecnologia do Amapá (META, 2007), e em Língua Inglesa, pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá (IESAP). Trabalha como professora de Língua Inglesa há dezenove anos; destes, cinco são dedicados ao Instituto Federal do Amapá (IFAP). *E-mail:* camila.calculadora10@gmail.com



**Carlos Henrique Andrade de Sousa** é professor de língua inglesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), *Campus* Tucuruí, desde novembro de 2020. Atualmente é mestrando em Ensino e Formação Docente (PPGEF UNILAB-IFCE). É licenciado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e graduado em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Professor de língua inglesa desde o ano de 2003.

*E-mail:* carlos.sousa@ifpa.edu.br



**Cristiane de Souza Castro** é graduada em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); especialista em Psicologia da Educação (FARIFE/PE) e em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa (Estácio de Sá); mestre em Letras/Linguística (UFPE). É professora de língua portuguesa e de língua espanhola do *Campus* Picuí do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB)

desde 2014, ministrando aulas no ensino básico e no curso superior de Tecnologia em Agroecologia e superior em Licenciatura em Letras. Atuou como professora de português e de espanhol na educação básica e na superior, em Olinda (PE) e em Recife (PE), de 1997 a 2013. Atualmente coordena o Núcleo de Línguas (NuLi), o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Sexualidade, Gênero e Diversidade (NESGD); colabora com o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI); integra o colegiado do curso superior de Tecnologia em Agroecologia; e é membro do Grupo de Pesquisa Agroecologia e Sociedade (IFPB/CNPq). *E-mail*: crscastrope@gmail.com



**Danúbia Barros Cordeiro Cabral** é Doutora (2013) e Mestra (2008) em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, 2007) e graduada em Letras – Língua Vernácula pela UFPB (2005). Atua como professora dos ensinos médio, técnico, tecnológico e superior do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), *Campus* Santa Luzia. É pesquisadora do Grupo de Pesquisa

TEOSSENO – Teorias do sentido: discursos e significações (CNPq), no *Campus* Santa Luzia.

*E-mail*: danubia.cabral@ifpb.edu.br





**Guilherme Sachs** é Graduado em Letras hispano-portuguesas pela Universidade Estadual de Londrina (UEL); em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); em Artes Visuais pela Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES) e em Geografia também pela UNIMES. Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR) e em Educação a Distância – gestão e tutoria pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci. Mestre em Estudos da Linguagem na área de concentração em Linguagem e Educação pela UEL. Atualmente, atua como docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná, ministrando aulas no Ensino Médio, na Licenciatura em Física e na Especialização em Ensino de Ciência e Tecnologia. Defende uma educação intercultural e inclusiva. Ele é AntiLGBTI+fóbico, pró-feminista, antirracista e totalmente avesso às desigualdades sociais. *E-mail:* [guilherme.sachs@ifpr.edu.br](mailto:guilherme.sachs@ifpr.edu.br)



**Jorge Alberto Lago Fonseca** é Doutor em Educação (Unisinos) e Mestre em Educação nas Ciências (Unijuí). Possui especializações em Língua Portuguesa (URI – Santo Ângelo); em Gestão Escolar (UFRGS); e em Políticas e Intervenção em Violência Intrafamiliar (Unipampa – São Borja). É Licenciado em Letras (Língua Portuguesa e Literatura) pela Universidade da Região da Campanha (Urcamp/São Borja). Seus temas de interesse são: gêneros textuais; ensino de literatura; avaliação; qualidade da educação; políticas educacionais; gestão escolar e educação popular. É professor de Língua Portuguesa; Literatura Brasileira; Políticas, Gestão e Organização da Educação e Educação Profissional e EJA. Atualmente, é diretor-geral do *Campus* Panambi, no Instituto Federal Farroupilha (IFFarroupilha). *E-mail:* [jorge.fonseca@iffarroupilha.edu.br](mailto:jorge.fonseca@iffarroupilha.edu.br)



**José Aldo Ribeiro da Silva** nasceu em Garanhuns, interior de Pernambuco. É mestre e doutorando em Literatura e Interculturalidade, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Possui especialização em ensino de língua portuguesa e suas literaturas e graduação em Letras, com habilitação em português e suas literaturas, pela Universidade de Pernambuco (UPE). Atualmente é professor do Instituto Federal do

Sertão Pernambucano (IFSertãoPE), onde atua nas áreas já mencionadas e desenvolve atividades de pesquisa e extensão voltadas, principalmente, para o estudo de relações literárias e culturais entre os países da lusofonia.

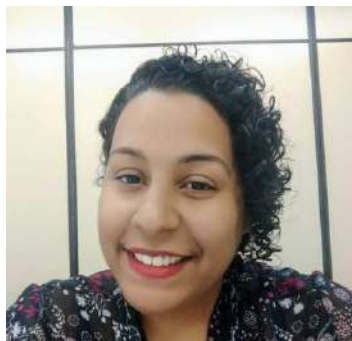
*E-mail:* ribeirosilva19@hotmail.com



**Joyce Luciane Correia Muzi** é Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestra em Tecnologia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná e Mestra em Ciências da Educação pela Universidad del Norte/Asunción/Py. Possui formação em Letras licenciatura (Português/Espanhol) e em Educação Bilíngue para Surdos e Surdas. É docente do Instituto Federal do Paraná

(IFPR), *Campus* Curitiba; líder do Núcleo de Estudos Interdisciplinares de Gênero, Diversidade e Inclusão (NeGeDI/IFPR); pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero (NEG/UFPR); e membra do Núcleo de Arte e Cultura do IFPR, *Campus* Curitiba. Feminista decolonial e antirracista, desenvolve pesquisa e extensão sobre os seguintes temas: estudos feministas e de gênero; literatura escrita por mulheres; mulheres nas ciências e nas artes; direitos humanos das mulheres; educação em direitos humanos.

*E-mail:* Joyce.muzi@ifpr.edu.br



**Karinine Carla Albuquerque de Oliveira** é doutoranda em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Possui licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, Espanhola e Suas Literaturas – Faculdades da Escada (2006). Possui especialização em Práticas Docentes da Língua Espanhola – FAFIRE (2011) e Mestrado em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (2021). Atualmente é professora efetiva de Língua Espanhola no Instituto Federal do Sertão Pernambucano, *Campus* Petrolina. Seus interesses de pesquisa voltam-se para os seguintes temas: estudos históricos voltados para Português e Espanhol; Processo de Ensino-aprendizagem de Espanhol; Gramática Contrastiva entre Português e Espanhol; Estudos sintáticos de linha gerativista e Estudos sobre o espanhol como Língua de Herança. *E-mail*: karinine.oliveira@ifsertao-pe.edu.br



**Lisiane De Cesaro** é Mestra em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, com bolsa CAPES. Tem experiência no ensino de língua portuguesa e língua inglesa. Atualmente, exerce a função de docente de Língua Portuguesa e Língua Inglesa no Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Catarinense (IFC), *Campus* Ibirama. Exerceu atividade docente de língua portuguesa, produção textual e língua inglesa no Sistema Educacional Ironi Andrade. Foi professora substituta no IFRS, *Campus* Sertão, durante o ano de 2012. Atuou na docência de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, no ensino médio, e ministrou a disciplina de Inglês Instrumental nos cursos de Zootecnia, Agronomia e Agronegócio e, ainda, na docência do Inglês Técnico no curso Técnico em Suporte e Manutenção de Computadores ofertado pelo Programa Nacional de Apoio ao Ensino Técnico, PRONATEC, no *Campus* Sertão. *E-mail*: lisiane.decesaro@ifc.edu.br



**Maiara Alvim de Almeida** é professora de português, inglês e literaturas. Graduada em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Letras – Estudos Literários pela UFJF e Doutora em Letras – Estudos Literários também pela UFJF. Mineira emprestada, nascida em Volta Redonda (RJ). Atualmente, faz parte do corpo docente do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), *Campus Avançado*

Resende. Além disso, é membra e diretora-administrativa da ASPAS (Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial). Desenvolve pesquisas sobre diálogos entre literatura e quadrinhos e recepção em meio eletrônico.

*E-mail:* maiaralvim@gmail.com



**Manoel Silva e Souza** é graduado em Letras pela Universidade de Cuiabá (UNIC, 2008); possui especializações em Linguística Aplicada pelo Instituto Cuiabano de Educação (ICE, 2011); em Ensino da Língua Materna pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT, 2014); e em Gestão Pública de Ensino pelo Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT, 2020). Atualmente é mestrando em Educação Profissional e Tecnológica no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT). É professor efetivo da Rede Federal desde 2013. *E-mail:* silva.souza@ifmt.edu.br



**Marcos Antônio da Silva** é professor de Língua Portuguesa no Instituto Federal de Alagoas (IFAL) desde janeiro de 2017. Nasceu em Santa Rita, município paraibano, em 11 de janeiro de 1978. Estudou desde o primário até a universidade em instituições públicas. Filho de Maria das Dores, doméstica e analfabeta, e de Luiz Antônio, pedreiro e comerciante aposen-

tado, fez o ensino médio no Lyceu Paraibano, em João Pessoa, entre 1994 e 1996, mesmo período em que cursou Artes Gráficas no SENAI. Em 1997, após aprovação no vestibular, iniciou o curso de Graduação em Letras na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Ainda nessa instituição, fez Especialização em Língua Portuguesa e Ensino; Especialização em Ciências da Linguagem com Ênfase em EaD e, posteriormente, Mestrado e Doutorado em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB. Já atuou como professor das redes pública e privada de João Pessoa e também foi professor substituto no Instituto Federal da Paraíba (IFPB). Além de pesquisador nas áreas de Leitura, Pragmática e Semântica Argumentativa, tendo apresentado trabalhos em eventos nacionais e internacionais, publicado inúmeros capítulos de livros e organizado outros tantos na área da Linguística, o professor Marcos Antônio também é poeta e em 2019 ganhou um concurso para novos poetas paraibanos, realizado pela Editora Universitária da UFPB e, na ocasião, teve seu livro de poemas *Gota serena* publicado. *E-mail*: marco\_sil2@hotmail.com



**Maria Auxiliadora Bezerra de Araújo** tem formação em Serviço Social pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e especialização em Educação de Surdos numa perspectiva bilíngue pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (DESU-INES). É licenciada em Letras/Libras (Língua Brasileira de Sinais) e tutora de Libras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Tradução e Interpretação (PGET-UFSC). Surda de nascença, é militante feminista surda e ex-coordenadora de Políticas para Mulheres Surdas, pela Feneis (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos). *E-mail*: dodora100@gmail.com





**Natan Gonçalves Fraga** é Mestre em Letras Estrangeiras Modernas pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Atualmente, é professor do Instituto Federal do Paraná (IFPR) e doutorando em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Coordena o Centro de Línguas (CELIF) do IFPR, Campus Campo Largo. Desenvolve e orienta pesquisas nas seguintes áreas: língua espanhola como língua adicional;

processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras/adicionais; América Latina, interculturalidade crítica e decolonialidade.

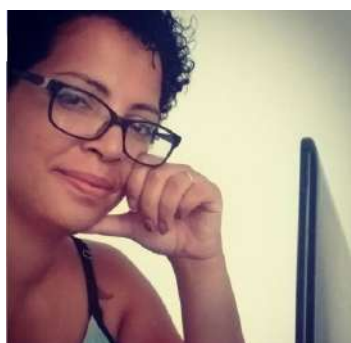
E-mail: [natanfraga@gmail.com](mailto:natanfraga@gmail.com)



**Onilma Freire dos Santos** é Graduada em Letras (2008) e Mestra em Linguística (2013) pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atualmente, é professora EBTT efetiva do Colégio Militar do Recife. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Línguas Estrangeiras Modernas, atuando principalmente nos seguintes temas: aprendizagem; argumentação; literatura, discurso e língua. Foi

bolsista CNPq durante a graduação; e da CAPES, no período do mestrado.

E-mail: [onilma\\_freire@yahoo.com.br](mailto:onilma_freire@yahoo.com.br)



**Samira dos Santos Ramos** é paulista e Mestra em Letras na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (FFLCH/USP). Pesquisa as áreas de Literatura Infantil e suas intersecções com gênero e raça. É editora da Revista *Alembra*, do IFMT *Campus Confresa*, e membro do NEABI / NUMDI – IFMT. Atua como docente no Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), *Campus Bambuí*. Casada

com João, mãe de Juan e Ana, ainda pretende trabalhar mais perto da areia

da praia no Nordeste brasileiro. *E-mail*: samiraramos@alumni.usp.br



**Talita de Souza Massena** é Mestre em Educação: currículo, linguagens e inovações pedagógicas, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). É Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas pelo Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão (2007). E possui graduação em Licenciatura em Letras, com habilitação em Português, Inglês e Literaturas, pela Universidade de Pernambuco (UPE) – Faculdade de Formação de Professores de Petrolina (2001). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: estudo da Língua Portuguesa, produção de textos, literatura, expressão oral, dança e teatro. É professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no IF Sertão PE, desde 2009.

*E-mail*: talita.massena@hotmail.com

## REFERÊNCIAS DAS EPÍGRAFES

ANTUNES, Arnaldo. Tira a asa e voa. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/literatura/arnaldo-antunes.htm>. Acesso em: 28 set. 2021.

CAMPOS, Augusto de. O inesperado faz os corações baterem mais. Disponível em: <https://artebrasileiros.com.br/topo/augusto-de-campos-abre-nova-exposicao-e-chama-o-momento-atual-do-brasil-de-deploravel/>. Acesso em: 28 set. 2021.

CORALINA, Cora. Vintém de cobre: meias confissões de Aninha. 10. ed. São Paulo: Global, 2013 (p. 148).

FONTELA, Orides. Poesia completa. Org. Luis Dolhnikoff. São Paulo: Hedra, 2015 (p. 140).

LEMINSKI, Paulo. Toda poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013 (p. 262).

LUCINDA, Elisa. Vozes guardadas. Rio de Janeiro: Record, 2016 (p. 127).